

EVA CHASE

CONECTADA  
...AOS...  
DEUSES

O DESPERTAR DA VALQUIRIA · LIVRO 2

Galuba 

CONECTADA  
...A OS...  
DEUSES

O DESPERTAR DA VALQUÍRIA · LIVRO 2

EVA CHASE

*Tradução de Déborah Mathias*

**Galuba** 

# SUMÁRIO

- [1. Aria](#)
- [2. Baldur](#)
- [3. Aria](#)
- [4. Aria](#)
- [5. Hod](#)
- [6. Aria](#)
- [7. Aria](#)
- [8. Loki](#)
- [9. Aria](#)
- [10. Aria](#)
- [11. Thor](#)
- [12. Aria](#)
- [13. Aria](#)
- [14. Baldur](#)
- [15. Aria](#)
- [16. Aria](#)
- [17. Hod](#)
- [18. Aria](#)
- [19. Aria](#)
- [20. Aria](#)
- [21. Loki](#)
- [22. Aria](#)
- [23. Aria](#)
- [24. Thor](#)

[25. Aria](#)

[26. Aria](#)

[O DESPERTAR DA VALQUÍRIA](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça a Galuba editorial](#)

[Créditos e Copyright](#)

# 1.

## *Aria*

Você deve achar que o reino dos deuses é um lugar glorioso, não é? Cheio de calor, luz do sol e beleza. Mas enquanto eu vagava pelo vasto e baldio quintal na ponta de Asgard, as paredes em pedra dourada de Valhalla surgindo à minha direita e os ladrilhos de mármore ressoando com meus passos e de meus companheiros —, eu não tinha certeza de ter estado em algum lugar que parecesse tão desolado ou assombrado antes. Uma brisa fresca fez cócegas em meus braços nus, me deixando arrepiada.

Claro, talvez a Asgard real atendesse às minhas expectativas. Essa daqui é uma farsa, um falso Odin me trouxe, junto com os quatro deuses que me convocaram para ser sua valquíria e a esposa de Odin, a deusa Freya. Todos pareciam tão inquietos com a recente desintegração em pó do falso Odin quanto eu.

— Todos os detalhes parecem certos — disse Freya. Ela jogou suas ondas castanho-mel para trás de seus ombros enquanto observava o espaço. Sua testa normalmente lisa estava enrugada de preocupação. — Como alguém poderia ter recriado Asgard tão bem?

— *Será* que recriaram tudo? — Perguntou Loki. Os olhos âmbar do trapaceiro brilharam. — Se vocês me derem licença por um momento...

Ele saltou do chão, seus sapatos mágicos permitindo que ele andasse como se estivesse voando. Em um instante, sua forma alta e esguia se afastou de nós para longe, onde uma cidade inteira de salões de pedra menores, mas ainda bem épicos, ficava. Seu cabelo ruivo pálido chicoteou como uma chama no vento que ele despertou. Ele parou tão longe em uma das passarelas de mármore que eu mal conseguia distinguir sua túnica verde contra as árvores

atrás. Ele então se virou e voltou para nós, seu rosto anguloso com uma carranca.

— E aí? — Thor disse em um rosnado de barítono. Ele ainda testava o peso do Mjolnir, seu martelo divino, em sua mão, como se procurasse algo – ou alguém – para poder esmagar. Os músculos de seus braços firmes se flexionaram. — O que você encontrou?

— Parece ser uma réplica bastante completa — disse Loki. — Todos os salões, o pomar e a floresta das Nornas mais além... alguém deve ter trabalhado bastante às nossas custas. Eu quase ficaria lisonjeado se não fosse uma prisão muito completa.

Meus braços coçavam para me abraçar, mas os mantive rígidos ao meu lado.

— Existe alguma saída sem ser a ponte? — A ponte de arco íris que o Odin falso havia conjecturado para nos levar sabe-se-lá-para-onde que não era, exatamente, Asgard. Minha garganta apertou.

Eu só tinha deixado o mundo em que cresci, o reino humano que os deuses chamavam de Midgard, porque meio que não havia mais lugar para mim lá. Tecnicamente eu já tinha morrido por lá. Os deuses me chamaram de volta para ser uma valquíria logo após eu ter sido esmagada por um jipe em alta velocidade dirigido por um drogado. Mas eu estava começando a encontrar uma espécie de lar entre os deuses, pois eles me ensinaram a usar os poderes de valquíria que me deram... e então todos eles começaram a significar mais para mim do que qualquer outra pessoa no meu mundo, cada um no seu próprio jeito.

*Quase* qualquer outra pessoa. Eu deixei para trás meu irmãozinho, que eu quase morri de novo protegendo. Petey não se lembrava mais de mim, um fato que caiu no meu estômago como um caroço de pêssigo que eu engolira acidentalmente. Hod, o deus do frio e da escuridão, limpou a mente do meu irmão ao mesmo tempo que retirou as memórias sobre ele de todos que o conheciam, exceto eu. Depois que nossos inimigos o ameaçaram para chegar até mim, foi a única solução que vimos para mantê-lo seguro.

Eu vim para Asgard com a promessa de que ainda cuidaria de Petey de longe. Se ele estivesse em perigo novamente, eu poderia

intervir. Mas não enquanto eu estivesse trancada em algum tipo de prisão chique.

— Se fosse a verdadeira Asgard, haveria outras portas — disse Loki. — Mas, de alguma forma, eu duvido que quem organizou para nós acabarmos aqui planeja nos deixar sair.

— Não depois de terem se dado a tanto trabalho — Freya murmurou em concordância.

Thor colocou sua mão pesada em meu ombro.

— Haverá uma saída, Ari. Se não conseguirmos encontrar uma esperando por nós, teremos que abrir caminho.

O trapaceiro ergueu uma sobrancelha para ele.

— Tenho certeza de que você gostaria disso também, *Trovejante*.

— Onde está a mulher corvo? — Perguntou Hod. — Eu não a escuto desde antes da queda daquele falso Pai de Todos — Ele direcionou seus olhos verdes escuros para os outros com sua intensidade usual, mas ele não podia vê-los mais do que ele poderia ter visto Muninn, o corvo da memória de Odin, que nos ajudou com o resgate. Supostamente.

— Não a vejo desde que chegamos — disse Baldur, sua voz tão sonhadoramente brilhante quanto seu cabelo louro-branco desgrenhado. Apesar de serem gêmeos, ele e Hod eram uma dupla oposta. Ambos eram surpreendentemente bonitos, como todos os deuses pareciam ser, com uma certa infantilidade em seus rostos e uma altura que não alcançava a de Loki ou Thor, mas era só até aí que a semelhança ia.

Baldur era musculoso e terno e brilhava com a luz que dominava. Hod era magro, duro e sombrio. Suas personalidades tinham muito contraste também. Baldur sorriu gentilmente enquanto observava o pátio.

— Talvez ela esteja procurando por respostas assim como nós. Hod fez um som cético.

— Talvez ela *tenha* as respostas e não tenha intenção de compartilhá-las. Ela é quem nos levou a Odin nas cavernas dos elfos sombrios, né? Afinal, ela era o corvo *dele*. Como ela poderia não saber que algo estava errado?

Seu olhar cego era tão escuro quanto seu cabelo preto curto, mas eu sabia que havia mais nele do que uma rispidez sombria. Hod mantinha seu lado sensível firmemente em segredo. Cheguei perto o suficiente para vê-lo — e para ter um gostinho de quão doce ele poderia ser.

— Nenhum de nós sabia — Loki apontou. — Eu sou seu irmão de sangue jurado. Vocês três são filhos dele. Freya é sua esposa. Todos nós deveríamos ter percebido. Mas apenas Ari o fez. — Ele inclinou a cabeça para mim. — Interessante. O que foi que te alertou, fadinha?

A memória me fez estremecer por dentro.

— Quando você me enviou para procurar por Odin, por Valhalla e Yggdrasil, senti uma atração até ele. — É por isso que eles conjuraram valquírias. As três anteriores falharam, assim como eu. Aparentemente Odin havia dispensado todas as mulheres guerreiras que foram convocadas para serem valquírias ao longo dos milênios, então os deuses usaram seus próprios laços para passar esse vínculo para mim, como se ele mesmo tivesse me ressuscitado. — Não senti nenhuma conexão com ele. Nem mesmo nas cavernas. Só não percebi o que estava faltando logo de cara.

— Hmm — O trapaceiro girou nos sapatos. — Não gosto nem um pouco disso. Bem, vamos dar uma olhada por aí e ver se conseguimos descobrir o esconderijo do Corvo. Podemos fazer um pequeno passeio com nossa valquíria.

— Um passeio por uma Asgard que não é bem uma Asgard? — Falei quando todos nós começamos a seguir o encalço do Loki.

— Parece tão ruim quanto o negócio real — Thor disse ao meu lado. Ele apontou para um dos salões, com um telhado de palha e canaviais prateados. — Eu até poderia pensar que é minha sala, minha casa... se não tivesse visto meu pai se transformar em pó — Voltou a rosnar em suas palavras finais.

Certo. Essa merda deve ser tão dolorosa para os deuses quanto foi pra mim — talvez até mais. Eles têm esperado por décadas para voltar pra casa, se perguntando por que Odin não havia voltado de suas viagens para Midgard, incapazes eles mesmos de encontra-lo. Por um momento, eles pensaram que

finalmente estavam de volta e aí agora nem faziam mais ideia de onde estavam.

Foi então que eu me abracei. Nada disso estava certo. Eu tinha asas prontas para surgir das minhas costas, meu canivete no bolso e uma força divina, rapidez e senso afiado ao meu dispor, mas eu não podia fazer nada para melhorar a situação.

— Muninn! — Freya chamou em sua voz docemente calculada. — Volte para nós. Vamos conversar.

Pelo jeito que sua mão elegante descansava no punho da espada ao seu lado, eu não teria culpado a mulher corvo por não acreditar que a deusa do amor e da guerra só quisesse bater um papo.

— Deveria me agradecer por aquele paredão — Loki disse, apenas um pouco de tensão em seu tom alegre enquanto apontava para o paredão maior que estava além dos salões. — Pelo menos, se fossem os verdadeiros, você até poderia ter para si. Umas apostas aqui, um pouco de mágica ali e a coisa saiu de graça.

Thor ergueu uma sobrancelha.

— Eu lembro que foi um pouquinho mais complicado que isso.

— Vocês todos quase pagaram o nosso construtor oferecendo a minha mão para casamento — Freya disse maliciosamente. — Eu até poderia dizer que estava envaidecida mas a frequência foi muito maior do que eu esperava.

— Ah, mas você é um colírio para os olhos, nossa querida deusa — Loki piscou para ela. — Nunca deixaria você se amarrar a um gigantão covarde, né?

— Vamos diminuir a contagem de façanhas passadas e aumentar as ideias de como iremos sair dessa bagunça? — Hod sugeriu.

— Não vejo por que não podemos fazer os dois. Porque, olha só, vê se não é uma imagem cuspidada do meu próprio salão e...

A voz de Loki foi cortada por um grito abafado. Ele olhou para o ladrilho de mármore que acabara de bater com o dedinho do pé. Uma rachadura corria bem no meio dela, um lado mais alto que o outro. As sobrancelhas do trapaceiro se juntaram quando ele franziu a testa.

Um arrepio mais profundo me percorreu. Quando Loki demonstrava preocupação, é porque a coisa estava feia.

— O que é isso? — perguntei.

— Essa pedra rachada — Ele cutucou a borda de mármore quando todos paramos ao redor dela. — Me atormentou por anos... até que um dos pedreiros finalmente a trocou. A rachadura não está mais lá há pelo menos um século.

— Na Asgard real — Thor disse.

Baldur voltou, seu olhar sonhador focando um pouco mais ao nosso redor.

— Eu não tinha pensado nisso — ele disse em sua voz melódica — mas aquele pinheiro ali na beirada do pomar foi cortado não muito antes de partimos para Midgard, da última vez.

Troquei o peso de um pé para o outro.

— O que isso *significa*?

A expressão de Hod ficou mais tranquila por conta da compreensão.

— Esta Asgard não é uma réplica exata do reino atual. Tem pedaços de épocas diferentes. Características que tínhamos mais probabilidade de lembrar mesmo depois de termos mudado?

— As lembranças que mais se destacam — Loki disse, acenando a cabeça. — E quem conhecemos que sabe lidar com memórias?

Os dedos de Freya apertaram no punho da espada.

— Corvo.

Os olhos de Loki se iluminaram com um brilho louco.

— Tudo faz sentido. Esse lugar é muito convincente, tanto quando àquele Odin. Como todos nós fomos enganados, menos a Ari — Ele acenou pra mim. — Você não tem experiência em locais de Asgard que não estejam fora de Valhalla, então não tem como se basear em nada. Nenhuma lembrança de estar na presença de Odin. Por isso a ilusão não conseguiu te pegar tão bem.

— Ilusão? — Perguntei. Esse lugar parecia sólido pra cacete para ser apenas um tipo de alucinação ou algo assim.

Loki deu um passo à nossa frente, floreando as mãos no ar.

— Uma ilusão construída a partir das nossas lembranças.  
Muninn não apenas nos trouxe para essa prisão. Ela a criou.

## 2.

### *Baldur*

— Você está tentando me dizer que aquela corvinho construiu tudo isso aqui? — Thor disse a Loki com um movimento de braço.

Eu segui seu gesto, observando a falsa Asgard novamente. Dessa vez eu respirei um pouco mais fundo, permiti que meus sentidos se libertassem para que eu pudesse pegar as emoções que flutuavam ao meu redor. A tensão irradiava dos meus companheiros e foi por isso que tinha reprimido minha sensibilidade. Mas sair daqui era mais importante do que evitar algum tipo de desconforto.

— Só estou dizendo o que as evidências sugerem — respondeu o trapaceiro. — Eu já a vi fazendo isso: conjurar objetos ou cenas de lembranças que ela reuniu. Odin fez com que ela me mostrasse as coisas dessa forma algumas vezes. Nunca algo desse tamanho...

Ele balançou a cabeça em descrença e admiração.

— Manter isso tudo deve estar consumindo muito da energia e concentração dela. E ela está se alimentando das lembranças das nossas mentes agora.

Lembranças. Um tremor escuro entrou em meus pensamentos como uma lasca de gelo. A última coisa que eu queria era viver no passado. Se Loki estivesse certo... o que mais Muninn poderia puxar de nossas memórias?

Eu não me permiti olhar para Hod mas meu gêmeo estava no limite da minha visão periférica, com uma carranca sombria. Colocamos tantos obstáculos entre nós... e agora a Corvo poderia ter acesso a isso facilmente. Eu não queria pensar em quanta dor ela poderia causar a ele também.

Em vez disso, concentrei minha atenção nos prédios ao nosso redor, no pátio que deixáramos para trás, nas árvores distantes.

Todo o vasto reino. Se Muninn estivesse criando isso de fora, então eu poderia alcançar suas emoções por esse detalhe. Pegar alguma brecha que nos ajudasse a andar em sua prisão.

Agora que eu estava prestando mais atenção em vez de cagar para as vibrações negativas que estavam ali, uma leve corrente de ressentimento formigante me tocou junto com a brisa. Uma troca ansiosa. Se eu fosse ela, também não estaria me sentindo muito feliz no momento. Se tivesse alguma maneira de me conectar a ela, de apelar para qualquer boa índole que ela tivesse, será que seria possível influenciar suas decisões?

Nenhuma das impressões que tive me deu a menor das aberturas. Eu não sabia como esticar a mão para tocar o coração de uma pessoa. O que eu poderia dizer a ela, quando eu tinha zero ideias de onde vinha aquela ansiedade ou ressentimento?

Quando foquei em meus companheiros, Aria estava me observando, seus olhos cinzas nublados de preocupação.

— Sentiu algo vindo dela? — ela perguntou.

Quando convocamos nossa valquíria de sua morte, minha contribuição foi dar a ela a mesma sensibilidade para a vida mais profunda de alguém — o que as valquírias dos tempos antigos teriam usado para decidir quais dos guerreiros no campo de batalha merecia ficar em Valhalla. Mas o talento dela não seria tão intenso e ela ainda não tinha muita prática com isso.

— Acho que sim — falei. — Nada muito claro, nada que possamos usar.

— Por que a corvo de Odin nos trancaria em um tipo de reino falso? — disse Freya. — Com certeza ela não estava... *ajudando* os elfos sombrios no que quer que seja que tenham feito? Se Odin estiver mesmo com eles.

— Ele está — disse Aria. — Ou pelo menos estava. Senti sua presença por lá quando fui procura-lo da primeira vez.

— Ela não é mais a corvo de Odin — disse Loki. — Não a vejo com ele já tem séculos. Ele nunca disse como eles se separaram. Estou suspeitando que não foi uma despedida das mais amigáveis.

— Mas voltar-se completamente contra ele e a todos nós... — Eu não conseguia imaginar a lealdade de qualquer pessoa mudando

da água pro vinho.

Muninn e Huginn, seu parceiro e o corvo do pensamento, estiveram com meu pai por muito tempo, aumentando o conhecimento com suas próprias viagens. Eles poderiam ter sido apenas pássaros, apesar de agora Muninn conseguir evocar uma forma feminina, mas suas mentes eram tão profundas e afiadas quanto a de um deus menor. O que poderia ter acontecido para ela virar a casaca?

A pergunta me fez querer fechar a minha mente de novo, mas eu sabia que fazer isso não iria me proteger da escuridão. Não quando ela estava tanto ao redor quanto dentro de mim.

Minhas mãos apertaram-se ao meu lado por um momento antes de eu forçá-las a abrir. Eu precisava sair desse lugar falso. Todos precisávamos. As possibilidades ruins estavam desgastando a frágil harmonia que tínhamos conseguido manter por tanto tempo — e a tranquilidade que eu tinha conquistado em minha mente com todo o esforço. Tantas incertezas horríveis pairavam sobre nós... Por quanto tempo iríamos permanecer fortes?

— Temos que assumir que ela estava trabalhando com os elfos sombrios — disse Hod. A boca do meu irmão formou uma linha severa. — Ela nos deixou perdidos nas cavernas e eles estavam com o Odin falso. Ela não conseguiria elaborar algo tão complexo sem que eles estivessem por dentro do plano. E aí ela nos enganou até chegarmos nessa prisão, onde não conseguiremos parar o que quer que eles tenham planejado.

— Ainda assim não justifica o motivo de ela ter se arriscado com eles — Thor resmungou. — Foi ela quem se aproximou de você, né? — Ele olhou para Loki.

— Foi ela sim — Loki disse. — Depois de determinarmos que os elfos sombrios estariam envolvidos e começarmos a busca. Eu achava que ela iria querer saber quão perto conseguimos chegar e nos induzir ao erro, se pudesse. Ela se aliou a eles antes mesmo de eles a encontrarem.

Aria respirou fundo.

— Aquela emboscada na escola. Ela nos levou até aquela cidade, dizendo que tinha visto as marcas dos elfos sombrios. Fingiu

que estava nos ajudando a procura-los. Ela nos levou justo para a escola. Ela estava lutando contra eles com a gente, mas acho que era só para disfarçar. Isso também foi a porra de uma armadilha. Ela organizou esse ataque com eles.

Minhas costas endureceram quando lembrei daquela batalha, as rajadas de luz que usei para derrubar nossos inimigos, o sangue derramando sob o martelo de Thor. Os golpes que Hod levou foram tão violentos que ele caiu de joelhos no final. Os elfos sombrios teriam nos matado naquele dia se conseguissem.

Então Muninn não quer só nos aprisionar. Ela quer nos ver mortos.

Loki bateu o dedo indicador nos lábios.

— Uma ótima avaliação, fadinha. Ela tentou nos matar. Quando isso não funcionou e seu poder nos ajudou a achar o portal, percebeu que não conseguiria mais nos enrolar, ao menos que ela nos desse o que estávamos procurando.

— Odin — Hod disse com uma careta.

— Ou alguém que parecesse com ele. O suficiente para que seguíssemos até a prisão — O trapaceiro deixou escapar um bufo, olhando ao redor mais uma vez. — É meio *chato* quando você se acostuma. Nada além de tranquilidade e uma paisagem que já vimos um milhão de vezes.

— Que Odin nos salve de um lugar que você ache interessante, trapaceiro — Freya disse, revirando os olhos.

— Isso talvez não seja tudo — Hod murmurou. — Quem disse que ela, de fato, já terminou conosco?

— Ela vai ter que acabar com a gente, caso encontremos um meio de sair — Aria disse. Ela ergueu o queixo, a determinação faiscando em seus olhos.

Eu podia sentir a turbulência dentro da mente da nossa valquíria sem qualquer esforço: incerteza do que esse lugar desconhecido poderia proporcionar, uma pontada intensa pelo irmão que deixou para trás, frustração por se sentir impotente. Mas ela não estava deixando que essas emoções a consumissem. Olhando para ela, convoquei minha própria determinação. Eu também poderia

aguentar firme. Não apenas por mim mas por ela também. Fomos nós quem trouxemos ela para cá, que prometemos sua segurança.

Eu não podia deixar que meus próprios medos me impedissem de proteger essa jovem que veio para nossas vidas como uma mistura de luz e fogo.

— Por que a gente não continua dando uma reconhecida no terreno, como a gente já tinha começado a fazer? — Falei. — Devem haver pistas que a gente possa usar para acelerar nossa fuga. Talvez até mais gente presa aqui — Não tínhamos encontrado outros habitantes da Asgard verdadeira por aí pelos últimos milhares de séculos. Muitos de nós tinham vagado em várias direções, já que agora tínhamos que nos ocupar e que a grande guerra tinha acabado. Mas saber que nós seis não éramos os únicos aqui deixaria minha cabeça um pouco mais tranquila.

— Temos que conferir se aqueles que encontrarmos é real e não ilusão — Hod disse.

— Mesmo assim podemos dar uma conferida — Thor avançou em direção de seu grande salão, logo a frente. — Vamos ver quão bem ela construiu o interior da minha casa.

Seguimos o caminho inteiro. Ele virou o martelo na mão em um só gesto que parecia meio divertido, mas a cor em seus olhos era feroz. O Trovejante não gostava de ser aprisionado.

O céu brilhava em cima de nós em um tom claro e azul, mas com uma falsa perfeição que me incomodava. Meu olhar observou a cidade em direção à praça que ficava além dos domínios. A praça onde...

Reprimi esses pensamentos antes que eles fossem completamente conscientes. Ainda assim um calafrio percorreu meu corpo. Essas eram as últimas memórias que eu queria que a Corvo pegasse e colocasse em prática.

O passado era o passado. Não importava mais. Não *deveria*.

Aria tinha vindo para o meu lado. Ela olhou para mim e percebeu meu calafrio.

— Baldur? — chamou ela suavemente.

— A preocupação em sua voz, apesar de todos os medos que ela estava sentindo, apertou meu coração.

— Nós vamos sair — falei, tanto para mim quanto para ela. — Nada é capaz de prender os deuses de forma permanente.

Ela me olhou daquela forma como se estivesse tentando sentir minhas emoções, as que se agitavam dentro de mim. O olhar que me deixou tenso e tonto ao mesmo tempo, tanto como se estivesse se divertindo com sua atenção como também se quisesse fugir. É maravilhoso ser conhecido por uma mulher de espírito como o dela mas certas coisas precisam ser escondidas por um motivo.

Eu não queria que ela se arrependesse de me conhecer. E isso vinha em primeiro lugar.

Ela deslizou a mão para a minha, quase hesitante, como se achasse que eu pudesse me afastar. O contato fez meu braço formigar. Eu já a tinha tocado antes — principalmente para curar suas feridas — mas esse toque parecia mais pessoal, íntimo. Gentilmente entrelacei meus dedos com os dela, e seu sorriso torto mas brilhante quase me fez esquecer onde estávamos.

Então ela abriu a boca e, mesmo que fosse com apenas um fio de voz, começou a cantar.

Era uma das músicas dos Beatles que tocamos juntos há uns dias, ela no vocal, eu no violão. Uma melodia firme para combinar com a marcha de nossos pés. As letras eram sem sentido mas o ritmo animava minha alma, do jeito que a música sempre fazia. Eu não podia me perder nisso, mas podia transformar a melodia em um escudo.

Fiz minha própria voz soar presente para juntar-se à dela. Loki olhou para nós com um sorriso divertido. Hod balançou a cabeça, mas tinha um sorriso sugestivo nos lábios. Por alguns minutos, nosso canto preencheu o espaço vazio ao nosso redor, como se dissesse a Muninn que não importava para onde nos levasse, não importava o que ela estivesse planejando, nós não iríamos nos abalar.

As letras acabaram quando chegamos na porta do salão de Thor. O deus do trovão a abriu e todos seguimos atrás dele, Aria e eu por último. Seu polegar acariciou a lateral da minha mão e, de repente, eu comecei a pensar em como seria bacana se ela fosse

mais longe. Se eu a pegasse direto em meus braços e pudesse me perder em sua brilhante rebeldia.

— Me sinto bem melhor agora — Ela disse, com uma risada hesitante. — É uma pena que aqui não tenha todos os seus instrumentos.

— De qualquer forma prefiro ouvir sua voz — falei, hesitante.

As bochechas dela coraram levemente. Ela apertou minha mão com força — e então a soltou quando viu algo atrás de uma das portas de pedra no corredor. Ela aumentou o tom de voz, falando para todos nós.

— Ei, vocês acham que está de boa parar para almoçar?

A enorme mesa de jantar do Thor estava posta com pão e queijo e coxinhas quentinhas, jarras de hidromel e tigelas de frutas. Minha boca aguou quando os aromas entravam em meu nariz. É estranho, até há pouco eu não tinha sentido cheiro de nada. Esse fato me fez diminuir os passos.

Thor avançou até a mesa e colocou as mãos no tampo.

— Só tem uma forma de descobirmos — começou. — É melhor que a Corvo não detone minha reputação como hospitaleiro.

— Sobrinho — Loki disse meio exasperado, mas o deus do trovão já tinha pegado um dos talheres.

Ele o levou até a boca e, no segundo que seus dentes os tocaram, prontos para comer, a carne e o osso se desintegraram do jeito que meu pai fizera no pátio. Um momento sólido como uma rocha, no outro, uma pilha de poeira. Thor fez uma careta e limpou os dedos sujos na camisa.

O queixo de Aria tinha caído. Ela pegou uma ameixa na fruteira, virou-a na mão e colocou na boca. A fruta desintegrou em seus lábios.

— Não tem muita coisa aqui — disse Loki.

Aria passou a mão na boca. A tensão que havia sumido resolveu aparecer em suas feições mais uma vez.

— Isso significa que toda a comida que tem aqui não presta? — disse ela. — Nada pra comer?

Eu não estava sentindo fome, mas, com a pergunta, um soco veio bem na boca do eu estômago.

Munnin nos trouxe não só para nos impedir de encontrar Odin, mas também para nos matar de fome? Já que a morte violenta que ela tentara nos arranjar não deu certo, esta viria mais devagar... mas não teríamos como lutar contra.

### 3.

#### *Aria*

A textura cinzenta permaneceu em meus dedos mesmo depois de esfregá-los. Meu estômago não estava doendo até eu ver a comida, mas agora é em um nó gigante. Se Muninn não conjurasse algo que pudéssemos comer, não iríamos durar muito por aqui, não é mesmo?

O alarme que estava tocando na minha cabeça desde que percebemos que ali não era Asgard só tinha parado de perturbar quando eu comecei a cantar com Baldur e, agora, tinha voltado a ecoar em mim. Eu me virei, ansiosa para liberar minhas asas, como se elas pudessem ajudar em alguma coisa.

— Tem alguém aqui? — Perguntei a Thor.

Ele balançou a cabeça de onde estava, na porta. Eu já conhecia a feição jovial e a feroz do deus do trovão, mas o olhar sombrio de agora era novo. Algumas de suas mechas ruivas escuras se soltaram de seu rabo de cavalo curto e se moveram contra sua mandíbula quadrada enquanto pensava.

— Encontraremos um jeito. Iremos sair daqui antes que entremos em parafuso, Ari — disse ele.

Algo sobre como ele pronunciara meu nome me fez pensar se eu era a única que estaria se preocupando demais. Os deuses tinham pelo menos um pouco de imortalidade ao seu favor. Thor poderia devorar uma vaca inteira assada de uma vez só, mas com que frequência eles realmente *precisavam* comer?

Provavelmente com muito menos frequência que eu.

O incômodo se aprofundou. Cair fora. Tínhamos que *cair fora*.

Minha mente foi para o único lugar da verdadeira Asgard que eu já tinha visto: dentro da abandonada sala dos guerreiros de Odin, Valhalla. Na parte de trás da grande lareira havia uma porta que

levava ao caminho ramificado de Yggdrasil, a árvore que ligava Asgard a todos os outros reinos. Uma pequena esperança me preencheu por dentro e eu me agarrei a ela.

— E Yggdrasil? — perguntei. — Será que deveríamos ver o que Muninn fez? Talvez tenha algo que dê pra usar pra sair.

— É ser otimista demais achar que tenha uma brecha tão grande — disse Loki. — Mas não custa nada dar uma olhada. É tudo parte de um mesmo.

Ele disse isso em seu tom irreverente e o sorriso de sempre, mas ficou um pouco mais para trás para esperar por mim enquanto os outros seguiam pelo corredor. Sua mão tocou levemente minhas costas, entre minhas omoplatas, como se ele soubesse a coceira que eu estava sentindo.

O toque do Loki poderia ser quente o suficiente para acender o calor que eu sentia. Tinha experimentado essa sensação há algumas semanas, quando acabamos na cama juntos, mas ele também sabia ser cuidadoso. A gentileza naquele gesto conseguiu me aquecer de alguma forma.

Em teoria, aquela conexão tinha sido algo casual e única. Na prática... se eu não morrer de fome aqui, não tenho certeza se seria capaz de me impedir de querer mais. O trapaceiro já havia deixado claro que estava pronto para outra.

Eu só precisava lembrar que, por mais atraente que fosse, ele também *era* um trapaceiro. Tive a sensação de que nenhum dos outros deuses confiava nele por completo e olha que eles o conheciam há bem mais tempo que eu.

Corremos de volta para o pátio pelo outro lado. Atravessando as enormes portas de Valhalla, senti que estava mais firme, mais presente do que antes.

Porque Muninn foi capaz de ir até minhas lembranças, bem como às dos deuses, para construir o interior de tudo. As mesas vazias, as lanças e espadas penduradas na parede, o brilho de ouro ao redor, o presente cheiro do hidromel — era tudo o que eu e meus poderes de valquíria tínhamos sentido quando cheguei aqui. Se eu fosse uma valquíria de verdade, como nos velhos tempos, provavelmente acharia que essa era minha casa.

*Tudo* estava igual, incluindo o enorme trono dourado no canto do salão e a lareira bem do lado. Corri entre as mesas e parei.

Não havia porta atrás da lareira e deveria ter. Nem mesmo o menor dos indícios de que pudesse ter uma. Eu me abaixei e triturei algumas das brasas espalhadas de qualquer jeito empurrando as pedras chamuscadas da parede mas os tijolos não se moveram.

— Ela nem quis deixar uma saída de mentirinha — Hod disse.  
— Eu me pergunto se poderíamos utilizá-la, caso ela tivesse deixado.

— Mexa-se, Ari — Thor disse, sua voz mais baixa que o normal. Saí e dei um passo para trás e bati em um dos bancos de madeira.

— Não precisamos de uma porta para passar — Os olhos castanhos do deus do trovão brilharam. Com os lábios esticados para trás dos dentes cerrados, ele ergueu o braço e arremessou o martelo na lareira.

Mjolnir bateu nas pedras. Elas se despedaçaram em um estrondo ensurdecedor. O martelo ricochetou na mão de Thor, sua superfície de metal brilhando. Meu coração deu um pulo ao ver a escuridão escancarada para além do buraco que ele tinha aberto — por dois segundos até as pedras pularem da lareira e voltarem para o lugar.

— Caramba! — Thor rosnou mais algumas maldições em uma língua que não era o inglês e jogou o Mjolnir para frente com tanta força que meu cabelo esvoaçou com a brisa feita. A lareira inteira explodiu em uma chuva de vários pedados de pedra. Eles tremeram no chão assim que o atingiram e saltaram de volta antes que o cabo do martelo chegasse até a mão de Thor.

Thor se virou.

— Muninn! — gritou. — Apareça e nos enfrente! Essa guerra não é de covardes. — Ele jogou o martelo nas mesas. Elas se despedaçaram com uma chuva de lascas e se fundiram de volta, como a lareira. Um rosnado escapou da garganta de Thor. Ele puxou o braço do martelo para trás, o rosto vermelho de raiva se espalhando em suas bochechas até seu pescoço.

— Não — eu disse, mesmo que simpatizasse com ele. Havia um monte de coisas que eu adoraria destruir também. — Não deixe

que ela o faça gastar energia a toa.

— Não me diga o que fazer — Thor rugiu, virando-se em minha direção.

Estremeci com a fúria em sua voz, a brutalidade em seus olhos — e sua expressão imediatamente vacilou. Seu braço desceu, o martelo balançando ao seu lado. A raiva intensa desapareceu de seus olhos quando eles se suavizaram.

— Ari. Me desculpe. Eu não...

— Está tudo bem — declarei. Sabia que ele não tinha planejado falar comigo daquela forma. Seu arrependimento daquele breve momento mostrou-se tão claro quanto quando ele havia bloqueado um de meus golpes forte demais no nosso primeiro treino. Forcei meus dedos a se soltarem do banco onde haviam se prendido e dei um passo até ele. — Estamos todos frustrados. Mas eu estava errada. Não tem como sairmos daqui.

Ele olhou para o martelo.

— Se eu pudesse...

Loki apertou o ombro do deus mais largo.

— Receio que não vamos conseguir sair dessa, velho amigo. Pelo menos não assim.

Thor emitiu um vago resmungo. Ainda havia alguma coisa assustadora em seu olhar quando ele encontrou meus olhos.

Eu me forcei a ir para a entrada.

— Vamos então. Se isso não funcionou, a gente tenta outra coisa — Se continuássemos tentando, eu não iria ter que ficar pensando no que poderia acontecer caso nada funcionasse.

O sol, se é que era de verdade, brilhava sobre nós quando saímos do corredor. Freya protegeu os olhos, observando-o. O infinito céu não tinha uma nuvem.

— Uma prisão sem teto — disse ela. — E a gente com o poder de voar. Isso me parece um descuido, não acham?

O sorriso malicioso de Loki voltou.

— Devemos testar os limites dessa Asgard?

— Não todos — sugeriu ela. — Só aqueles que conseguem voar com mais naturalidade?

Ela puxou o manto de falcão das dobras do vestido e o jogou ao redor dos ombros, contraindo-se na forma de uma ave de rapina quando atingiu sua pele. Loki saltou no ar e olhou para mim:

— Você vem, fadinha?

Curvei meus ombros e minhas asas brotaram com a habitual queimação espinhosa nas minhas costas. A blusa que eu havia escolhido exatamente por esse motivo deu às asas a tranquilidade para desenrolar. As penas branco-prateadas brilharam na minha visão periférica.

Há umas duas semanas, o peso daqueles anexos no meu corpo magro parecia até opressivo. Agora, com uma batida e a rajada de ar, fizeram com que elas enviassem um tremor rápido dentro de mim. Elas me deram bem mais liberdade. Mesmo que isso também representasse o que eu era agora e, portanto, a todas as coisas que perdi para me tornar uma valquíria. Minha vida, para início de conversa. Um futuro em um mundo de seres humanos. Petey.

Não, eu não estava pensando nisso agora. Eu não tinha, exatamente, perdido Petey, a não ser que eu deixasse Muninn e sua prisão vencerem.

Loki subiu em direção aos muros altos que ele disse que sua aposta tinha ajudado a construir. Freya, como um falcão, mergulhou atrás dele. Eu me impulsionei no ar e minhas asas me sustentaram. O vento mais frio atingiu meu rosto quando me virei pro sol.

Talvez pudesse ser simples assim. Apenas voar para qualquer reino em que Muninn construiu sua gaiola de memórias. Destruir a ilusão rompendo os limites externos.

Subi ainda mais alto, como se pudesse mergulhar no azul profundo como o oceano. O vento tomou conta de mim com os cheiros de metal e pedra e do pomar de macieiras ao sul e... um leve sabor residual de cinzas permaneceu na minha língua.

Cinzas?

Antes que pudesse pensar sobre isso, Loki deu um grito. O trapaceiro parou contra o que parecia ser a extensão aberta do céu. Mas quando me aproximei dele em algumas batidas de asas, senti também. A pressão invisível nos atingindo.

Estiquei minhas asas mas não conseguia ir mais alto. Fiz uma careta para o ar acima de nós, dei um soco. O impacto enviou uma pontada de dor para meu braço, como se eu tivesse atingido meu osso com força.

Ok, não vou fazer de novo.

O falcão de Freya circulava em cima de nós, também sem conseguir subir além.

— Não que eu tenha muita esperança — disse Loki, me fazendo um sinal para segui-lo mais longe. Tentamos voar mais alto aqui e ali, apenas para sermos pressionados pra baixo. Minha pele começou a se arrepiar com a sensação daquele teto invisível.

Nós realmente estávamos presos aqui, tão completamente quanto poderíamos estar.

Eu cerrei meus dentes com força. Meu olhar desceu, percorrendo a cidade. Diante dos meus olhos, os prédios, o pátio, a praça mais próxima do pomar — todos estremeceram. Bem rápido, como se algo mais sombrio tivesse passado por eles.

Meu corpo congelou, exceto pelo movimento das minhas asas que me mantinham no ar.

— Você viu aquilo? — perguntei.

Loki inclinou a cabeça para o lado.

— Viu o que?

— Asgard — Apontei para a cidade. — Por um segundo, foi como se algo passasse pela ilusão. Talvez onde a gente realmente está?

Loki considerou o terreno. Seus olhos se estreitaram.

— Tenho a visão mais aguçada dentre todos e nada chamou minha atenção — Seu olhar voltou para mim. — Você não tem memórias sólidas da cidade para tornar a ilusão completamente real. Assim como você não tinha com Odin. Você pode ser nossa chave para encontrar o caminho através dessa prisão, fadinha.

Que maravilha. Cinco seres divinos ao meu redor e era *eu* quem tinha a solução.

— Nem me sinto pressionada.

Ele riu e estendeu a mão.

— Acho que podemos dizer com certeza que o céu não é a nossa rota de fuga. Vamos nos juntar aos outros.

Freya disparou conosco enquanto descíamos. Thor, Hod e Baldur estavam esperando por nós no pátio perto da fonte. A deusa voou direto para eles, mas Loki nos desceu pela borda do espaço em mármore.

Meus pés tocaram o chão e eu forcei minhas asas para dentro. Podia sentir um estranho tipo de conforto com elas, mas o que eu havia dito a Thor sobre preservar a energia se aplicava a todos.

— Ari — Loki disse e eu me virei. — Você se lembra por que eu te chamei de fadinha quando nos conhecemos?

Levantei minhas sobancelhas para ele.

— Porque sou pequena e tenho asas?

Ele sorriu.

— Bem, isso também é porque as fadas tem mais forças para o embate em cada pedacinho de seus corpos do que qualquer outro ser que eu já tenha visto. Você não vai querer se envolver contra uma fada. E você já provou que ninguém deveria se meter com você.

Ele passou os dedos ágeis nos meus cabelos, enviando-me um arrepio de prazer, apesar da tensão embolada no meu estômago. Quando ele abaixou a cabeça, ergui a minha automaticamente para receber seu beijo. No momento em que nossos lábios se encontraram, seu calor ardente me percorrendo, meus nervos vibraram com todo o poder que meu novo corpo tinha, o poder que me fora dado por ele e pelos outros deuses. Eu não me importava que eles estivessem assistindo. Se alguma acontecesse entre mim e qualquer um dos outros — e eu e Hod já tínhamos nos beijado — não seria sob o pretexto de que eles eram os únicos.

Loki não prolongou o beijo. Ele se afastou com um sorrisinho que parecia mais particular, mais pessoal de alguma forma. Ele então virou-se em direção aos outros com um gracioso movimento.

— Deixe quieto, deixe quieto, sem alardear, mas acho que podemos ter a solução de nossa pergunta. Se nós simplesmente...

Eu peguei um flash escuro em minha visão periférica. Minha cabeça virou.

Com um coro de rosnados, uma alcateia de enormes e monstruosos lobos avançou sobre o mármore do pátio em nossa direção.

## 4.

### *Aria*

A criatura voraz mais próxima bateu em mim antes que eu tivesse tempo de reagir, me empurrando para longe de Loki e me prendendo no chão com um ranger de dentes e um raspar de garras. A batida da minha espinha contra os ladrilhos arrancou um grito da minha garganta. A dor queimou meu peito quando suas garras me cortaram.

Eu ataquei com toda a força divina que tinha, dando uma joelhada na barriga da fera, batendo meu antebraço o mais forte que conseguia em sua garganta. A saliva do animal pingou em mim enquanto sua mandíbula se aproximava. Dei um soco no focinho. Um estalo do relâmpago que eu era capaz de invocar saiu da minha mão.

O monstro se encolheu, relaxando seu aperto apenas pelo tempo de eu tirá-lo de cima de mim e sair correndo. Sangue escorria em minha camisa pelo local onde as garras tinham me ferido, na clavícula. A queimadura daquela ferida desapareceu por trás da adrenalina e da batida do meu pulso.

Wargs. Era assim que os deuses chamavam esses lobos enormes e incrivelmente cruéis que tinham uma inteligência quase humana em seus olhos amarelos. Eu combati três deles no pátio de uma fábrica abandonada há uma semana, uma batalha que terminou com minha primeira morte verdadeira e me abalou. Muninn pode ter roubado as criaturas dessa minha lembrança.

Roubou e multiplicou. Enquanto eu incitava que minhas asas se soltassem das minhas costas e puxava o canivete do bolso da calça, contei dez Wargs enfrentando a mim e a meus companheiros divinos. Freya brandia a espada contra a mandíbula de um deles, Hod emaranhava outro com seus grossos fios de sombra. Baldur

explodiu um com a onda de luz originária de sua mão. Loki jogava uma bola de fogo no rosto de outro enquanto Thor invadia o meio do bando com um rugido, seu martelo quebrando costelas aqui, crânios ali.

Quando o Mjolnir bateu na cabeça do Warg, a criatura não caiu de imediato. Ela se despedaçou em pó como tantas outras coisas nessa Asgard falsa.

Levantei-me do chão com um movimento de asas, bem a tempo de escapar do golpe do Warg que havia me atacado uma vez. Ele rosnou e tentou pular em mim. A poeira daquele que Thor havia matado não subiu novamente como os escombros da lareira ou as lascas da mesa em Valhalla. Acho que a mulher corvo não tinha poder suficiente para manter as ilusões que agiam como seres vivos e em movimento para sempre.

O Warg saltou em minha direção mais uma vez, suas garras brilhantes passando por baixo dos meus pés. A escuridão dentro de mim seria capaz de sentir a energia vital dentro do corpo do animal e, enquanto valquíria, conseguiria decidir o destino da batalha, definindo os vencedores e os perdedores. Mas o monstro abaixo de mim não transmitia nada além de vazio. Era apenas uma invenção, como Loki havia dito. Uma marionete, com Muninn puxando as cordinhas em algum lugar.

Uma marionete que me deixou machucada e sangrando. Cerrei os dentes e caí dentro. Ele não estava vivo de fato, então eu não precisava sentir nenhum tipo de dor na consciência ao abatê-lo.

O Warg se virou mas fui mais rápida, apunhalei-o com minha lâmina bem na cabeça. Um gemido sufocado saiu de sua boca e então ele começou a se desintegrar como seu amiguinho.

Eu levantei a mão que estava com a faca e me virei. Outro Warg estava vindo em minha direção. Me esquivei mas não rápido o suficiente para escapar de sua boca. Seus dentes afundaram no canto da minha asa e a rasgaram. Essa dor veio queimando nos meus nervos. Engasguei quando soltei minha asa.

Dei um chute nele, batendo meu calcanhar em sua bochecha. O monstro cambaleou para o lado, direto para o fogo da adaga de

Loki. Ele enfiou a lâmina curva mais fundo no peito da criatura e ela se desfez em outro monte de poeira.

O trapaceiro enxugou as mãos com uma careta e levantou a cabeça. Os ladrilhos polidos estavam cheios de pilhas de poeira. Freya estava pegando a espada do Warg que ela deve ter derrubado, mechas de cabelo úmidas de suor grudadas nas têmporas de seu rosto perfeito. Thor golpeou o ultimo do bando com seu martelo, fazendo com que a fera derrapasse para a fonte, onde também se desfez.

Ficamos parados em silêncio, nenhum som além de nossas respirações cansadas, esperando para ver se a batalha tinha mesmo acabado. Thor olhou para mim e fez um som comprimido. Ele se aproximou, seu olhar fixo nos cortes na minha clavícula.

— A Corvo vai pagar por isso — rosnou.

Agora que a luta parecia ter acabado, o latejar das feridas formigou mais fundo. Apertei minha mandíbula para não pensar na dor. Baldur veio com Thor e eu me aproximei, sabendo o que ele oferecia sem dizer uma palavra. Ele havia curado meus machucados muitas vezes nas últimas semanas. Isso estava se tornando um passatempo pra ele.

O deus da luz me deu um sorriso doce e colocou a mão sobre as feridas. Seu poder tomou conta de mim em uma enxurrada de calor e formigamento onde a pele se unia novamente. Quando ele baixou o braço, nada restava dos cortes, exceto linhas rosa-escuras como cicatrizes, mas que, mesmo assim, iriam desaparecer em alguns dias. Infelizmente, tive que aprender com a experiência.

O decote da minha regata estava rasgado e o tecido branco, manchado de sangue. Não havia muito o que fazer sem ter um guarda-roupa conveniente à mão. Eu umedeci os lábios. Curada ou não, aquela coisa poderia ter me matado se eu tivesse reagido de forma mais lenta, se ela tivesse pegado meu estômago no lugar do peito. Parecia que a mulher corvo não estava contente em só me deixar morrer de fome.

Os Wargs nos atacaram logo depois de eu ter dito a Loki que tinha visto a ilusão oscilar e logo depois que ele me lembrou que eu

poderia ser uma ameaça real. Meus dedos apertaram o cabo do canivete.

Francis, meu irmão mais velho, havia me dado essa arma quando eu era apenas uma criança para me proteger dos monstros que habitavam a nossa vida naquela época — aqueles em forma humana. Naquela época, eu não consegui. Falhei em protegê-lo quando deveria ter salvado sua vida.

Eu não iria falhar com os deuses que haviam me *dado* uma nova vida. Com certeza eu não iria falhar com Petey. Prometi estar lá, ele lembrando ou não. Se a Corvo pensou que iria me atingir, era bom se preparar.

— Muninn! — gritei, me virando para ver a cidade além do pátio. — Vai roubar da minha cabeça agora, é? O que mais você viu? O que eu fiz para merecer o jeito que está tentando nos destruir aqui, hein? Eu nunca nem machuquei ninguém, exceto pessoas que já estavam tentando me machucar. Qual é, sua idiota?

— Ari — Baldur disse suavemente, mas eu o ignorei. Esse não era o momento para bancar a pomba da paz.

Precisávamos acabar com ela. Será que tinha alguma forma de enfraquecer sua concentração? Se eu pudesse sacudi-la, isso poderia também mexer em toda a ilusão que tinha ao nosso redor. Abriria um caminho para nossa fuga.

Lembrei da mulher que conheci, quando ela se aproximou de Loki e eu oferecendo ajuda. Magra, com grandes olhos escuros e cabelos pretos engrouvinhados mas brilhantes. As pequenas manias de pássaro que ela tinha mesmo em sua forma humana, na inclinação de sua cabeça, na leve rouquidão de sua voz. O que a incomodaria? Ela não se importou quando Thor a chamou de covarde. Mas ela já tinha sido companheira constante do Pai de Todos enquanto ele supervisionava toda Asgard — a coisa real. Ela voou por todos os reinos, reuniu memórias de todos os lugares.

— Isso é tudo o que consegue fazer? — incitei, me virando novamente. — Criar uma prisão para seis pessoas? Sem tempo para esticar as penas, para se preocupar com qualquer outra coisa? Quem te colocou nessa, os elfos sombrios? Por que deixou que eles te dessem esse trabalhinho de merda?

Loki pareceu sufocar uma risada. E um lampejo escuro perto do salão em frente a Valhalla chamou minha atenção. Um movimento como o bater de asa.

Pulsei com uma breve certeza: ela estava aqui. Ela estava bem aqui conosco, observando por trás de suas criações. Provavelmente tinha que estar para deixar tudo como estava, perto o suficiente para roubar as lembranças que ela precisava.

Corri até o corredor, examinando as paredes de pedra, o telhado de pedra, a grossa porta de carvalho.

— Você sabe que estou certa. Aposto que você também sabe disso. Não sei qual foi a treta entre você e Odin, por que você está fazendo isso, mas você *sabe* que não tenho nada com isso. É crueldade. Você é um monstro que nem aqueles Wargs que você mandou atacar a gente, Muninn? Você...

Outra sombra de penas escuras brilhou contra as claras paredes. Me joguei em direção a ela. Minha mão se fechou em torno do nada além de ar. Então, com um gemido, toda a parede da frente do prédio se inclinou em minha direção.

Eu dei um passo em falso para trás e gritei, jogando meus braços para cima. As asas que eu ainda não tinha retraído formaram um arco sobre mim. Talvez tenha sido a única coisa que me salvou.

As pedras me atingiram e eu caí de quatro. O acessório emplumado que se projetava das minhas costas segurou a maior parte do impacto, uma dor se espalhou pelas minhas asas, mas as partes mais frágeis do meu corpo, minha cabeça e costelas, apenas ficaram pressionadas contra o chão, sem sofrer com o baque.

— Ari! — alguém gritou. Ouvi um grunhido e um baque quando Thor começou a limpar os escombros. Testei minhas asas contra as pedras que as enterraram e tremi.

Uma das pedras tinha sido jogada em cima de mim e consegui empurrá-la para o outro lado. Minhas asas se retraíram em um tremor bem doloroso. Chutei as pedras nas minhas pernas.

Um braço envolveu meus ombros, ajudando a me libertar do resto dos escombros: o braço de Hod. Eu rastejei para a seu abraço, o cheiro salgado e levemente defumado dele me envolvendo.

— Eu estou bem — murmurei para sua camisa.

Ele deu uma risada trêmula.

— A metade de um maldito prédio caiu em você, valquíria, e tudo que você tem a dizer é isso? — Ele se afastou, seu olhar conseguindo se fixar no meu, seus dedos traçando o meu rosto. Minha respiração travou quando seu polegar tocou em um arranhão do meu rosto. Sua mandíbula se apertou. — Você *está* ferida.

— Já estive pior — rebati. — Da próxima vez ela vai ter que jogar o prédio inteiro em cima de mim. — Quando sua expressão não mudou, acrescentei. — Quer dar um beijinho pra melhorar?

— Ari — ele murmurou mas com um brilho nos olhos e o súbito calor entre nós sugeria que sim, ele ia fazer isso mesmo. E por mim tudo bem. Mas ele se endireitou, me ajudando a ficar de pé com ele. Os outros se aproximaram. Eu suspeitava que Hod não fosse tão exibicionista quanto Loki.

O trapaceiro nos lançou um olhar divertido mas havia um tom sério em sua voz alegre.

— O que foi isso, fadinha? Você viu algo que nós, não? Porque seja lá o que aconteceu, a corvo obviamente não ficou feliz contigo.

— Eu a *vi* — disse, tirando areia dos meus braços. Minhas pernas estavam meio bambas mas minha força de valquíria já estava me estabilizando, apesar dos vários hematomas que se formavam em meu corpo. — Ela está aqui com a gente. Ouvindo tudo que estamos dizendo. — Eu levantei meu queixo. — O que significa que se ela pode nos alcançar, nós também podemos alcançá-la.

## 5.

### *Hod*

Me afastei dos escombros do salão desmoronado — se fosse na verdadeira Asgard, teria sido o salão de Bragi, se meu mapa mental da cidade não estivesse errado — e quase tropecei em um pedaço de pedra. Eu corri em direção ao acidente e ao grito de Ari tão rápido que nem tive tempo de mapear o local com os sentidos que tinha à minha disposição. Agora era tudo um labirinto de bloqueios incertos. Foi um milagre conseguir chegar até ela sem cair de cara no chão.

A mão de Ari segurou a minha, embora eu já tivesse encontrado meu equilíbrio. Eu não poderia dizer que me importava com o calor que vinha de seus dedos apertando os meus, mas ao mesmo tempo a razão pela qual ela tinha me alcançado me deixou envergonhado.

Nós éramos os deuses aqui. Deveríamos protegê-la e não o contrário.

Eu deveria pelo menos conseguir ficar de pé sem a ajuda dela.

Apertei sua mão, me permitindo aproveitar alguns momentos de sua suave força e então soltei. Não sem sentir uma pontada de perda, embora ela ainda estivesse do meu lado.

Havia algo rolando entre nós, algo que não tivemos muita chance de falar por conta da batalha contra os elfos sombrios, e agora isso. Não tinha certeza se gostaria de dizer a ela o quanto eu esperava que *fosse algo*. Ela ficou feliz comigo por um tempo, quando nos sentamos juntos e nos beijamos enquanto ela se preparava para deixar o irmão. Ela merecia ser feliz. Eu nunca quis que nada do que eu sentisse se transformasse em mais um fardo para ela.

— Hmm — dizia Loki. Eu endureci automaticamente com a malícia em seu tom. Você nunca sabe que tipo de esquemas o

trapaceiro iria inventar quando começava a falar assim. Suas roupas farfalharam quando ele se virou. — Acho que gostaria de dar uma olhadinha na nossa ponte desaparecida.

— O que você acha que vai acontecer agora? — perguntei, testando meus pés no chão. Outro pedaço de pedra estava à minha esquerda, cascalhos sob a sola do meu sapato. — Mesmo que não seja a verdadeira Asgard, duvido que Muninn vá te deixar brincar de esconde-esconde com o Pai de Todos. — Loki adoraria se prestar a esse papel.

— Talvez eu tenha um plano. — Ele disse em seu jeito astuto. Não nos dizendo qual *era o plano*, é claro. Isso estragaria sua versão bizarra de diversão. — Vamos. Todos vão querer estar lá caso funcione.

Os pés batiam no chão quando os outros começaram a se mexer para segui-lo. Meu corpo hesitou.

— Ari viu o Corvo *aqui*. Você não acha que deveríamos analisar isso primeiro?

— Não tenho certeza se você é a melhor pessoa para tomar decisões baseadas em visão, querido sobrinho — Loki disse calmamente por sobre o ombro.

Meus dentes trincaram. Antes que eu pudesse responder, Ari se aproximou de mim, o calor e a lufada de seu perfume docemente forte.

— Vamos só ver o que ele tem em mente — ela disse. — Duvido que Muninn tenha ficado por aqui após jogar aquele negócio em mim. Eu sei que você e Loki realmente não se bicam mas, pelas histórias que continuo ouvindo, me parece que ele é muito bom em descobrir como sair de situações complicadas.

— Ele é, quando convém a ele — murmurei, mas comecei a andar. Depois de alguns passos, bati meu dedo do pé em outra pedra no meio do caminho e estremei.

— Você quer que eu... — Ari começou.

— Não — respondi rapidamente, antes que ela pudesse se oferecer como guia. Eu vivi em Asgard por séculos e séculos, mesmo que já faça um tempo desde a minha última visita. Eu não ia

ser conduzido por esse faz-de-conta do meu lar como se fosse um inválido.

Conjurei uma faixa de sombra para mim que formava uma estreita e fina extensão nas minhas mãos. Como uma bengala. Ainda não era o ideal, não era como eu queria que nossa valquíria me visse, um lembrete de que algo faltava em mim, mas pelo menos me permitiria evitar mais obstáculos colocados no caminho por Muninn, sem ajuda.

O som dos passos dos outros estava distante. Bati a bengala de sombras no chão enquanto caminhava atrás deles, contornando os cascalhos que encontrava. A brisa levava a poeira do desmoronamento, deixando apenas o cheiro fresco de prado que era muito parecido com o da minha casa verdadeira.

O que, é claro, tinha sido roubado das minhas memórias pela Corvo.

— Então você consegue ver mais que os outros? — perguntei a Ari, ainda um pacotinho quente ao meu lado. — Além da construção de Muninn?

— Só um pouco até agora, ali e aqui — ela disse. — Talvez quando ela está distraída. Eu não descobri um padrão específico mas era o que eu estava tentando fazer lá trás. Queria quebrar seu foco e ver se eu conseguia ter um vislumbre.

— Não ignore seus outros sentidos, então — aconselhei. — Ouça, cheire, prove, toque... ela está usando tudo isso para construir esse lugar, mas isso significa que tudo pode oscilar. Precisamos de todas as pistas que conseguirmos.

— Você tem razão. Eu nem estava pensando nisso — ela fez uma pausa. — Você sentiu o cheiro de algo meio cinzento; ou é algo que você esperaria sentir ou que os outros pudessem estar lembrando?

Cinzas em Asgard?

— Pode ter sido o cheiro de fumaça de madeira das lareiras — eu disse. — De quando ainda está quente.

Ela afastou o cabelo do rosto com um farfalhar daquelas ondas suaves.

— Não é fumaça de madeira. Algo mais... químico? Por isso não parecia combinar. Mas eu só notei isso uma vez e então sumiu. Não sei se significa alguma coisa.

— Temos que manter isso em mente — ponderei. — A menos que o grandioso Loki já tenha resolvido todos os nossos problemas e estejamos prestes a sair daqui.

— A gente nunca sabe — comentou Ari, mas seu tom era provocador. Ela ficou em silêncio por um momento, seus sapatos batendo contra o piso de mármore. — Vocês dois só não se bicam ou tem mais alguma coisa que eu não sei?

— Histórias. Várias delas. — Não pensava em nenhuma, mesmo que algumas estivessem reaparecendo a cada novo minuto que passávamos aqui. Normalmente, Asgard não me fazia pensar naqueles tempos a menos que eu lembrasse especificamente, mas com a cidade transformada em prisão, era difícil evitar que as lembranças negativas reaparecessem.

— Mais tragédias que não quer compartilhar comigo — Ari cutucou. Ela manteve a voz doce mas não conseguiu disfarçar a decepção. Ela tinha compartilhado muito de sua história comigo na última semana. As coisas pelas quais tinha passado... estremeci ao lembrar delas mesmo com os poucos detalhes que ela tinha me oferecido. Era fácil demais preencher as lacunas.

Eu gostaria de poder mostrar a mesma vulnerabilidade a ela, mas eu não era a única vítima da minha história. As partes que pesavam na minha cabeça me traziam muita culpa.

Será que ela falaria comigo assim, me tocaria como antes, se ela soubesse de toda a história? Ao final da narrativa, eu poderia ser equiparado ao Loki e não tinha certeza se queria saber. No momento, preferia a dúvida.

— É uma história longa e complicada — falei. — Não acho que entrar nesse ponto seja muito produtivo para sair daqui. É só difícil não lembrar.

— Bem, eu não sei o que aconteceu, mas você já está há bastante tempo junto dele. Talvez você pudesse dar uma folga para o Loki até, pelo menos, sairmos daqui? — ela bateu o cotovelo suavemente contra o meu.

Era difícil argumentar com isso. Não que eu quisesse passar meus dias desde Ragnarok com o trapaceiro por perto, mas ele e o Pai de Todos tinham um vínculo aparentemente inabalável que eu nunca entendi, e Thor o considerava um parceiro ideal para aventuras, não um aborrecimento; então, ao estar com eles, Baldur e eu estaríamos com Loki também.

Se ele fosse tão esperto, tão inteligente, por que o trapaceiro não tinha previsto essa pegadinha antes de cairmos nela? Queria vê-lo tentando explicar isso.

Mas porque Ari havia me pedido, segurei minha língua enquanto encontrávamos os outros na extremidade do pátio, onde a ponte de arco-íris tinha nos trazido. Eu nunca poderia ter visto as cores brilhantes que os outros descreveram para mim no passado, mas eu estava lá — a mágica disso me deu uma vibração leve, deixando um gosto de seiva açucarada no ar. Eu não tinha percebido nada disso. A ponte tinha desaparecido no momento que saímos dela com o falso Odin.

Senti a presença de Baldur perto de mim, como o calor do sol na pele. Eu me aproximei um pouco. Meu gêmeo tinha tantas memórias terríveis que poderiam ser expostas quanto eu e, neles, ele era definitivamente a vítima. Ele ficou recluso naquele estado sonhador quando voltamos do Ragnarok, como se viver naquela névoa fosse a única coisa que o deixava na paz que ele buscava. Por quanto tempo ele aguentaria aqui, tão longe de sua zona de conforto?

Só as Nornas sabem.

— Como está aguentando? — perguntei silenciosamente.

— Na medida do possível — ele respondeu serenamente, mas pensei ter escutado uma breve rigidez em sua voz que normalmente não estaria ali. — Espero que qualquer ideia que o trapaceiro tenha nos leve a algum lugar.

À nossa frente, Loki bateu as mãos.

— Ah, Muninn! — ele chamou em uma voz cantada. — Você consegue me ouvir, não é? Nossa pequenina corvo voyeur! Vamos dar uma voltinha, sim?

Em nome de Hela, o que o trapaceiro estava planejando? Me mexi em meus pés, respirando o ar, absorvendo os sons do reino falso ao nosso redor.

A voz de Loki continuou em um ritmo calmo, quase hipnotizante.

— Pense em todas aquelas vezes que você cruzou Bifrost com Odin. Empoleirada em seu ombro encapuzado ou voando ao seu lado. Seus pés batendo em uma superfície brilhante. As cores brilhando embaixo de você, em vermelho, amarelo, azul e todas as outras. As nuvens se separando em névoa, fazendo cócegas em suas penas. A extensão verde das terras de Midgard se espalhando à sua frente.

Um arrepio percorreu minha pele. Minha respiração falhou. Ele estava tentando pegar as memórias *dela*, persuadí-la a criar uma saída à nossa prisão, fazendo com que ela se concentrasse na ponte. E estava funcionando. O ar vibrou com mais força, um eco da magia da ponte de arco-íris. Estava mesmo começando a se formar diante dos nossos olhos? Ari se mexeu ao meu lado como se antecipasse.

— Talvez Heimdall estivesse lá para te oferecer um afago e algumas palavras com aquela voz rouca, naquela torre de vigia que ele tinha posicionada à beira de Asgard — Loki continuou. — Ou talvez fosse apenas você e seu parceiro e mestre voando, escalando aquele arco brilhante e...

O encanto da magia se dissipou em um instante, como uma porta se fechando. Um vento feroz lufou em nós, fazendo-nos tropeçar. Ele girou e me arrancou do chão.

— Não! — Eu gritei, mas o vento também comeu minhas palavras. Ele me arremessou através do espaço a tal ponto que eu conseguia sentir nada além do golpe de ar contra minha pele e roupas, e me jogou no chão duro e frio. Tão rápido quanto o vento começou, ele partiu, deixando-me em silêncio.

Completo silêncio. Nem uma voz, nem uma respiração, nem um farfalhar de roupas, exceto a minha. Engoli em seco, o som daquela ação enorme em meus ouvidos.

— Ari? Baldur? Thor?

Minha voz saiu sem resposta. Onde quer que a Corvo tivesse me jogado, era longe dos outros.

Uma ponta de medo congelante atravessou minhas entranhas. Se ela fez isso comigo, o que fizera com meu gêmeo? Com nossa valquíria?

## 6.

### *Aria*

O mundo girou ao meu redor, o chão tombou. As placas de mármore voaram entre meus companheiros e eu. Tentei me jogar em uma brecha entre os deuses mas uma rajada de vento me empurrou para trás.

Eu caí de ponta-cabeça e me estatelei no chão... que não era mais chão. Minhas mãos pressionaram contra as tábuas de madeira de granulação fina enquanto eu me levantava. Meu coração deu um pulo.

O pátio que estávamos, o brilho da ponte que se formava, os deuses e deusa com quem eu estava — todos haviam sumido. Mas o lugar no qual eu me encontrava não era exatamente novo. Era o único lugar em Asgard com o qual eu estava familiarizada até agora.

As paredes douradas cheias das armas de Valhalla se ergueram ao meu redor. Um banco vago estava em uma mesa de carvalho grossa a poucos metros de onde eu estava. O teto alto brilhava. O cheiro enjoativo de álcool e principalmente de almíscar coçavam meu nariz.

Eu me forcei para ficar em pé e me mexer. O piso de madeira parecia criar resistência enquanto eu corria para a porta mais próxima, entre as espadas e as lanças expostas. Agarrei a maçaneta e virei, mas ela nem se mexeu.

Merda. Tentei a próxima e a depois, todo o caminho até a porta larga do lado oposto da Sala do Trono de Odin. Quando cheguei lá, minhas palmas ardiam de tanto girar maçanetas, eu tentei dar aquele empurrão para desemperrar.

Não se mexeu um centímetro. O empurrão quase deslocou meu ombro em vez de abrir a porta. Eu olhei para a maçaneta, esfregando o lado do meu braço.

Muninn me trancou longe dos deuses. O que ela tinha feito com eles? E por que ela tinha me colocado aqui?

Não, eu não precisava questionar isso. Ela me jogou em um lugar que eu tinha as memórias mais claras para que ela pudesse construir sua ilusão em uma base estável. Seria melhor para me prender. Ela não queria que eu tivesse qualquer chance de vê-la através dessa ilusão ou de ver qualquer lugar que estivéssemos.

Vozes ecoaram atrás de mim. Eu me virei. Com a visão que encontrei, dei um pulo para trás, meu coração acelerando.

As mesas antes vazias agora estavam cheias de figuras. Homens em armaduras de batalha, de metal ou couro, músculos salientes enquanto pegavam canecas de hidromel ou tiravam pedaços de carne dos assados que estavam em travessas entre eles. Eles enchiam os bancos ao longo do corredor. Aqui, um levantou sua caneca para brindar. Ali, outro jogou a cabeça para trás com uma gargalhada.

Eles não eram guerreiros modernos. Por suas roupas, o tom avermelhado dos cabelos, as barbas grossas que a maioria usava... deduzi que seriam os vikings de tempos antigos. Os trechos de conversa que ouvi eram em um idioma que eu não conhecia.

Entretanto, eles pareciam estar se divertindo. E o cheiro dos assados estava me fazendo aguar.

Essa carne provavelmente iria de desintegrar se *eu* tentasse comê-la, não é? Esses homens, eles também eram parte da ilusão. Não de memórias minhas, mas imaginei que fosse dos asgardianos que estavam comigo. Muninn obviamente não tinha problemas em costurar lembranças vindas de diferentes fontes.

Uma figura de vestido branco com armadura de prata apareceu entre duas mesas perto de mim. Uma mulher. Meu olhar a seguiu, assustada. Seu longo cabelo loiro caía pelas costas e seu rosto era delicado pela juventude; também tinha músculos que flexionavam em seus braços ao distribuir canecas para os guerreiros reunidos.

Havia outras como ela, mais mulheres em armaduras, circulando através do salão. Algumas usavam capacetes de batalha e a maioria, eu notei, carregava espadas ou adagas amarradas em seus cintos. Mulheres guerreiras.

Valquírias. Uma onda de compreensão me encheu. Estas eram as valquírias originais, aquelas que Odin havia convocado há muito tempo. As que voaram para a batalha para colher as almas dos homens dignos para trazê-los de volta. Eu não tinha me tocado que elas agiam como garçonetes nesse meio tempo. Não poderia dizer que estava arrependida de ter perdido essa parte do trabalho.

Eu me aproximei deles, tensa e preparada para recuar caso houvesse qualquer sinal de agressão por parte de alguma dessas pessoas criadas. Mas eles continuaram comendo e bebendo e servindo as mesas como se eu não estivesse ali. Gradualmente, comecei a relaxar. Andei pelos corredores, olhando para os rostos, tentando ignorar a crescente pontada no estômago.

Por que Muninn conjurou todos eles? Eles não estavam tentando me machucar. Ela poderia ter apenas me deixado nesse lugar sozinha se ela quisesse só me aprisionar. Eu não entendi. Mas a verdade é que a mulher corvo sempre foi meio excêntrica. Talvez essa fosse sua forma de entretenimento.

Uma risada baixa e continua veio do meio da sala e meus pés congelaram. Muninn conjurou mais uma imagem. Um homem alto, de ombros largos, com uma capa usada de viagem e uma barba castanha salpicada de prata, um olho perdido atrás de uma cicatriz, estava recostado no trono que antes eu vira vazio.

Odin. Eu o imaginava lá quando vim para Valhalla pela primeira vez sozinha, uma imagem criada pelo instinto. Pensei que estava andando através da ponte com ele há algumas horas. Mas isso... esse não era o Pai de Todos verdadeiro, nenhum daqueles ao meu redor eram guerreiros de verdade e essa não era a Valhalla real, mas era o mais próximo da realidade que eu iria conseguir — não um fantoche ferido como aquele que nos trouxe até aqui, mas um reflexo vibrante do deus em sua vida real.

Eu me aproximei, desviando de um guerreiro que caiu para trás ao bater na mesa com animação. O olho castanho claro de Odin percorreu a assembleia. Seus lábios estavam curvados em um sorriso no que eu deduzi ser de satisfação.

Dois lobos estavam esparramados no chão aos pés do trono. Não enormes e monstruosos como os Wargs, mas de tamanhos

normais, um cinza e outro preto. Suas orelhas continuaram de pé, mas suas cabeças repousavam languidamente em suas patas dianteiras. Seus olhares também não se viraram para mim quando passei pela última fileira de mesas.

Um corvo empoleirou-se no ombro de Odin, sua cabeça balançando enquanto se inclinava para perto de seu mestre. Muninn ou o outro corvo que tinha sido mencionado por Loki para ela — do pensamento, ele tinha dito? Eu não lembrava do nome do outro.

Se aquela era Muninn, seria a verdadeira? Incorporando a si mesma nesse quadro enquanto me espionava?

Minhas pernas hesitaram por um momento. Então marchei até o trono e bati no ombro de Odin.

Meus dedos colidiram com um corpo emplumado. O Corvo grasnou indignado quando eu o empurrei. Com um eriçar de penas, ele pulou de volta para o poleiro. Odin não se mexeu da contemplação de seus guerreiros.

Era tudo parte da ilusão. Eu torci o nariz, seguindo o olhar de Odin pelo salão lotado. Tá certo, já tinha visto a festa. Agora como é que eu iria sair daqui, caramba?

De todo jeito, a multidão de grandes guerreiros parecia indiferente; seus rostos pareciam mais sóbrios. Antes, todas as vozes soavam satisfeitas ou triunfantes.

Agora... agora um grito raivoso alcançou meus ouvidos. Em uma mesa próxima, um dos homens havia se colocado de pé e puxado outro por sua camisa. O segundo homem deu um soco no rosto do primeiro, tão forte que sangue jorrou do nariz do cara.

De seu trono ao meu lado, Odin riu e o som rolou sobre mim, arrepiando meus pelos do braço.

Ali, um cara musculoso estava com o rosto tão enfiado em sua caneca que ele praticamente praticava mergulho em seu hidromel. Quando ele levantou a cabeça, suas bochechas estavam coradas. Ele balançou um pouco em seu lugar. Ele bateu a caneca na mesa e gritou para uma valquíria que estava próxima que trouxesse mais.

Uma bandeja tilintou no chão. Uma fileira de guerreiros em um banco se acotovelou enquanto lutavam pelos melhores pedaços da carne de ganso que acabava de ser trazidos. Ali, um homem pegava

uma espada da parede e apontava para um de seus companheiros. Eles se esquivaram para frente e para trás em uma dança de esgrima, suas lâminas batendo umas nas outras. Mas eles não estavam só brigando. Suas bocas estavam tortas de hostilidade.

Até mesmo o ouro nas paredes parecia manchado agora, amassado aqui e ali por conta de um golpe de lâmina. Um guerreiro arremessou o outro na parede e o prédio estremeceu. Alguns flocos dourados caíram do teto como neve.

— Bravo! — Odin falou de seu trono. — Que a festa continue!  
— Seu rosto se contorcia em um desconfortável sorriso agora.

Por que o momento havia mudado? Será que Valhalla era assim naquela época? Não encaixava com o que os deuses haviam me dito. Por que as valquírias iriam trazer de volta idiotas em vez de guerreiros honrados? Por que Odin os incentivou enquanto brigavam? Qual era o sentido de Valhalla, se era desse jeito?

Eu parei, observando os ombros de Odin novamente: um corvo em cada lado.

Talvez essas não fossem memórias de nenhum dos deuses. Muninn poderia ter passado muitas horas nesse salão com Odin, não poderia? Estaria em suas memórias já que seria menos provável que ela se imaginasse lá, em vez de apenas o que ela tinha visto ao seu redor.

E aparentemente o que ela tinha visto parecia um bando de bêbados tendo pequenas brigas entre eles, com Odin botando pilha. Ela claramente não era muito fã do Odin nessa época. Podiam ser memórias distorcidas. Seja lá qual fosse o caso, ela quis me mostrar isso, me dar o seu lado da história? Será que era pra me convencer que tinha justificativa em nos jogar nessa prisão?

— Está tentando me provar que Odin merece o que quer que você esteja fazendo com ele? — perguntei em direção às vigas. — É um pouco difícil de acreditar que sua opinião seja imparcial. E ele deixou as pessoas irem, né? Ele dispensou os guerreiros e as valquírias fazerem o que quiserem com o resto de suas vidas... pós vidas... seja lá o que fosse. Mesmo que você não goste de como ele tenha administrado, ele parou.

Sem respostas. Nem uma diquinha de que ela tenha me escutado.

Os homens que lutavam perto da parede giraram ao redor de outro. O maior empurrou o mais esguio contra a parede novamente — mais flocos dourados caíram. Observei o caminho deles, que subiam até o teto arqueado. Um filete de luz do sol brilhou através da palha dourada.

Uma ideia me cutucava lá no fundo da minha mente. Loki conseguiu mudar os pensamentos de Muninn o bastante para fazer com que ela conjurasse a ponte de arco íris, em trazer ao menos parte dela, e isso é algo que ela não tinha planejado fazer. Se eu pudesse trabalhar com as impressões que ela já tinha me dado, talvez eu pudesse enganá-la a me dar o que eu queria.

Flexionei meus ombros, incitando minhas asas de valquíria a saírem. Elas se abriram em ambos os lados, pesadas e sólidas. Minhas. Eu as agitei para voar alguns metros do chão.

— Eu entendi. — falei, aumentando o tom da minha voz para ser ouvida por cima da multidão. — Valhalla era um lugar de merda. Os guerreiros eram uns babacas. Odin era um babacão. O ouro, embotado. O hidromel, azedo. O teto começando a desmoronar.

Eu fui um pouco mais alto, acima dos guerreiros. Mais deles estava brigando agora, esse aqui tacando hidromel na cara do outro ali, outro subindo na mesa pra chutar a cabeça do vizinho. Maneirão, gente. Que finura. Tinha gangsters da minha primeira vida cuja companhia eu teria preferido.

Ou será que eles estavam apenas recriando os pensamentos de Muninn enquanto ela respondia às minhas perguntas?

— Essas armas parecem prontas para cair. — falei. — Estou só esperando um desses bancos ser destruído. Odin riria disso, né? Pelo menos até aquele trono maneiro dele cair. Ou até o teto cair na cabeça dele? Porque não me parece muito seguro... mal está se aguentando. Ele tem sorte pra caramba de ainda não ter caído.

Enquanto eu dizia essas últimas palavras, pulei para o teto com algumas batidas rápidas de asas, o mais rápido que podiam me levar. No último segundo, virei de costas e apontei as pernas para as camadas de palha dourada com um chute forte.

Meus pés estouraram o teto, tão frágeis na mente de Muninn. Bati as asas e voei pelo buraco que fiz, em direção à liberdade do céu azul brilhante com um soprar de ar fresco enchendo meus pulmões e...

As paredes embaixo de mim ruíram completamente. Uma força me golpeou para trás. Eu girei, minha cabeça tonta, e a sensação vibrante no peito. Do meu coração.

Um dos deuses que tinha me feito estava por perto. Se eu pudesse ao menos me prender a essa sensação, talvez eu pudesse...

Foquei toda a minha atenção naquela leve sensação. Meu corpo girou novamente e eu caí de cara na terra batida.

## 7.

### *Aria*

Eu me ergui rapidamente, tensa e cautelosa, meus pés na terra. Aterrissei em um prado, com grama brotando aqui e ali em um chão seco, um salão quase tão grande quanto Valhalla na minha frente. Não tinha ouro ali, só pedras.

Não tinha ninguém por perto. Era só eu e a brisa quente e um cheiro de flores de macieira vindo de algum lugar por perto. Imaginei que eu não tinha conseguido chegar ao deus que eu tinha sentido a presença. Onde raios Muninn tinha me enviado agora e por que?

Vozes filtradas pela porta larga do corredor. Assobios e risos — e um grito de dor. Minhas asas se alongaram depois de terem sido dobradas pela queda. Antes que eu pudesse dar um passo à frente, a porta se escancarou com tanta força que bateu na parede de pedra ao lado de sua própria moldura.

Loki saiu correndo, seus cabelos voando em uma pálida chama vermelha, seus passos largos enquanto seus sapatos o levantavam do chão. Ah! Achei que tinha encontrado o caminho certo, finalmente. Eu me movi para correr atrás dele e então um monte de figuras saíram do corredor.

Esses homens não eram guerreiros humanos como em Valhalla. Eles talvez fossem imaginários e com nenhuma energia vital real que eu pudesse sentir, mas algo sobre o porte deles, o poder em seus movimentos, me dizia que eles eram deuses.

Loki já os ultrapassava. Então, uma forma prateada brilhante passou pelo meio deles e bateu em suas costas. Xingando ofegante, ele caiu no chão.

A forma prateada voou de volta para o corredor. Eu congelei por um momento, observando. Teria sido o martelo de *Thor*? Por que

ele atacaria Loki? Ou será que era isso que Muninn queria que eu achasse que fosse?

A aglomeração dos outros deuses partiu para cima do trapaceiro caído.

— Você não vai sair dessa, espertinho. — Um homem moreno rosnou. Outro puxou os braços de Loki para trás em um ângulo que fez Loki estremecer. Seus olhos brilharam. Ele conseguiu chutar um dos deuses no estômago e outro na virilha antes que um deles segurasse as suas pernas.

— Muninn! — Loki falou rouco. — Uma vez já é bom pra caralho. Quando eu colocar minhas mãos em você, vou torcer esse pescoço cheio de penas até...

Outro deus tampou a boca do trapaceiro com sua mão carnuda. Eles o arrastaram para o corredor.

Não. Meu corpo entrou em ação. Eu pulei no ar, me jogando o mais próximo possível dos deuses que atormentavam o agitado Loki.

— Deixa ele em paz, seus idiotas! Deixa ele *em paz!*

Meu cotovelo empurrou o deus no olho enquanto eu dava um chute em suas costelas. Ele grunhiu, seu aperto afrouxando. Eu me virei para enfrentar o deus ao lado dele e um punho enorme atingiu minha têmpora.

Eu já tinha enfrentado uma força divina antes, nas vezes que Thor e eu havíamos lutado quando ele estava me ensinando a usar a força e a velocidade que ele me dera. Mas ele estava se segurando naquela época, não tentando, de fato, me machucar. Uma valquíria não era páreo para um deus. E este não se continha.

A dor estilhou meu crânio. Eu cambaleei para trás, minhas asas sacudindo, e eu aterrissei de quatro. Minha visão turvou quando eu pisquei. Me forcei a ficar de pé, em direção à multidão. Eles eram apenas faz-de-conta. Eu deveria ser capaz de detê-los. Eu não poderia sentar aqui e simplesmente deixar que maltratassem Loki.

Minha cabeça ainda latejava. Eu cambaleei mais um pouco antes de me equilibrar.

— *Ari.*

Minhas pernas travaram com a urgência da voz de Loki. Meu olhar encontrou com o dele através da multidão de deuses. Sua boca estava livre mas eles seguravam seus braços e pernas com tanta força quanto antes, o que o deixava mole nas mãos de seus agressores. A chama de seus olhos tinha sido reduzida a um ardor que enviou uma sensação de contorção para o meu intestino.

Eu normalmente não poderia usar a sensibilidade das emoções que Baldur tinha me dado tão bem com os deuses mas agora eu nem precisava usá-la para ler a expressão no rosto do trapaceiro: ainda tinha raiva ali, mas também resignação... e vergonha.

— Deixa pra lá — ele disse. — Aqui já vai acabar. Mas você pode deixar esse canivete de prontidão.

Os deuses marcharam de volta para o salão, carregando-o. Ele permaneceu em silêncio em suas mãos enquanto eles o empurravam para dentro. A porta se fechou atrás deles.

Que porra estava acontecendo? Seria *isso* da memória de alguém? Se eu tivesse que chutar, diria Loki; ou será que era Muninn juntando pedaços e mais pedaços em um terrível cenário novo, como havia feito com os Wargs?

Ele queria que eu mantivesse meu canivete de prontidão. Eu esfreguei o ponto sensível em minha têmpora, onde aquele deus havia me socado, e tirei a faca do meu bolso.

Mais berros — alguns que pareciam raivosos, e então outros de diversão — ecoaram pela porta fechada. Mudei o peso de pé, me perguntando se deveria entrar lá, apesar do que Loki havia dito. Ele não poderia saber exatamente o que Muninn havia planejado, não mais do que eu. Embora eu não tivesse certeza se teria alguma situação que eu pudesse tirá-lo sem que ele próprio conseguisse fazer isso. Simplesmente não parecia certo esperar por qualquer coisa que pudessem estar fazendo com ele. Eles não pareciam querer apenas bater um papo.

Eu tinha acabado de reunir minha determinação e começado a andar em direção ao salão quando a porta se escancarou novamente. Loki saiu, uma onda de risada divina soando atrás dele. Eu me ericei, mas nenhum dos outros deuses apareceu na porta.

O trapaceiro estava escondendo sua boca com uma mão. Ele estendeu a outra para mim com um aceno contorcendo seus dedos. Seus olhos ardentes não encontraram os meus.

— O que? — falei. — O que eles fizeram contigo? Você está bem?

Ele não falou, apenas fez outra contração de dedos. Tá, o canivete. Fiz uma careta quando o entreguei.

A mão de Loki abaixou-se só por um instante enquanto ele o tomava de mim, e eu peguei um vislumbre do que ele estava tentando esconder. Grossas linhas pretas em ziguezague estavam em seus lábios, perfurando a pele de cima a baixo em feridas rosadas e raivosas. Um som abafado escapou de mim.

Loki empurrou a lâmina em seu rosto. Pedacos de material preto que parecia couro saltavam enquanto ele tossia e cuspiu. Os fragmentos se desintegraram quando atingiram o solo.

O trapaceiro voltou-se para mim, esfregando a boca. Eu me preparei, mas quando ele abaixou o braço, seu rosto parecia o mesmo de sempre. Porque ele já tinha se curado ou porque mudara as feições para esconder as feridas? Eu já tinha visto seu rosto se transformar no de uma mulher antes. Eu já o havia visto se transformar em lobo. Ele claramente não tinha gostado nem um pouquinho de que eu o tivesse visto nesse estado.

Ele empurrou o canivete dobrado para mim. O momento que meus dedos se fecharam ao redor do objeto, ele começou a andar.

— Vamos, vamos cair fora desse lugar miserável.

Eu tive de andar rápido para acompanhá-lo. Nós contornamos o salão e nos arriscamos por uma grossa brecha de floresta, toda de pinheiros e álamos. Contraí minhas asas para evitar os galhos.

Quando as árvores se fecharam atrás de nós e do salão, o passo de Loki diminuiu. Ele ainda não olhou diretamente para mim desde que saiu.

— Qual foi a treta? — falei calmamente. — Eles... eles *costuraram* sua boca. Muninn deve ter algum tipo de mente bem fodida para...

— Não a culpe por isso. — Loki me interrompeu em um tom nitidamente cortante. — Nada além de cenários. São memórias,

fadinha, lembra? Você está tendo uma introdução ao mundo dos deuses.

Meu estômago se contorceu.

— Então aquilo lá aconteceu mesmo. Eles realmente... Thor o ajudou, não foi? Foi o martelo dele que te impediu de fugir.

— Todos nós já fizemos algo do qual não nos orgulhamos quando estamos na presença de uma multidão, né?

— Mas *por que*? Por que eles fariam isso com alguém? É tão...

— Minhas mãos balançaram com a urgência de voltar e socar tanto aqueles idiotas a ponto de virarem farelo. Claro, o que provavelmente aconteceria é que eu iria acabar com os dedos doloridos, talvez quebrados.

Loki soltou uma risada cansada e parou. Ele se apoiou em um tronco de pinheiro e finalmente me fitou nos olhos, um pouco do brilho travesso de sempre reaparecendo.

— Bem, então você viu que eu fiz uma aposta.

— É o que?

Ele gesticulou vagamente para a cidade que acabáramos de deixar para trás.

— Vi uma excelente oportunidade de ganhar para os deuses uma infinidade de armas. Alguns dos elfos sombrios são bastante habilidosos com suas forjas, sabe? Então separei uma dupla de lanças moldadas por Odin e um navio do irmão de Freya, Freyr, e depois apostei com um grupo diferente de artesãos que eles não conseguiriam fazer melhor. E é claro que eles não resistiram em tentar. Um dos adoráveis itens que forjaram foi o Mjolnir.

— Eu realmente não vejo como trazer um monte de presentes aos deuses iria terminar com eles te atacando — falei.

Os lábios de Loki se curvaram em um sorriso.

— Bem, eu apostei a minha cabeça, caso eu perdesse.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Sua *cabeça*? — Eu estava começando a entender todos os comentários dos outros sobre o trapaceiro se meter em tantos problemas.

— Tinha que ser algo que eles não achessem que conseguiriam em qualquer outro lugar. — disse ele alegremente. —

Eu pensei que os deuses decidiriam ao meu favor, considerando o enorme favor que fiz a *eles*, mas enfim... o problema para os elfos sombrios era que eu não tinha colocado meu pescoço na aposta, e não tinha como Brokk arranca minha cabeça sem danificar o pescoço. Então, no final das contas, ele concordou com o pagamento que você viu. — Ele gesticulou a costura na boca.

A história ainda não me descia. Estudei sua expressão, que era normal agora.

— Por que os deuses não decidiram ao seu favor? Por que eles teriam ajudado o elfo sombrio a fazer isso em vez de deixar você escapar, caso pudesse? Eles pareciam...

Eles pareciam quase como se estivessem *gostando* de levá-lo para sua condenação.

Loki encolheu os ombros.

— Você lembra de onde estamos e o que eu disse que não sou, né?

— Você não é exatamente um deus porque você não é originalmente de Asgard. — falei. — Tecnicamente você é um gigante. Mas você é irmão de sangue de Odin. Você morou aqui com os outros deuses...por quanto tempo?

Seu olhar se afastou de mim novamente, com um quê de melancolia que ele não conseguia evitar.

— Não importa por quanto tempo. Os Aesir têm ideias opiniões muito particulares sobre os gigantes.

— Então eles não gostam de você só porque você não é um deles. — Minha mente voltou às provocações do pátio da escola, às pequenas brigas nos corredores, com crianças que zombavam dos buracos e manchas das minhas roupas, meu cabelo sem corte, até o momento que eu tive os meios para pelo menos fingir me encaixar. Não é como se essa pequena agonia fosse algo se comparado ao tormento que acabei de presenciar. Mas eu sabia como era. Sabia quão fundo a injustiça podia doer.

— Essa é a essência da coisa — Loki concordou. — Os deuses e os gigantes tem sido o ranço um do outro. Também não tenho muito apreço pelas pessoas de onde vim, mas devo admitir que na

maior parte das vezes eles são um bando violento e bruto e que é melhor deixar se afundar em sua própria brutalidade.

— Mas você não é um bruto violento — rebati. — Qualquer babaca consegue ver isso.

— Obrigado por dizer isso. Mas o preconceito nem sempre consegue ser desfeito, né? E, bem, vamos apenas dizer que eles têm muitas outras razões para nem sempre se sentirem completamente amigáveis comigo. É uma situação complicada.

Hod tinha dito isso também. Mas Hod não tinha nenhum tipo de segredo que pudesse culpar Loki. Eu nunca tinha ouvido Loki criticar qualquer um dos deuses pelo nome além de provocações amigáveis. Até que ponto todos aqueles resmungos de Hod eram justificados e quantos deles era simplesmente preconceito?

Minha mandíbula cerrou, um tremor de raiva me preencheu. Loki chamou minha atenção e riu.

— Você parece irritada por mim. Não há necessidade de se vingar, fadinha. Foi tudo há muito tempo, está no passado agora.

Algo novo iluminou o olhar de Loki quando ele tornou a olhar para mim, seus olhos de âmbar brilhantes e profundos. Ele desceu da árvore. Sua mão tocou minha bochecha quando ele se inclinou para me beijar.

Não era como qualquer um dos beijos que já havíamos compartilhado antes com aquela chama instantânea. Sua boca se moveu suavemente contra a minha, como se estivesse acendendo um fogo entre nós pouco a pouco, incitando-o desde aquela primeira faísca. Como se ele precisasse da minha presença, do meu toque, para trazer aquela chama à vida. Uma onda de desejo encheu meu peito e eu beijei de volta com mais força.

Com um ruído faminto, ele passou o braço por volta de minha cintura e me puxou para mais perto. Agarrei seu pescoço, meus dedos emaranhados em seus fios de cabelo sedosos. A luz parecia brilhar nas bordas das minhas pálpebras.

Deve ser assim, estar no centro incandescente de uma chama como o olho de uma tempestade, envolto em brilho e calor mas que não queimavam.

O trapaceiro recuou mais cedo que eu gostaria, sua cabeça permanecendo curvada sobre a minha. Meu coração bateu fora de compasso.

— Loki...

— Eu sei — ele disse com um rápido sorriso e se endireitou. — Sem compromissos, sem anúncios. Há alguns momentos que simplesmente não consigo resistir a você.

Eu não gostei da impressão que tivera de quando ele afastou. Eu não diria essas palavras. Mas eu não tinha ideia do que *queria* dizer a ele, então fechei a boca. E tornei a abrir. Quando umedei os lábios, o sabor doce e picante dele permaneceu na minha língua.

— O que faremos agora? — me obriguei a dizer. — Acha que deveríamos procurar pelos outros?

— Ou por uma saída. — Loki disse. — E não parece haver nenhuma aqui. — Seu sorriso tornou-se afiado. — Vamos ver o que mais a Corvo nos reserva nessa grande aventura.

## 8.

### *Loki*

— Muninn fez mesmo um excelente trabalho com esse lugar. — Eu disse enquanto caminhávamos pela Floresta que fazia fronteira com nossa falsa cidade de Asgard. — Não deveria ser surpresa, considerando que ela tem vários conjuntos de memórias para trabalhar. Ainda assim, por mais que eu queira colocar essa construção no chão, tenho que parabenizá-la pela habilidade.

Ari fez um muxoxo evasivo. Ela havia guardado suas asas mas a tensão mostrava-se em suas costas e ombros. Ela estava preparada para abrí-las no momento que sentisse na necessidade de fugir. Há algumas semanas, ela agia como se fossem um fardo e agora ela estava confiando nelas como se fosse partes de si.

Ela estava realmente abraçando sua função como valquíria. A valquíria que eu havia escolhido. Mesmo que eu estivesse tentando sufocar um turbilhão de emoções, sentia um lampejo de orgulho disso.

— Então Asgard é assim? — ela perguntou. — Além dos pequenos detalhes que foram mudados por Muninn?

Inspirei um pouco do ar de pinho quente mas com um frescor outonal. A Corvo não estava se preocupando muito em manter as estações consistentes. O farfalhar das agulhas secas sob nossos pés, a inclinação do sol entre as árvores — tudo na ilusão parecia verdadeiro. Eu poderia ter feito essa caminhada centenas de vezes.

— Se eu não tivesse visto o que vi, acreditaria que isso aqui é Asgard — declarei — Quando chegarmos na verdadeira, você achará muito familiar. Mas, felizmente, com poucas das horríveis confusões dos eventos passados — pisquei para ela, como se fizesse uma piada. Como se eu não sentisse mais a ferroada

daquele cordão de couro em meus lábios e a pontada mais afiada de toda aquela risada divina enquanto Brokk o costurava.

— E acredito que os outros deuses não estão muito perto, né?  
— ela disse. — Você tinha dito que não os via há bastante tempo.

Balancei a cabeça.

— O mundo seguiu em frente sem a gente e alguns de nós levaram mais a sério que os outros. Muitos dos deuses menores simplesmente escaparam. Talvez tenham descoberto uma adorável cabana em uma praia tropical e estejam vivendo uma vida relaxante. Outros partiram em quaisquer missões que pudessem inventar e nunca mais voltaram. Muitos dos Vanir retornaram ao seu lar original. Freyr talvez ainda esteja lá. Não dou um pulo lá há anos. Não que ele não curta uma visitinha minha.

Sorri mas ela me olhou com aqueles malditos olhos cinzas que eu aprendera que quase nunca erravam; e nem deveriam, com os talentos que demos a ela quando a trouxemos de volta do mundo dos mortos na função de valquíria. Mas seus instintos afiados das ruas claramente havia elevado essas habilidades básicas a um nível mais alto do que as das três mulheres que invocamos antes.

É claro, por isso que ela sobreviveu e elas, até onde sabíamos, não.

— Bom, já foram tarde se todos os deuses são daquele jeito — ela apontou para o corredor pelo qual havíamos passado. Uma pontada quente de vergonha percorreu minha espinha com a lembrança do que ela havia visto antes da costura. Não foi meu momento mais impressionante, ser arrastado por aqueles idiotas. Eu gostaria de torcer o pescoço de Muninn só por fazer Ari presenciar aquele momento.

Nossa valquíria, entretanto, não hesitou. Pelo menos vinte deuses ao meu redor e Ari tinha se lançado a eles como se estivesse pronta para acabar com todos de uma vez, apenas para me salvar. Havia incomodado tanto ela, vendo o jeito que estavam me agredindo, que ela iria arriscar a própria vida para pará-los.

Literalmente arriscou a vida, porque, ilusão ou não, eu tinha visto quão forte aquele soco a atingiu. Só as Nornas sabem o que Muninn permitiria que suas criações fizessem com nossa valquíria

se ela insistisse na briga. Toda a luta que *eu tinha em mim* se esvaiu naquele momento, vendo-a caída no chão segundos antes de ela se mover de novo.

Alguns minutos de agonia envergonhada enquanto o maldito elfo sombrio costurava meus lábios era uma escolha fácil em troca para mantê-la a salvo. Eu suportei o temperamento rebelde dos deuses diversas vezes. Ela não deveria sofrer no meu lugar.

— Eles tiveram seus momentos, mesmo aqueles que eu não me importava tanto — falei. — Encontrei um jeito de me dar bem com eles.

— Deve ter havido alguma coisa que você gostava por aqui, já que permaneceu mesmo com a forma que eles te tratavam, em vez de ir pra casa.

— Comida boa, acomodações confortáveis, um clima temperado... como não amar? — Balancei a cabeça com um sorriso confuso. Ela não sabia do que estava falando quando chamou o reino dos gigantes de minha *casa*. — Você tem que lembrar que minha alternativa era uma terra bastante estéril, cheia de idiotas agressivos cujo passatempo favorito era encontrar a cabeça de alguém para poder bater. Como você pode imaginar, eu também não me dava muito bem com meus conterrâneos.

— Não, acho que não — ela murmurou e chutou um galho do chão. — Simplesmente não me desce... até *Thor* estava pronto para te machucar.

Ela ainda estava presa na lembrança, né? Imagino que para mim é mais fácil deixar para lá, já que tenho tantas outras memórias...

— Nenhum deles pretendia causar nenhum dano permanente — falei, deixando minha voz chegar a um tom tranquilizador. — Eles estavam simplesmente se certificando de que eu cumprisse minha aposta. — Mesmo que tenha sido culpa deles eu ter perdido. Odin havia feito o julgamento final. — E *Thor* não me conhecia há tanto tempo, naquela época. Só depois, quando começamos a ter nossas próprias missões e enfrentamos monstros e reis gigantes e vestidos de noiva, essa é uma história que vale a pena contar em detalhes quando tivermos tempo, que desenvolvemos uma camaradagem.

Você viu como somos agora. Não há nenhum tipo de desavenças entre nós.

— Hod transparece alguma desavença... — Ari disse calmamente.

A pontada de ansiedade que eu consegui reprimir dentro do estômago sacudiu meus nervos novamente. Quanto menos falássemos sobre *isso*, melhor. Se Muninn já não tivesse adicionado isso à sua agenda de horrores, eu preferiria que ficasse de fora.

— E ele tem seus motivos — comentei distraidamente — O ressentimento o mantém ocupado. Imagino que teria uma vida tediosa se deixasse pra lá.

— Mas...

— Ari — Eu parei e me virei para ela, colocando minhas mãos em seus ombros estreitos. Algumas mechas de seu cabelo loiro escuro caíram em sua testa e eu não consegui resistir ao impulso de afastá-los de seus olhos. Talvez em parte por conta do calor que apareceu em seu olhar quando a toquei. Eu não me cansava disso. Sua paixão era um presente em todas as formas.

— Você não precisa se preocupar comigo — garanti. — Cuido de mim há mais tempo do que você possa imaginar. Eu estava feliz com o jeito que as coisas eram, com exceção do misterioso desaparecimento de Odin, e estou ainda mais feliz por você agora estar conosco. O passado é apenas o passado, não importa como a Muninn queira usá-lo.

Ari estudou meu rosto como se estivesse tentando ler uma verdade mais profunda por trás de minhas palavras. Deixo apenas o calor e o bom humor transparecerem no meu sorriso. O resto não é dela para que leve consigo.

Ela ficou na ponta dos pés, pressionando um beijo que eu não tinha previsto em meus lábios. Um arrepio agradável passou por dentro de mim quando me inclinei. Ah, é, eu escolhera bem quando coloquei meus olhos nessa alma.

Eu provoquei minha língua ao longo de sua boca e seus lábios se separaram com um som ansioso. Nossas línguas se entrelaçaram calorosamente. Ela se inclinou para mim, suas pequenas curvas grudadas em meu peito. Eu poderia ter levado

alguns minutos nessa calmaria para descobrir quais outros sons eu conseguiria dela com o roçar de minhas mãos e o movimento de minha língua mas então uma voz irritada, mas ainda elegantemente feminina, percorreu as árvores.

— Ah, droga.

Eu levantei minha cabeça e Ari voltou a seus calcanhares.

— Acho que podemos ter descoberto nossa deusa perdida — falei.

Ari girou, a esperança iluminando seu rosto. Ela estava tão interessada em sair desse lugar quanto eu. Que tipo de memórias ela temia que Muninn conjurasse? Eu só sabia a superfície do que nossa valquíria enfrentou, ela mantinha seus traumas bem trancadas dentro de si.

Corremos pela floresta até onde ela diminuía, na beira do pomar de Asgard. No meio das macieiras retorcidas, Freya estava andando de um lado para o outro. Seu cabelo dourado se espalhara para sombrear seu rosto enquanto ela olhava para suas mãos. Sua boca estava retorcida em um ângulo tenso.

— De novo não. — Ela murmurou e então levantou a voz. — Corvo, pare com isso *agora mesmo!*

— Não acho que ela vá te ouvir — eu disse, andando devagar. — Se te anima, ela está feliz por você estar angustiada — inclinei minha cabeça, considerando suas mãos, que pareciam tão suaves e finas como sempre. — Qual é o problema, exatamente?

— Não finja que não está vendo — Freya retrucou para mim. — Da primeira vez, a culpa foi sua. Estou enrugando novamente. Me tornando velha.

Arqueei uma sobrancelha, observando seu rosto perfeitamente jovem, e ri.

— Não, você não está, oh, deusa da beleza. Ela está usando mais um truque de lembrança. Você continua a mesma, como quando chegou aqui. Ela não pode mudar nossas próprias formas.

— Mas... — Freya estendeu as mãos para frente dela mesma como se a distância desse uma perspectiva melhor. A única linha em seu adorável rosto era o sulco em sua testa. Muninn não conseguiu fazê-la parecer velha mas fizera a deusa parecer

bastante ridícula. Eu não poderia dizer que me importava tanto com esse truque.

— Ele está certo. — Ari concordou, passando por mim. Ela agarrou as mãos de Freya. — Prometo que você está exatamente a mesma de quando a conheci. Não deixe que a Corvo bagunce sua cabeça.

O aperto dos dedos de Ari contra os seus deve ter quebrado a ilusão. A deusa soltou um suspiro de alívio. Ela acariciou o rosto.

— Que truque miserável foi esse?

Ô mulher vaidosa que estava na minha frente. Essa situação era mesmo a *pior* memória que ela tinha em toda a sua longa vida? Eu gostaria de vê-la vivendo uma das minhas, só por um momento.

— Então essa foi a pior coisa que você conseguiu imaginar, querida Freya? — provoquei. — A memória mais horrível que Muninn conseguiu arrancar de você foi a época em que você começou a envelhecer?

Ela fez uma careta para mim.

— Se eu bem me lembro, nenhum dos deuses ficou muito satisfeito com a situação. E tudo graças a você.

Ari olhou em minha direção.

— Como você fez os deuses envelhecerem?

Acenei.

— Outra longa história. Era uma vez uma época em que os deuses necessitavam das maçãs de uma árvore especial nesse pomar para manter a nossa juventude. Por total acidente, a deusa que colhe aquelas maçãs foi sequestrada. Bastou um pouco de raciocínio e movimentações rápidas para que eu a recuperasse e então estava tudo bem.

— Não tenho certeza quão propositalmente conduzi-la além das paredes de Asgard tenha sido um *acidente* — Freya disse.

— Eu não tinha como saber o que a águia queria com ela — protestei. — Talvez ele quisesse apenas levar um lero.

Ari girou nos calcanhares, observando o pomar.

— Vocês ainda precisam comer essas maçãs para impedir que envelheçam e... morram, certo?

— Não, graças a Asgard. — falei. — Nosso renascimento depois de Ragnarok os removeu como uma necessidade. E tenho certeza que Freya gostou bastante, já que não precisa mais se preocupar com um cabelo branco ou uma ruga.

— Ah, cala a boca! — disse Freya. — O que é pior: ficar chateada por perder a juventude ou se alegrar ao ver isso acontecendo com os outros?

A réplica me irritou. Eu não estava alegre. Era bom para a alma encontrar humor nos piores momentos, não que ela entendesse sobre isso. O *que* Odin vira nela para torná-la sua segunda esposa, afinal de contas? Ela havia confundido a cabeça dele tanto assim com beleza e encantos superficiais?

— Eu estava muito ocupado arriscando minha vida ao tentar resolver o problema para ficar muito feliz. — rebati, revirando os olhos, mas mantendo o tom leve: — Não lembro de você ter contribuído muito para ajudar além do empréstimo da sua capa de falcão. Acredito que toda a sua energia foi necessária para se lamuriar por conta de sua beleza perdida.

A mandíbula de Freya se apertou.

— Acho que você deveria ter se lamentado também. Sem a minha beleza, como você seria capaz de criar tantos esquemas me prometendo em casamento para criaturas aleatórias?

— Ah, havia muitos rostos bonitos em Asgard. Acredito que poderia ter oferecido sua filha.

Eu sabia que tinha falado demais a julgar pelo olhar no rosto da deusa. Não que sua espécie alguma vez tivesse demonstrado consideração pelos *meus* filhos.

Ela levantou a mão para apontar um dedo acusador para mim e o chão tremeu com passos trovejantes. Eu me virei e avistei ninguém menos que o próprio Thrym, uma vez rei dos gigantes, correndo em nossa direção através das árvores.

## 9.

### *Aria*

O pomar inteiro tremeu quando a figura enorme avançou em nossa direção. Alto como Loki e tão musculoso quanto Thor, o homem enorme derrubou uma árvore com um golpe de seu protuberante braço e arrancou outra pelas raízes com um rugido. Faixas de couro cruzavam seu corpo cheio de cicatrizes. Uma coroa de ferro amassada repousava ao acaso em seu cabelo castanho.

— Ah que maravilha. — Freya disse, recuando para o abrigo mais denso da floresta. — Agora você deu vida ao rei dos gigantes. Era tudo o que precisávamos.

Loki bufou.

— *Eu* o trouxe à vida? Não lembro de ter enviado nenhum convite.

— Você trouxe todos os seus esquemas à tona, todas as maneiras que você me usou em suas apostas. Lembro que a maior foi contra ele. De onde você acha que a Corvo tirou essa ideia?

— Ah, lembro que foi você quem começou a desenterrar sobre minhas intrigas e várias apostas que posso garantir que nunca iniciei. Bem, pelo menos não as que envolvem sua mão em casamento, por mais que tenham me solicitado esse benefício.

O gigante furioso arrancou outra árvore e a atirou em nossa direção. Eu me arrastei para trás e me agachei atrás de um pinheiro.

— Povo, vocês poderiam resolver essa questão mais tarde e lidar com o rei gigante que está querendo nos esmagar agora?

— Com prazer — disse Loki, puxando sua adaga do cinto com um flash de luz metálica. — Eu tenho muita prática em limpar as bagunças que a deusa já me meteu. — Ele sorriu para Freya.

— Que *eu entro*? — Freya gaguejou. — Se eu tentasse contar todas as vezes que sua suposta inteligência nos colocou à beira de

um desastre...

— Nem precisa. Continue contemplando sua beleza restaurada que eu enfrento o gigante.

O gigante em questão se aproximou. Abri minhas asas, me desligando do resto da conversa. Pelo menos eu faria algo para garantir que a última criação de Muninn não nos deixasse em pedacinhos. Talvez o gigante não parecesse tão ameaçador para os deuses, mas eu, com certeza, não iria ficar sentada esperando que ele me esmagasse.

Saquei meu canivete e me impulsionei para cima. Os galhos arqueados ao redor tornavam difícil de se ter algum tipo de vantagem pelo ar. O gigante estava quase na floresta agora, um rastro de destruição espalhado pelo pomar atrás dele. Eu não conseguiria combatê-lo corpo a corpo, isso era óbvio. Mas se eu pudesse encontrar um ponto fraco, como o teto em Valhalla... um golpe no lugar certo e ele deveria se desfazer como os Wargs, como os deuses que agarraram Loki teriam se eu tivesse conseguido dar um bom golpe.

Os olhos talvez? Se ao menos eu pudesse chegar perto o suficiente de seu rosto. O pensamento de entrar ali e esfaquear aquela criatura quase humana da maneira cruel fez meu estômago embrulhar.

Era apenas uma construção de memórias, me lembrei. Como praticar tiro ao alvo. Nada real. Nada de vida perdida.

Não que eu pudesse afirmar que minhas mãos estavam limpas de matar de verdade, depois de todos os elfos sombrios que tivemos que massacrar lutando para chegar ao que pensávamos ser Odin. Esse momento já tinha sido superado.

Canivete em punho, deslizei para mais perto do gigante. Ele arrancou um galho enorme de uma das macieiras e o balançou na frente dele como um porrete. Seus olhos vermelhos focaram em mim.

— Eu não vou ser envergonhado assim! — ele rosnou. — Você vai trazê-la para mim ou todos vocês irão cair.

Eu não tinha ideia do que ele estava dizendo mas ele não parecia interessado em me atualizar. Antes que eu tivesse a chance

de fazer qualquer coisa, ele jogou o galho na minha direção. Usei um tronco ao lado para me impulsionar para o ar, dando uma cambalhota em por cima da copa de uma árvore. Minhas asas me levaram até em cima da cabeça dele.

O gigante golpeou para cima com o galho mais rápido do que eu esperava, dado o seu tamanho. Me joguei de lado com um bater de asas mas a ponta irregular bateu em minhas costelas.

Caí em outra árvore com um grito de dor. Todo o lado esquerdo do meu peito latejava. Mais hematomas para adicionar à minha crescente coleção.

De dentro da floresta, Loki xingou.

— Ari! — Freya chamou. A madeira lascada estalou sob meus pés quando ambos avançaram para o pomar.

Saí do caminho de outro golpe improvisado do gigante, rangendo os dentes por conta da queimação em minhas costelas. Meu canivete. Minhas mãos estavam vazias, deve ter caído quando o galho me acertou.

Meu coração acelerou com um pânico mais agudo que qualquer gigante poderia infligir a mim. Aquele canivete era a única coisa que me restava de Francis, eu não podia perdê-lo aqui. O mundo de ilusões de Muninn poderia consumi-lo se eu não o recuperasse logo.

Desci da árvore em que cai. O gigante deu outro rugido. Então Freya saltou entre mim e aquela figura gigante, sua espada brilhando à luz do sol.

— É a mim que você quer, não é, Thrym? — ela disse, parando em uma posição de luta. — Por que não vem me pegar?

— Eu exijo Freya como minha noiva! — o rei gigante gritou. — Uma troca justa, a deusa pelo martelo do deus. Eu *terei* meu pagamento.

Ela sorriu ferozmente, sua beleza reluzindo.

— Aqui estou. É tão chato que muitos de vocês esqueçam que eu sou tanto a deusa da guerra quanto a deusa do amor. E eu sei exatamente qual lado de mim você merece. Não ouse colocar mais um dedo em nossa valquíria.

A raiva nessas palavras me deu uma dor latejante no peito. Ela não estava só se defendendo, mas a mim também. Era melhor eu

começar a ajudá-la.

Eu olhei para o chão, em busca do meu canivete. O baque do metal batendo na madeira soou atrás de mim. Em seguida, um chiado e um berro que soou mais doloroso do que furioso.

— Ah, eu achei que chamusca seria uma adição adorável à sua arma. — A divertida voz de Loki soou. — Olha só aquele galho brilhando alegremente.

Um brilho de azul chamou minha atenção. Ali! Pulei para o canivete, estava quase cortando meus dedos no afã de pegá-lo. Uma pontada atravessou minhas costelas mas eu o ignorei. Minha mão apertou com força a base de plástico. Eu me virei para a batalha.

Não havia muito para ser feito. Freya estava atacando o rei gigante de um lado e Loki provocava-o com golpes de adaga e flashes de fogo do outro. Um gigante, mesmo que um rei, obviamente não era páreo para dois deuses poderosos. E Loki poderia dizer o que quisesse sobre sua genética mas vê-lo ali, seu rosto brilhando com o poder enquanto distraía o gigante por tempo suficiente para Freya chicotear sua lâmina na parte de trás dos joelhos do maior, ele não poderia parecer mais diferente do homem que eles estavam lutando contra.

Aquele monstro enorme era um gigante. Loki pode até ter sido um deles uma vez, não que ele realmente pertencesse a eles, mas depois de tanto tempo entre os deuses, eu não conseguia vê-lo como nada além de um deus.

O corte da espada de Freya fez o gigante cair de joelhos com um gemido. Freya se aproximou e, na mesma hora, o brutamontes arrancou uma lança pontiaguda de madeira quebrada do chão e a jogou na direção dela.

Eu gritei um aviso e me joguei para frente, fazendo uso dos meus músculos de valquíria aprimorados. Meu calcanhar esticado bateu no pulso do gigante. Seus dedos se contraíram, deixando cair a lança. Então ele virou sua mão para mim. Quando me impulsionei para o ar, ele agarrou meu tornozelo, me puxando para trás, e Freya levou a espada ao pescoço dele.

— Isso é o mais perto que vai chegar de mim. — Ela disse cortando sua garganta com um golpe rápido.

Nenhum sangue escorreu. O gigante desmoronou completamente com uma baforada daquela poeira horrível.

Freya estava em cima dele, ofegante. A sujeira havia riscado seus braços e o lado de uma bochecha, mas não ofuscou sua beleza. Eu não tinha certeza de como alguém poderia esquecer que ela era a deusa da guerra, uma vez que já a viram assim.

Não admira que Odin quisesse que ela fosse sua rainha.

— Obrigada. — Eu disse, voltando à terra com um bater de asas. Enfiei o canivete no bolso. — Eu não sabia que importava tanto para você o fato de eu ser jogada de um lado para o outro.

Tentei dizer isso como se fosse uma piada, mas as palavras saíram um pouco incômodas. Freya olhou para mim.

— Você é nossa valquíria — declarou ela. — De todos, mesmo que eu não tenha tido uma participação direta na sua convocação. Se não fosse por você, não estaríamos mais perto de encontrar meu marido. Você lutou por mim muito mais do que eu já lutei por você — o canto de seus lábios se curvou. — E é bom ter uma pausa da constante postura séria. Eu realmente não queria perder a chance de ter uma companhia feminina depois de dois séculos.

Eu não tinha amigos de verdade quando era viva. É muito difícil confiar em alguém. Não havia tempo para me dedicar a eles quando tudo o que eu fazia era cuidar de Petey e ganhar mais dinheiro para fazer a primeira parte melhor. Foi meio difícil entender a ideia de que uma deusa queria minha “companhia”. Eu não tinha muita certeza sobre o que conversaríamos depois que tivéssemos terminado com os tópicos básicos “explique como funciona essa parada do divino”; mas eu não ia discutir. Não quando ela ainda tinha aquela espada na mão.

Loki veio se juntar a nós, enxugando o suor de sua grande testa com a manga da túnica.

— Bem, — começou ele — não podemos dizer que a Corvo não está nos mantendo alerta. Se alguma vez reclamei que nossas vidas não eram emocionantes o suficiente, peço desculpas dez vezes.

Freya ergueu as sobrancelhas e guardou a espada. O sorriso de Loki ficou tímido.

— Também peço desculpas se sugeri que você não sabe lutar suas próprias batalhas, querida deusa. Possivelmente a subestimei por algumas vezes.

— Provavelmente — declarou Freya.

— Definitivamente. Começo a pensar que deveria ter trazido você de verdade para recuperar o martelo de Thor em vez de colocar Thor naquele vestido. Embora, é claro, todos nós tivéssemos nos divertido com o impressionante espetáculo do vestido, então...

Freya riu.

— Não, eu acho que você fez a escolha certa. Eu não perderia aquela visão por nada.

Qualquer que fosse a tensão formada entre eles antes disso se desfez. Eu respirei fundo, e as árvores ao meu redor oscilaram.

Congelei, estudando-as e aguicei meus ouvidos, saboreando a brisa como Hod havia sugerido. Uma faixa cinza brilhou entre duas árvores e desapareceu. Aquele gosto de fuligem fez cócegas na minha língua novamente.

— Está acontecendo de novo — falei. — A falsa Asgard está oscilando. Mais do que antes. Será que...

Mas não tive oportunidade de continuar. O chão se inclinou, dobrando as árvores sobre mim, e o estalo de um tronco me fez cair do pomar em direção aonde Muninn queria que eu fosse.

## 10.

### *Aria*

A escuridão chicoteou ao meu redor. Abri meus braços e libertei minhas asas, tentando agarrar alguma coisa. Uma sensação fraca puxou em meu coração: um dos deuses, um dos meus criadores, em algum lugar próximo. Atirei-me para essa sensação com toda a minha força.

Colidi com uma forma sólida de músculos magros e cheiro de fumaça. *Hod*, reconheci, e então o mundo construído de *Muninn* me fez girar novamente. Nós dois caímos esparramados em um piso acarpetado.

Eu me afastei do deus, atenta aos meus joelhos e cotovelos. Ele se sentou com uma expressão atordoada, esfregando a parte de trás de sua cabeça que havia batido no chão.

— Ari? — perguntou ele. Seus dedos roçaram minha pele quando ele encontrou meu pulso e o apertou. — Você está bem?

— Um pouco mais detonada do que a última vez que conversamos, mas ainda respirando. — respondi. A queda tinha feito a dor voltar às minhas costelas. E outras dores menores de mais cedo, que eu não queria contar. Por mais feliz que eu estivesse em ver *Hod* seguro e relativamente ileso, eu não me importaria em esbarrar em *Baldur* e ter um pouco daquele poder de cura. — Para onde ela te enviou?

— É melhor não falarmos sobre isso — disse ele sombriamente.

Eu tinha visto o quanto as memórias que *Muninn* despertara havia afetado até mesmo o imperturbável *Loki*. Por enquanto, eu não iria forçar.

Eu me agachei para me mover rápido caso precisasse, mas nada na sala ao nosso redor parecia uma ameaça. O tapete azul

claro era macio sob os meus pés. Uma cama de solteiro, cuidadosamente feita com uma estampa de nave espacial estava à nossa direita, uma cômoda de bordo e uma cadeira e mesa de tamanho infantil, à nossa esquerda. A janela sobre a mesa estava aberta, a cortina flutuando ao lado dela. A brisa trazia o cheiro de um gramado recém cortado.

— Você viu algum dos outros? — perguntou Hod.

Confirmei com a cabeça.

— Estava sozinha no início, mas depois encontrei Loki e Freya.

— Nenhum sinal de Baldur?

Ah. Claro que ele estava mais preocupado com o irmão gêmeo do que com qualquer outra pessoa.

— Não — respondi. Eu queria dizer que tinha certeza de que Baldur poderia resistir a qualquer coisa que Muninn jogasse nele mas, honestamente, era difícil dizer o que estava realmente acontecendo sob a brilhante superfície do deus da luz. Às vezes eu tinha a impressão de que ele estava aumentando seu brilho para desviar o olhar mais atento de qualquer um.

— Ela ainda não nos assolou com nada que não consigamos lidar — eu parei e analisei o nosso redor, franzindo a testa. — Não sei o que ela está fazendo agora, mas tenho quase certeza de que não estamos mais em Asgard.

— Também não sinto que estamos em Asgard — Hod disse. — Imagino que seja algum lugar em Midgard. Você reconhece?

Balancei a cabeça.

— Nunca estive aqui antes — Os únicos quartos infantis que já estive eram na casa da minha mãe, e nem o meu nem o de Francis nem o de Petey eram tão arrumados. O carpete do meu era tão irregular que era possível jogar damas nele. Havia manchas de água por todo o teto por conta das infiltrações que surgiam durante as fortes tempestades e um cheiro de mofo que nunca saía. — Essa definitivamente não é uma memória *minha*.

Hod franziu a testa. Sua cabeça virou como se examinasse a sala mas eu sabia que ele não conseguia ver.

— O quanto pode me dizer sobre onde estamos? — perguntei com curiosidade real.

— Pelo modo como o ar se move, posso ter uma noção de tamanho do espaço, onde estão os objetos grandes. E o toque pode preencher o resto — ele deu um tapinha na lateral da cama. — Pelo mobiliário, suponho que seja um quarto? Não muito grande. Limpo. — Ele fez uma pausa, seu peito se expandindo em respiração lenta. — Algo sobre isso me cheira familiar. Talvez *eu tenha* estado aqui.

— Você tem o hábito de visitar crianças aleatórias? — perguntei ficando tensa quando a porta se abriu. Uma pequena figura parou na soleira aos nos ver. Meu coração deu um pulo.

Ah! Não era um garoto qualquer.

As sobrancelhas finas de Petey se juntaram enquanto ele nos contemplava com seus grandes olhos azul-acinzentados. Cada parte dele estava exatamente como eu lembrava, desde os cachos loiros dourados despenteados até aquelas pernas magras — pernas que saíam por baixo do short desfiado ao longo da bainha. Não há necessidade de perguntar de qual cabeça Muninn havia tirado essa parte da ilusão.

Porque tinha de ser uma ilusão. Petey não estava realmente aqui. Mas isso não impediu que cada partícula do meu corpo desejasse ir até ele.

Eu podia ir, né? Um abraço não poderia machucar o verdadeiro Petey, dizer-lhe mais uma vez o quanto eu o amava, que eu estava voltando para ele.

Antes mesmo de terminar de pensar, eu já estava me movendo. De pé, dando um passo atrás do outro em direção ao meu irmão mais novo, meus braços estendidos. Hod respirou fundo atrás de mim.

— Ari...

Oh, Deus, ele não iria ser uma ilusão aleatória nessa reunião de mentira, né? Eu o ignorei e estendi a mão para tirar um cacho perdido dos olhos de Petey.

Petey se encolheu, afastando-se de mim. Ele olhou para mim com os ombros rígidos.

— Quem é você? — disse com a voz trêmula. — O que está fazendo no meu quarto?

As palavras me atingiram como um tapa. Congelei.

— Sou eu, Petey. A Ari.

Ele recuou um passo.

— Eu não conheço você. Você não deveria estar no meu quarto. Mamãe disse que ninguém pode entrar, a menos que me peçam primeiro.

Meu peito se apertou tanto que mal consegui respirar.

— Eu só queria te ver — falei. — Você me conhece. Ari. Sua irmã. Estou contigo desde que você nasceu.

— Você é uma estranha. Não devo falar com estranhos.

— Ari. — Hod apareceu atrás de mim. Ele colocou a mão no meu ombro, seu aperto firme, mas não forte. — Este é o quarto dele na casa de seus pais adotivos. Loki e eu viemos vê-lo antes de deixá-lo, naquela última manhã. Nós deveríamos ir. Ela está tentando te magoar. Não deixe.

— Mas... — meus olhos ficaram quentes. Petey ainda me olhava, seu pequeno corpo rígido. Seu queixo tremeu. Como se ele estivesse com medo de *mim*. — Você não pode fazer com que ele lembre? Se você é capaz de apagar memórias, deveria ser capaz de trazê-las de volta. Não vai contar. Não é ele de verdade.

— Não é ele de verdade — Hod concordou. — E eu não posso fazer nenhum tipo de magia nele. Ele está agindo do jeito que Muninn quer. Você o deixou ir uma vez. Pode fazer isso de novo.

Eu não iria ficar ali encarando o olhar perplexo de Petey.

— Petey, por favor. — Dei outro passo em direção a ele, procurando em seu rosto qualquer indício de reconhecimento. Ele se encolheu para trás, tropeçando ao ir para o corredor.

— Mamãe! — ele gritou com sua vozinha fina. — Mãe, me ajuda! Tem uma estranha...

Um arrepio percorreu meu corpo. Fechei os olhos, apertei a mandíbula e empurrei a porta do quarto fechada.

Passos soaram do outro lado. O falso Petey correndo para sua falsa mãe? Eu joguei meus ombros para trás contra a porta, minha cabeça baixa, minha respiração áspera.

Hod se moveu em minha direção, mas eu levantei minha mão para detê-lo. Minha mão em punho, me empurrei para fora da porta,

girando ao redor, olhando para todos os cantos da sala como se pudesse encontrar a Corvo por ali.

— Isso foi doentio, Muninn. *Doentio!* Eu não sei por que você está bolada com Odin, mas se você acha que de alguma forma é a heroína aqui, você está delirando. Simplesmente *não se usa* um garotinho. Você está doida! Então Odin, às vezes, parecia não ter coração? Você acabou de provar que é um monstro!

Ela não respondeu. Não achava que ela iria. Com um som estrangulado, lancei meu punho contra a parede. Ele amassou o gesso com um baque satisfatório e uma pontada igualmente satisfatória de dor percorreu por entre meus dedos.

— Ari — Hod chamou, agora soando mais urgente.

Eu pulei para longe dele, batendo a parede oposta com o meu pé, batendo o calcanhar no assento da cadeira para que a madeira rachasse.

— Isso tudo aqui é falso. É tudo de mentira e é um lixo e... eu não passei anos bolando minha fuga da casa da minha mãe só pra que você pudesse me trancar nessa prisão idiota. Nos deixe *sair!*

Eu dei outro golpe na parede e então subi com minhas asas e chutei o maldito teto. Pó de gesso se espalhou. Eu virei, o peito arfando, engasgando com um soluço.

Hod estava ao lado, na cama, sua boca em uma linha de dor. Ele estava só esperando que eu acabasse com minha birra. Porque, como alguém poderia não dar esse nome a isso tudo? Qual era a minha, com toda essa agitação?

Meus ombros caíram. A raiva dentro de mim diminuiu mas isso só deixou mais espaço para a angústia.

— Terminou, valquíria? — o deus das trevas perguntou mas seu tom era suave, não de desaprovação.

— Eu só queria... só queria abraçá-lo mais uma vez.

Minha voz sumiu. Eu me aproximei e inclinei a cabeça contra o peito de Hod. Ele engoliu em seco audivelmente. Seus braços vieram ao meu redor, abraçando-me a ele.

— Eu sei.

— Mesmo que ele não fosse real...

— Eu sei.

Relaxei em seu abraço, mais magro que o de Loki porém mais firme. Ele não havia falado muito mas apenas aquele reconhecimento aliviou o pior da dor. O suficiente para que eu pudesse dizer:

— Bem, estamos sozinhos agora, mas será que não tem como você dar um beijinho para sarar?

Uma risada saiu da garganta de Hod. Suas mãos subiram para cobrir meu rosto e gentilmente o inclinou para trás. Uma escuridão invisível mas faminta encheu seus olhos verdes.

— Eu posso tentar — disse ele em uma voz baixa que enviou um arrepio ansioso para todo o meu corpo.

Um tipo diferente de sombra cintilou na borda da minha visão. Minha cabeça virou, tentando acha-lo. Ali. Um bater de asas na ondulação da cortina.

Dessa vez não hesitei. Lancei-me para longe de Hod na direção daquele vislumbre da Corvo. Minhas mãos arrepiaram como a sensação de penas eriçadas — e a sala e o deus se afastaram de mim.

O mundo borrou ao meu redor. O chão virou. Eu tropecei em meus pés e cai de joelhos, que agora era a parte mais dolorida do meu corpo.

Sem tapete dessa vez. Tábuas de madeira lisa. Uma ampla sala de estar, prateleiras repletas de livros ao longo de uma parede, nas laterais de uma ladeira de pedra. Um ventilador de teto agitava o ar úmido mais acima. Eu estava cercada por duas poltronas vazias e um sofá enorme onde duas figuras estavam sentadas encostadas uma na outra. Uma névoa se agarrava às bordas do espaço, como se esse fosse mais um sonho do que um lugar físico. Não que os lugares em que estive nos últimos tempos fossem reais.

— Você pode ir — dispensou o homem. Sua voz era tão fina quanto seu corpo alto, seus ombros eram curvados. Seu cabelo caía liso e branco em torno de suas orelhas ligeiramente pontudas. Uma cicatriz irregular cortava o lado esquerdo de seu rosto. O outro lado estava alinhado com a idade que parecia ter. — Sei que não foi fácil. Não pode ser fácil fazer isso de novo. Mas eu vou ficar bem sozinho agora. Duvido que a Morte me deixe perder o rumo.

— Não — a mulher enrolada contra ele falou em uma voz rouca. Ela levantou a cabeça de onde estava com o rosto pressionado contra o peito dele, seu cabelo brilhante caindo sobre as omoplatas estreitas e percebi que era Muninn. O mesmo vestido preto solto, os mesmos olhos escuros e intensos de quando a conheci.

Quando foi isso? Quem era esse? Tive a sensação de ter tropeçado em uma das memórias da mulher corvo de alguma forma. Será que ela queria que eu visse isso? Isso me parecia bem mais pessoal do que qualquer outra coisa que pudesse imaginar que ela gostaria que eu visse.

— Eu não vou perder mais momentos com você — ela disse, seus dedos emaranhados na camisa do homem. — Se eu pudesse, conjurava mais.

Ele acariciou seu rosto.

— Tivemos o bastante. Mais do que eu já tive sequer esperança em ter. Não lhe faltam memórias disso, Srta. Corvo. Não se prenda tanto.

— Nada disso! — ela murmurou. Sua cabeça se inclinou para perto da dele de novo. Ela beijou seus lábios e suas pálpebras se fecharam quando ele retribuiu. Meu rosto ficou vermelho.

Não, eu não deveria estar assistindo isso. Mas isso significava que eu tinha conseguido trocar nossas memórias pelas dela, não é? Tinha que ter algo aqui que eu pudesse usar.

Eu tinha começado a me virar quando a cena ao meu redor desabou como uma onda de escuridão com vastas asas me batendo. Tive tempo suficiente para respirar fundo antes de Muninn me arremessar de mãos vazias para fora de sua memória.

## 11.

### *Thor*

Eu não conseguia bem explicar como aconteceu. No momento que algo que parecia como uma ameaça chegou até mim, algo em minha mente e em meu corpo mudou. A fúria da batalha saiu de cena e todas as outras considerações práticas foram para o fundo da minha cabeça. Uma onda de poder percorreu meu corpo. Com a pulsação intensa em meus ouvidos, meus pés bateram no chão e minha mão balançou o Mjolnir sem pensar, como conectar mais rapidamente cada golpe mortal.

Derrube-os. Derrube-os a todos, rapidamente. Deixe o sangue fluir até que nenhum deles possa encostar um dedo em mim e nos meus.

Era simplesmente minha natureza. Sempre trabalhei desse jeito e isso nos serviu bem em todas as batalhas que tivemos que lutar através dos tempos.

O triste era que eu não podia dizer com certeza qual era a batalha que eu estava lutando agora. Em uma das mudanças de paisagem de Muninn, ela me jogou em um campo com uma vasta gama de gigantes já avançando em minha direção, seus dentes à mostra com gritos de guerra e armas levantadas. Me joguei para frente, o martelo pronto, no momento que meus pés se firmaram no chão.

Nós já havíamos lutado contra gigantes. Eu não conseguia me lembrar de nenhuma batalha em particular onde estivesse sozinho, mas Muninn não parecia estar em busca de precisão. Ela parecia estar com o objetivo de nos destruir, simplesmente.

Ela podia esquecer isso. Eu iria bater em cada um desses crânios gigantes cinco vezes e ainda estar pronto para lutar por meu

caminho de volta para Ari e os outros. Uma corvinho não iria contar vantagem para cima de mim.

Meus músculos se agitaram enquanto eu girava para os lados, batendo o martelo forjado por um elfo sombrio em uma testa aqui, uma mandíbula ali. Chicoteando-o através de toda uma linha de meus inimigos, derrubando-os como dominós, antes que o martelo voltasse para as minhas mãos. Se houvesse um respiro na luta, eu poderia ter chamado um trovão e um relâmpago, mas a briga não parava.

Os gigantes não estavam pegando leve mas foi a batalha mais limpa que já lutei, se comparada a qualquer outra que na realidade. A cada golpe, os corpos explodiam em mais poeira, até cobrir a grama ao redor. Era bem melhor que sangue, que sempre respingava em mim e ao meu redor, no meio de um confronto como esse. Eu não podia dizer que sentia saudades do fedor metálico de sangue no ar, o sabor dele rastejando em minha boca.

Mas, de alguma forma, sem os jorros de sangue e corpos espalhados, o rugido de fúria da batalha diminuía. Continuei lutando, continuei batendo nos gigantes que corriam em dois ou três por vez, porque, caso não o fizesse, acabaria com uma lança na barriga ou uma clava na cabeça.

Virei para os lados, tentando reunir mais fervor com o impulso. Não funcionou. Um peso se instalou em minhas entranhas quando joguei o corpo seguinte em uma faixa de poeira.

Todas esses que uma vez matei, todas as vidas que extingui, eles não eram nada além de poeira agora no mundo real também. Eu os apagara em uma batida de coração, quase sem pensar.

O peso em meu intestino piorou. Mas o que fazer, a não ser lutar até reduzi-los a pedaços?

Eu ataquei o gigante que tinha corrido atrás de mim e foi quando percebi que não estava mais sozinho.

Ari havia caído na beira do campo. Ela cambaleou e recuperou o equilíbrio. Meu intestino apertou-se ainda mais quando ela levantou a cabeça para observar a paisagem.

A visão de mim enterrando o Mjolnir na cabeça desse gigante. Batendo direto na cara daquele. Mais poeira choveu em um cheiro

levemente azedo.

Eu balancei mais rápido, mais forte, meu sangue pulsando um pouco. Os gigantes poderiam ir atrás dela depois. Eles não eram reais. Se eles já estiveram vivos, tinha sido há muito tempo. Não consegui parar até destruir todos. Até que conquistei essa maldita memória para a qual Muninn havia me empurrado.

A raiva ardente disparou novamente em minhas veias. Um rugido soou em meus pulmões. Bati, chutei e joguei em uma interminável tempestade de movimento enquanto o grupo se aproximava de mim, suor escorrendo em minhas costas. Os corpos e gritos se misturaram em um borrão. Meu martelo golpeou carne e osso até colidir com apenas o ar vazio.

Parei. Os gigantes haviam mesmo sumido? Nada estava ao meu redor por ali, exceto poeira espalhada.

Minha mão com o martelo caiu ao meu lado. Um tremor percorreu meus músculos. A sensação nauseante enrolou meu estômago.

Ari estava olhando. Ela foi até a beira do campo segurando seu canivete, suas asas abertas. A respiração dela estava instável. Seria *horror* estampado em seu rosto?

— Eu teria ajudado — ela disse. — Mas eu não... eu não consegui definir se atrapalharia mais do que poderia ajudar. Achei que você tinha tudo sob controle.

Seu tom foi ficando mais irônico ao terminar a frase. Isso me arrepiou. Antes que eu pudesse decidir minha resposta, outro grupo de gigantes apareceu no horizonte. Meu coração despencou. De novo não! A Corvo realmente achou que poderia me derrubar assim?

Ari se endireitou, seus músculos tensos. Por Hela, não! Eu não queria que ela estivesse na briga comigo, vendo aquela fúria ainda de mais perto. Arriscando-se à pancada de meu martelo caso eu o mirasse errado, a cauterização do meu relâmpago.

Muninn, mande-a para outro lugar. Tinha de haver algum lugar melhor do que aqui. Não que a Corvo estivesse interessada em melhorar a situação. Se eu pudesse abrir caminho diretamente até

ela, destruí-la e à sua prisão... não que eu estivesse muito perto agora.

— Eu posso lutar — disse Ari.

— Não quero que lute — rebati. Os gigantes estavam quase em cima de mim. Com os dentes cerrados, me afastei dela para encontrá-los.

Dessa vez era um grupo menor. Com duas batidas de pés, enviei relâmpagos do céu para eles. Esmaguei os outros ainda mais rápido que os anteriores, meus pulmões começando a queimar de tensão, mas mesmo a fúria da batalha correndo pelo meu cérebro não abafava a consciência de que Ari estava em algum lugar atrás de mim. Ari ainda observava Thor, o destruidor.

Por muitas vezes eu me orgulhei desse papel. Mas ela não tinha visto muito de mim nas últimas duas semanas, não é mesmo? Ensinei-a a esmurrar seus inimigos. Queimando minha frustração ao bater em objetos ao redor de nossa casa em Midgard, com meu martelo. Destruindo todos aqueles elfos sombrios que se aglomeraram contra nós.

Ou talvez fosse simplesmente ter aquele par de olhos de fora em mim que despertava uma pontada de culpa que sempre esteve ali, mas que eu geralmente conseguia manter enterrada.

Hesitei por um segundo antes de bater meu martelo na cabeça do meu último agressor. Retorcido de raiva, o rosto daquele gigante não parecia tão diferente do que o meu, provavelmente, parecia. *Brutos*, Loki gostava de chamá-los assim. Como alguém me chamaria?

O corpo caiu com um baque e se esvaiu em um monte de poeira. Examinei o campo. Nada mais se mexia por enquanto.

— Thor? — Ari chamou. Era tentador. Meus dedos se apertaram ao redor do punho de Mjolnir.

— Como você veio parar aqui? — perguntei sem me virar.

— Eu não sei. Parece que consigo encontrar vocês todos enquanto Muninn nos joga para todos os lados. Mas ainda não descobri como posso fazer disso uma vantagem. Sempre achei que somos melhores juntos do que separados. Temos mais chances de destruir as ilusões.

Seus passos farfalharam da grama para os montes de poeira. A poeira dos corpos que eu derrubei, que pareciam sólidos para serem ilusões. Meu estômago revirou. Então me virei, apontando em uma direção diferente.

— Vamos ver se podemos encontrar uma maneira de sairmos desse lugar então.

Ari ficou imóvel até que eu a alcancei e ela deu um passo para o meu lado. Mudei de lugar para dar mais espaço mas não pude deixar de observá-la com o canto do olho.

Ela fechou o canivete e o enfiou no bolso, sua cabeça baixa. Suas asas se retraíram. No espaço de segundos, ela parecia uma jovem comum, embora determinada e extremamente bonita. Mesmo minha náusea não conseguia parar a corrente de desejo que subia do fundo de minha barriga.

— Estamos bem? — Ela perguntou depois de um minuto, sua voz ainda hesitante.

Virei a cabeça.

— O quê?

— É que... você parece chateado. Talvez comigo, não sei. As coisas que Muninn está jogando contra nós, os truques que ela está fazendo... não sei o que ela poderia ter mostrado a você. Eu gostaria de saber se ainda estamos de boa.

Ela olhou para mim, preocupação e confusão brilhando em seus olhos. Se meu estômago estava apertado antes, ele se torceu em um grande nó agora. Ela pensou que eu poderia ter algum tipo de problema com *ela*. Merda.

Parei no meio do caminho e virei-me para encará-la.

— Estamos bem — falei. — Estamos super bem. Desculpe, Ary. Você não fez nada de errado. Essa é a primeira vez que te vejo desde que nos separamos no pátio. Eu... estou feliz em te ver, de ver que você está bem.

Ela cruzou os braços sobre o peito e levantou o queixo, sua energia habitual voltando.

— Então com *o que* está chateado? Porque algo está te deixando incomodado. Foi algo dessa luta? Lembranças ruins?

— Não exatamente. É que... — completei apressado. — Eu não quero que isso, a forma que você me viu lá, o jeito que você já me viu mais vezes do que eu gostaria, seja a forma com a qual você me vê. Eu luto porque preciso e talvez encontre prazer nisso enquanto estou na briga, mas não gosto de matança. Eu não busco por isso.

Talvez isso não fosse inteiramente verdade. Houve momentos, muito antes de Ragnarok, quando eu viajava com Loki ou outro de meus irmãos, sabendo que iríamos brigar com alguém. Mas sempre alguém que merecia. E eu não sentia aquela vontade de buscar por uma briga há bastante tempo.

Não desde que vi minha casa e todas as pessoas nela consumidas em um terrível incêndio que nenhum martelo poderia impedir.

— Ei. — Ari tocou meu braço, calor florescendo sob seus dedos. — Não sou ninguém para te julgar. Quantas vidas roubei quando brigarmos com os elfos sombrios?

— Não é a mesma coisa. — Protestei. — Você não se perde nisso. — *Você não se pergunta se realmente tem o controle ou se a fúria é o que te conduz.*

Sua boca se torceu.

— Eu sei como é ser pega pela emoção. Querer ferir tanto alguém que você esquece todo o resto naquele momento. Também não curto isso.

Fiz uma careta. Minha mão se moveu por conta própria, acariciando seu cabelo.

— Tenho certeza de que, se você se sentiu assim por alguém, é porque mereciam — falei ferozmente.

Ela fechou os olhos, sua expressão relaxando com meu toque, como se ela recebesse tanto quanto eu queria oferecer. Meu Deus, será que eu poderia ter essa sorte?

— E a horda que você estava enfrentando, não merecia? — ela perguntou

Umedeci os lábios.

— Eu estava me defendendo. Então acredito que sim. Eu nem me lembro pelo que estávamos brigando em qualquer memória de onde Muninn os tenha tirado.

— Então pelo que se culpa?

Fiz uma pausa. A resposta ficou presa na minha garganta.

— Às vezes me arrependo... sempre falamos sobre os gigantes como nossos inimigos, sabe? Não confiei em Loki por um bom tempo. Mas a verdade é que a minha mãe era uma gigante.

As sobrancelhas de Ari se ergueram quando ela encontrou meus olhos novamente.

— Odin e todas as suas milhares de viagens — ela disse, soando divertida.

— Basicamente — confirmei, um pouco da minha vergonha pela admissão desaparecendo. — Mas ele me levou de volta para Asgard como se fosse um deles e eu sempre agi como tal. Pelo que sei, matei primos ou tios e quem sabe mais quais parentes em campos de batalha. Eu nunca parei para perguntar.

— Eles também não te perguntaram. — Ari pontuou.

— Você não acha que há algo de errado nisso?

Ela deu de ombros.

— Não acho que sangue signifique muito. Meu pai foi embora antes que eu tivesse idade suficiente para me lembrar dele. Minha mãe passou mais tempo me evitando do que cuidando de mim. Prefiro ajudar um estranho do que ela. Nascer não é promessa para ninguém.

— Mas você não iria bater em nenhum deles a ponto de virarem uma poça de sangue.

— Não por falta de vontade — ela murmurou. Ela agarrou minha mão ainda em seu cabelo, enrolando seus dedos ao redor dos meus. — Você quer saber o que acho de você, Thor? Eu vejo a força, a devoção e um coração enorme que não suporta a ideia de alguém que esteja sob sua proteção se machucando e isso basicamente é falar de toda a humanidade — ela sorriu. — Ah... e não vamos nos esquecer do enorme apetite e da risada mais divertida que já ouvi.

Eu quase podia ver meu reflexo brilhando de volta em seus olhos cinzas. Eu não precisava de nenhum dos sentidos especiais de Baldur para saber que ela estava falando a verdade. A tensão que tinha no intestino havia sumido.

A cabeça de Ari torceu para o lado. Seus olhos se estreitaram.

— O que? — falei. Mesmo quando as palavras deixaram meus lábios, peguei uma dica. Um brilho escuro, um movimento leve, além do trecho da grama, que logo desapareceu.

— O mundo real explodiu de novo. — Ari disse, virando-se com a mão ainda apertada em torno da minha. — Eu vi um pouco dela dessa vez. Estava escura mas tinha uma luz avermelhada, e por um segundo me senti muito quente... — ela olhou de volta para mim mas seu olhar estava distante. — Aconteceu quando Loki e Freya estavam conversando também.

— Eu também tive um vislumbre de algo — respondi. — Agora mesmo. Mas só um vislumbre.

Um sorriso saltou no rosto de Ari.

— Você também? Então a ilusão está enfraquecendo. Estamos cada vez mais perto de rompê-la. É quase como... Quando aconteceu antes, Loki estava se desculpando com Freya por não a reconhecer como a grande guerreira que é. E agora mesmo, eu fiz você pensar em si mesmo, em todas aquelas batalhas, um pouco diferente, talvez? — ela estudou meu rosto.

— Fez sim. — falei. — Acha que foi isso que causou a ruptura?

— Não sei. Mas talvez, quando mudamos de ideia sobre algo, ou percebermos que estávamos olhando para elas da maneira errada no passado... talvez isso abale a construção de Muninn, né? Qualquer coisa que mexa em nossas memórias e a maneira como pensamos sobre elas deveria, já que ela está usando isso como base para construir tudo aqui. Um pouco mais disso e tudo vai desmoronar.

Meu ânimo melhorou.

— Podemos ter esperança.

— Podemos sim. Só não se desgaste, ok?

Ela deslizou os braços em volta de mim e eu me inclinei em seu abraço. Um cheiro de trevo fez cócegas em seus cabelos macios como o cheiro de uma chama recém acesa. Cada nervo de meu corpo vibrava com a proximidade dela.

Quando ela recuou, sua bochecha roçou na minha. Minha respiração ficou presa. Ela hesitou ali, seus lábios a poucos

centímetros dos meus. O calor aumentou o espaço entre nós.

— Thor — ela disse baixinho.

— Ari — Minha voz saiu rouca. — Você e Loki... — a memória dele beijando-a no pátio retornou.

— .... espero que entenda que eu não quero ficar presa no momento — ela completou. Sua respiração fez cócegas em meu queixo. — O que é uma coisa boa, porque eu não sei se ficaria feliz tendo que escolher um de vocês. A menos que você não queira.

— Para o inferno com isso! — declarei, e puxei seus lábios nos meus.

Ela beijava tão doce quanto cheirava, a alegria de nossa pequena vitória ondulando entre nós. Corri meus dedos mais fundos em seus cabelos e um murmuro satisfeito escapou dela. Seu corpo se derreteu em mim como se ela precisasse da força que havia dito — a minha — para fazê-la passar por isso, mesmo que apenas nesse momento.

A sensação dela, quente e ansiosa contra mim, quase me fez perder a cabeça de uma maneira muito diferente. Mas também me lembrou que ainda não estávamos nem perto de sair dessa prisão. Relutando, me afastei dela. Ela sorriu para mim. A visão de suas bochechas coradas, o rosado de seus lábios depois daquele beijo, enviou um raio de luxúria direto para minha virilha. Precisei de todo o meu autocontrole para não puxá-la de volta para mim.

— Ainda falta muito — eu disse.

— Sim — Ela se virou com a mão no meu braço e seus olhos se arregalaram. Sua mandíbula suavizou e depois se fechou. — Eu entendo.

Inclinei-me para tentar entender o que ela havia decifrado e uma força invisível surgiu entre nós, arrancando Ari de mim. Com um grito, eu a agarrei. Meus dedos se fecharam em torno do vazio.

## 12.

### *Aria*

O mundo ao meu redor estava girando. Tentei me empurrar de volta para Thor. O vento chicoteou meu corpo para frente, e entre os lampejos de grama e pedra, meu olhar pegou uma figura curvada atrás de grossas barras de uma jaula, um anel de fogo lambendo tudo ao redor. A figura levantou a cabeça ligeiramente, mostrando uma barba salpicada de prata e um olho cheio de cicatrizes — *Odin*. Uma pontada percorreu meu peito: a conexão que senti quando estava procurando por ele. Esse era o verdadeiro deus. Mas onde ele estava? Eu tinha que pegar todas as pistas que podia...

O cheiro de cinzas e algo pungentemente amargo entupiu meu nariz e minha boca, e então fui arrancada dali. Minha mão tateante se fechou em torno de uma carne sólida. Agarrei-me a ela mas o pulso escorregou de meu alcance.

Meus ouvidos estalaram. Caí de bunda em ladrilhos de mármore, que eram tão familiares que sua superfície dura era quase um alívio. Eu estava de volta à primeira Asgard que caímos. Os enormes salões de pedra pairavam ao meu redor, o sol quente do verão pintava as paredes com traços de luz. Na minha frente, um enorme grupo de deuses, que deduzi serem parte da ilusão, se reuniam em círculo em um pátio menor com prédios apertados ao redor. Eles gritaram para o que quer que os assistia.

Eu me levantei, recuperando o equilíbrio enquanto me apoiava na parede mais próxima de onde eu caí. Eu não tinha perdido Thor completamente. Ele estava apenas se endireitando de onde devia ter caído, do lado de fora dos prédios vizinhos. Seu olhar recaiu sobre a multidão antes de me encontrar. Ele endureceu, sua pele naturalmente corada empalidecendo.

Mas o que...? Minha cabeça virou para trás em busca da multidão mas eu era muito baixa para ver por cima do topo da maioria das cabeças dos deuses. Tudo o que eu sabia era que, o que quer que estivessem fazendo, era algo que os fazia rir e conversar entre si. Pareciam muito animados. Mas obviamente Thor viu algo que eu não via.

Ou lembrava algo.

Subi em um peitoril de um prédio para ver melhor. Agarrei-me às pedras frias, virando-me novamente para a multidão e congelei.

Baldur estava parado em um espaço claro no meio do anel de deuses. Angústia, uma das emoções mais terríveis que eu já tinha visto nele, se espalhava por todo o seu rosto. Um dos deuses na beira do ringue jogou uma faca nele, outro jogou uma pedra, outro, o que parecia ser uma cenoura. Ele os afastou com rajadas de luz em sua pele, sua boca se torcendo.

Que porra eles estavam fazendo? Por que eles estavam atirando objetos em Baldur dessa forma? Inferno, eles pareciam *felizes* com isso, sorrisos se estendendo por todos aqueles rostos, a risada que eu tinha ouvido antes de continuar a reunião. Como se fosse um jogo amistoso, tudo em um jeito amigável. Será que não viam que ele estava odiando?

Não, eles não viam nada. Eram apenas ilusões. Eu tinha que me lembrar disso. Ilusões que Muninn havia construído e guiava como marionetes.

Mas isso deve ter vindo de alguma memória. Não fazia sentido.

Eu me apoiei na parede para soltar minhas asas mas antes que pudesse saltar para voar até Baldur, uma forma de cabelos escuros irrompeu na multidão.

— Baldur! — Hod chamou.

Seu irmão gêmeo se virou. Um lampejo — seria *pânico*? — atravessou o rosto de Baldur antes que sua expressão se transformasse em alívio.

Hod enganchou o braço ao redor de Baldur e abriu caminho com sombras enquanto conduzia o deus da luz para fora do ringue. Eu os observei até que um lampejo no espaço aberto atraiu meu olhar. Minha boca se abriu.

Baldur reapareceu no meio do ringue. Mas...

Meu olhar disparou. Havia dois Baldur agora. Aquele que estava com Hod longe da multidão, balançando a cabeça com um sorriso que ainda transmitia um pouco de mágoa com o que o irmão dizia, e aquele que aparecia do nada no meio dos outros deuses.

O mais novo ali estava com os braços abertos como se recebesse projéteis, totalmente sereno. Eu não via nenhum brilho mágico ao redor dele, mas quando mais deuses recomeçaram a “brincadeira”, jogando um prato, uma batata, uma lança, cada um dos objetos ricocheteava em seu corpo e caía no chão.

Hmm, isso estava estranho.

Talvez, há algum tempo atrás, Baldur realmente tivesse estado naquela posição e sido apedrejado, por qualquer motivo maluco. Alguém realmente se lembrava disso.

Thor deve ter visto seus irmãos — meio irmãos, dado que ele me contara sobre sua mãe? — E agora caminhava ao redor do ringue para se juntar a eles. Eu pulei do meu lugar e corri atrás dele. Havia apenas um lugar onde eu teria uma resposta. Era um bom sinal, não era, que quase todos nós tivéssemos nos encontrado novamente?

Tínhamos uma chance melhor em quebrar a prisão de Muninn quando estávamos juntos. Pelo menos, era assim que eu esperava que fosse.

— ... não chegarei a esse ponto. — Hod dizia em uma voz áspera quando os alcancei. — Vamos embora. Não temos de aturar sua tortura.

— Eu não acho que só sair resolva a questão. — disse Baldur, sua cadência melódica habitual estranhamente suave. — Eu consigo sentir. As coisas que estão jogando naquela memória de mim. Consigo sentir tudo.

Se eu pensava que Thor havia empalidecido antes, não era nada se comparado à sombra pálida no rosto de Hod quando processou essa informação. Suas mãos se apertaram.

— Então vamos encontrar as outras construções que ela conjurou e detê-las antes que cheguem a esse ponto.

— Qual ponto? — eu perguntei, estudando suas expressões. — Que merda está acontecendo ali?

Os olhos escuros de Hod se voltaram para minha voz automaticamente e, de alguma forma, mais cor sumiu de seu rosto.

— Se continuarmos com isso, você nunca terá de descobrir, valquíria — ele disse caminhando, um pedaço de sombra correndo pelo chão na sua frente. — Alguém já viu Loki? Alguma versão dele deve estar por aqui.

— Se ele estiver por aqui, vou cumprimenta-lo. — Thor resmungou, partindo em direção oposta do pátio. Baldur seguiu atrás de seu gêmeo. Sua apreensão era tanta que eu conseguia senti-la onde normalmente só passava aquela calma sonhadora.

Corri atrás deles, diminuindo a velocidade quando alcancei Baldur.

— Qual é o problema? Por que estavam fazendo aquilo contigo? Aconteceu de verdade, não foi?

— Aconteceu — ele disse, seu olhar ainda seguindo o irmão. — Hod estava certo. Será melhor se simplesmente não tivermos de reviver todo o evento.

— Por quê? — a outra versão dele, a ilusão, não parecia nem um pouco perturbada. Ele parecia até estar gostando dos ataques. — Eu não entendo. Todo mundo resolveu surtar um dia ou foi...

— Aria — sua voz permaneceu suave mas havia uma certa dureza nela. — Eu não quero entrar nesse assunto. Deixa quieto. *Por favor.*

Eu comecei a me eriçar, mas a angústia naquela última palavra apertou meu coração. Minha boca se fechou.

— Desculpe — pedi após um momento. — Vou tentar ajudar. O que exatamente estamos procurando?

Só então Baldur olhou para mim. Alguma emoção que eu não conseguia ler evidenciou em seus olhos azuis brilhantes. Ele colocou a mão no meu braço e apertou suavemente. O toque me inundou com um calor repentino. Pelo amor de Deus, cada um desses deuses era muito atraente. Eu estava beijando Thor há pouco, tentando Hod para outro beijo antes disso e Loki, bem... E

agora um simples gesto possivelmente apenas amigável de Baldur já me deixara em chamas.

Relembrar aquela manhã com Loki definitivamente não saciava minha fome. Nem começa a aliviar o tédio. Alguma coisa, parte de mim, queria descobrir como seria com cada um dos outros, agora mais do que antes. Como se essa fosse a hora e lugar para isso.

— Loki deve estar por aqui em algum lugar — declarou Baldur. — Possivelmente dois dele como você consegue ver dois de mim. E pode haver outro Hod. Quanto mais deles pudermos identificar, melhor.

— Deixe comigo — Dei-lhe uma pequena saudação e me levantei do chão com um bater de asas. Elas vinham a calhar em momentos como esse.

Alguém na multidão atirou um machado no Baldur ilusório. Ela resvalou em sua pele e todos os deuses aplaudiram. Fiz uma careta para eles, que não pareciam me ver, e voei sobre o local.

A cabeça brilhante de Freya apareceu. Ela apressou-se para Hod, de onde estava circulando na multidão, sua expressão já tensa. Todos eles sabiam o que estava acontecendo ali ou melhor, o que estava prestes a acontecer. Todos menos eu. Fosse o que fosse, claramente seria horrível.

Eu me virei e uma mecha de cabelo ruivo brilhou entre as sobras dos prédios. Loki saiu de uma lateral do outro lado do pátio. Ele absorveu a cena e apertou os lábios.

Quando ele não achava graça na situação era porque a coisa estava feia.

— Hod! — chamei com um gesto em direção ao trapaceiro, e então lembrei que o deus cego não seria capaz de ver meu braço apontado. Mas Thor também me ouviu. Ele se apressou em torno da multidão para se juntar a Loki e os dois correram para onde os outros três haviam parado. Eu descí, meus pés tocando o chão assim que todos os cinco deuses se encontraram.

— Você ainda não encontrou o lugar? — Loki dizia.

Hod estava eriçado.

— Depois de todo esse tempo, com tudo que anda acontecendo, é meio difícil de achar.

— Bem, vamos lá então. Obviamente eu que tenho que fazer tudo por aqui.

Loki deu a volta no ringue e todos nós corremos atrás dele. Seu olhar se moveu de um lado para o outro. Então seus ombros ficaram tensos e ele acelerou o passo.

Eu vi o motivo em menos de um segundo. O sol batia em outra cabeça de cabelos ruivos claros, no meio da multidão — o segundo Loki. Eu me ergui do chão para observar melhor.

Não era apenas um segundo Loki. Outro Hod, tão jovem como sempre, mas com o cabelo caindo um pouco mais em volta do rosto, estava do lado dele. O Loki-memória o guiava para frente com uma mão em seu cotovelo. O Hod-memória estava segurando um pequeno galho, algumas folhas tão verde-escuras quanto seus olhos ainda grudados nele. A ponta tinha sido esculpida.

O verdadeiro Loki amaldiçoou e abriu caminho no meio da multidão, mas o outro ele e o outro Hod tinham acabado de chegar no início do ringue. Aquele Loki se inclinou perto do ouvido de Hod como se fosse murmurar algo para ele. Ele puxou a mão do outro deus, aquele que segurava o galho e deu um aceno rápido.

Meu Loki avançou, agarrando o outro Loki pelo braço. O outro Hod já havia arremessado o galho. Ele girou pelo ar. O Baldur-memória virou-se para encarar o irmão e o galho o atingiu bem no coração.

Penetrou o peitoral do deus, fazendo sangue brotando ao redor dele.

Um som de engasgado saiu da minha garganta. Eu descí mas as pernas de Baldur já estavam cedendo. O deus da luz caiu no chão. O sangue pulsava do ferimento e se acumulava nos ladrilhos de mármore, desacelerando quando seu coração parou.

Bati com tanta força que caí de joelhos. Eles bateram na pedra dura mas eu mal senti o impacto. A cabeça de Baldur pendeu; seus olhos azuis brilhantes estavam vidrados. Meu estômago embrulhou.

A multidão ao nosso redor ficou quieta. Um lamento cortou o silêncio atordoado. Mais e mais vozes se juntaram a ela com sussurros e soluços, em um vasto coro de luto.

Minha respiração estava irregular e fraca. Os lamentos desapareceram tão rápido quanto surgiram. Eu ergui a cabeça: a multidão tinha desaparecido. Não havia mais ninguém além dos deuses reais e o Baldur de suas memórias, deitados ali naquela poça de sangue. Parecendo muito, muito morto.

Ele não poderia realmente... continuei com as mãos no rosto, meu coração batendo dolorosamente forte. Essa sensação de que ele estava escondendo algo. As conversas sobre enterrar memórias desagradáveis tão profundamente que nunca teve vontade de enfrenta-las. Esse comentário feito por ele, como uma nota tão estranha em sua voz que ficou em mim: *eu não estava lá durante o Ragnarok.*

Porque ele tinha morrido antes de que isso acontecesse.

Morreu... porque Hod tinha jogado um galho especial nele. Porque Loki guiou o deus das trevas até lá.

Meu olhar se ergueu. O verdadeiro Loki, o meu Loki, estava de pé no pátio onde tentou parar seu antigo eu. Uma sombra surgiu em seus olhos normalmente brilhantes. Sua mandíbula tremeu.

Um baque no início do pátio atraiu nossas atenções. O verdadeiro Baldur se virou, sua mão apoiada na frente de um dos salões como se segurasse seu corpo. Seus ombros tremeram e ficaram tensos e tremeram novamente.

*Eu consigo sentir isso*, ele disse alguns minutos atrás. *Eu consigo sentir isso tudo.* O que ele estava sentindo agora? Ele estava morrendo, como sua contraparte? Eu me levantei do chão.

Hod girou em direção a Loki, seu rosto ainda mais duro que o normal.

Loki abriu as mãos.

— Eu tentei — disse ele. — Tentei impedir.

— Se não fosse por você, não haveria algo para impedir — o deus das trevas cuspiu.

Minhas pernas bambearam.

— Alguém pode, por favor, me dizer que merda aconteceu? — eu perguntei. — Baldur está bem? Por que *todos* estavam jogando coisas nele? Como foi que aquele galhinho...

— Eu vou... eu vou ficar bem. — Baldur se forçou a falar, mas sua voz estava fraca e irregular. Hod olhou para ele, ficando tenso como se quisesse ir até seu gêmeo mas também não querendo.

Thor deu um passo em minha direção. Ele colocou uma mão firme em minhas costas.

— Há muito tempo, não muito antes de Ragnarok, Baldur e sua mãe, a deusa Frigg, começaram a sonhar com a morte dele. Frigg estava tão preocupada que percorreu os reinos pedindo a cada objeto que nunca o machucasse. Mas ela ignorou um visco. Disse que parecia muito jovem e manso para machucar alguém.

Saber disso fazia com que a cena toda fizesse mais sentido.

— Então todo mundo achou que seria uma boa testar? — questionei. Pelo que eu tinha visto, funcionou. Nada havia machucado Baldur.

— Como um jogo — Loki disse em uma voz afiada. — Um jogo estúpido e descuidado. Vamos fingir matar o deus que está apavorado com a possibilidade da morte.

— Melhor que realmente matá-lo — comentou Freya.

— Não fui eu, fui? — o trapaceiro racionalizou, girando. — Eu trouxe o visco. Ofereci a Hod. Parece que ele aceitou de bom grado. Ele queria participar e eu deixei.

— Você sabia que isso podia machucá-lo de verdade. — Hod retrucou. — Quem afiou a ponta como se fosse uma lança? Você não me disse o que eu estava segurando.

— Você não perguntou. Queria mesmo saber?

Um rubor de raiva varreu o rosto pálido de Hod.

— Você não pode estar dizendo que eu estava esperando esse resultado.

— Como é que eu ia saber? — Loki inquiriu. — A amargura saía de você como o fedor de um gambá. Foi uma brincadeira estúpida jogada por deuses estúpidos que não queriam ver que o mundo estava prestes a desmoronar, e eu lhes dei os meios de ver isso.

— Você o matou. — Hod disse. — Você o matou com a minha mão e por isso eles me mataram também e você saiu alegremente livre. E todos nós sabemos como você pagou todo o resto de Asgard.

Loki acenou a mão para ele.

— Olhe só você agora. O que mais te importa: tentar me atacar ou cuidar de seu amado irmão?

— Você... — a palavra saiu estrangulada. Hod pulou no trapaceiro.

— Parem! — eu gritei. Thor pegou o irmão pelo ombro. Ele encarou Loki.

Loki olhou dos dois para o trêmulo Baldur e então para Freya, que observava a cena com olhos acusadores. Ele se virou para mim. Havia uma selvageria em seus movimentos, em seu rosto, que eu nunca tinha visto antes, desesperado e cruel. Dei um passo para trás.

— Foi assim mesmo, não foi? — eu disse. — Você realmente o matou. — Não era um truque. Não era um probleminha que algumas palavras bastavam para tirar o dele da reta. Era assassinato bruto e deliberado. E ele o defendia até agora.

Meu estômago embrulhou novamente. A expressão de Loki se fechou.

— Tudo bem. — disse ele. — É assim que vai ser e é assim que sempre foi. Como se você tivesse a menor ideia... disfrutem de sua hipocrisia em suas casas de vidro.

Ele girou nos calcanhares e se afastou com seus sapatos de voo. Hod parecia tentado a ir atrás mas, em vez disso, foi até seu gêmeo. Freya encontrou o olhar de Thor e balançou a cabeça como se dissesse: *Que pena mas o que mais poderíamos esperar?*

Meu intestino ainda estava enrolado. Dei mais um passo para trás e me vi saltando para fora do pátio, para a escuridão da mente de Muninn.

## 13.

### *Aria*

Eu tropecei direto em uma sala que me pareceu ser um escritório. Uma grande mesa de carvalho estava em uma extremidade, cercada por estantes. Na outra, onde eu estava agora, duas poltronas marrons antiquadas se enfrentavam com uma mesinha de pernas tortas entre elas. Meus tênis afundaram na rica espessura do tapete. Um leve cheiro de fumaça pairava no ar, mas, dessa vez, era fumaça de madeira e não a cinza química que eu havia notado antes. Vinha da lareira do canto, imaginei.

De quem era essa memória? A mobília parecia feita por um homem, não era em grande escala como as que eu tinha visto em Asgard mas era menor e mais aconchegante do que o escritório na casa dos deuses em Midgard, principalmente aquele no domínio de Hod. Eu nunca tinha estado em uma casa diferente daquela que tinha um escritório.

Eu me virei para tentar abrir a porta e encontrei nada além de um papel de parede amarelo ouro com estampa de rosas na parede. Uma coceira claustrofóbica rastejou pelos meus ombros, apesar do calor aconchegante do cômodo.

Uma forma escura passou por mim. Eu me virei para ver um corvo pousar no topo de uma das poltronas. Ele inclinou a cabeça para mim em um gesto muito familiar. Então, com uma contração de corpo, o pássaro se transformou em mulher.

Muninn se acomodou no assento da cadeira, a saia de seu vestido preto solto sob as pernas finas, seus olhos escuros me observando tão intensamente quanto quando ela estava em forma de corvo. Meu pulso solavancou. Todo esse tempo, ela estava se escondendo de nós, me expulsando sempre que a via em um

vislumbre, ou derrubando prédios em cima de mim. O que significava ela se revelar agora?

— Valquíria — ela disse em sua voz docemente rouca —, por que não se senta?

— Bem, para começar, depois de tudo que você jogou em mim, acho que me sinto mais segura em pé — respondi.

Ela piscou para mim como se não entendesse totalmente ao que eu estava me referindo. Ela pode até parecer uma pessoa agora e ela era tão inteligente e consciente quanto qualquer outro ser humano que conheci mas, pelo que eu tinha visto até agora, sua mente era tão corvo quanto humana. Eu não tinha certeza se conceitos como jogo limpo ou compaixão se aplicavam a ela.

— Eu prometo que nenhum mal acontecerá a você nessa sala. — disse ela. — E eu não vou expulsá-la até terminarmos nossa conversa.

As palavras soaram com uma força mágica que enviou um formigamento estranho para minha pele. Passei tempo o suficiente na presença de deuses para acreditar que ela estava vinculada a esse voto.

Tanto quanto todas as coisas que a mãe de Baldur havia implorado? Meu estômago apertou de novo, lembrando da cena da qual ela me arrancara. Mas meu corpo ainda estava dolorido e cheio de machucados, minhas pernas meio bambas. Se fosse uma promessa, sentar talvez não fosse algo ruim.

Afundi na outra cadeira, meu olhar preso à mulher corvo. Ela jogou o cabelo preto e liso para trás de seu rosto com um gesto esvoaçante e se concentrou em mim.

— Gostaria de comer alguma coisa? — ela perguntou.

Apesar de toda a tensão em mim e do horror que acabara de presenciar, uma pontada me atravessou. Lambi os lábios.

— Algo que eu realmente *possa* comer?

— É claro. Não sou uma anfitriã ruim. — Ela apontou para a mesa e uma placa de prata apareceu. Continha um pãozinho recheado com queijo e carne fatiada, um cacho de uvas e uma torta de framboesa.

Salivei quando o cheiro de pão alcançou meu nariz. Consegui não apenas pegar o sanduíche, mas agarrá-lo com firmeza e levá-lo calmamente até a boca. Eu me preparei enquanto mordia; e meus dentes afundaram em pão de verdade, cheddar de verdade, presunto de verdade.

Em questão de minutos, engoli tudo, as uvas e a torta também. Quem sabia quando Muninn poderia fazer tudo desaparecer? Eu não pude deixar de lambe as últimas migalhas dos meus dedos, já que não podia contar com ela sendo tão generosa novamente. Em algum lugar ali, um copo de água também apareceu na mesa. Eu o agarrei e o esvaziei.

Muninn ficou quieta me observando enquanto eu comia. Quando terminei, limpei a boca com as costas das mãos e ela me deu um pequeno sorriso.

— Melhor? — ela perguntou.

— Sim — hesitei. — Por que fez isso? Por que estou aqui?

Ela deu de ombros.

— Eu simplesmente queria conversar. Você viu muito desde que chegou aqui. Do que os deuses de Asgard são capazes. Como eles se divertem. Como resolvem suas diferenças. Não é um quadro tão bonito quanto eu acho que eles haviam pintado para você, não é?

— Eles não tinham me falado muito — respondi honestamente. Ela nos jogou nessas memórias por isso também? Não apenas para atormentar a cada um de nós com vislumbres do passado, fictício ou real, mas para fazer algum tipo de demonstração? Minhas mãos se apertaram no meu colo.

— Posso imaginar que não esteja muito impressionada, de qualquer jeito — disse ela. — E há muito mais que eu poderia te mostrar. Eras e eras de briguinhas internas e preconceito, insensibilidade e violência. Ao que parece, é disso que os deuses são feitos.

— Isso tudo foi há muito tempo. Eles não agiram assim durante o tempo que estive com eles.

— Mesmo agora, quando eu os *fiz* lembrar de seus passados?  
— Muninn se inclinou para frente. — Eles fizeram um showzinho para você. Para sua preciosa valquíria e sua preciosa missão de

encontrar Odin. Eles não se importam com você, assim como Loki não se importava com a vida de Baldur, assim como Thor não se importava com as vidas intermináveis que ele massacrou, assim como Odin não se importava se seus guerreiros eram realmente tão dignos.

— É por isso que você está nos fazendo passar por tudo isso? Porque você não gosta das coisas que eles fizeram? É o sujo falando do mal lavado e ainda acusando *e/les* de serem cruéis. Quantas vezes poderíamos ter sido mortos pelas coisas que você criou lá?

A mulher corvo não pareceu perturbada pela minha acusação.

— Se você tivesse apenas ficado quietinha lá, aceitado o reino que te dei, eu não precisaria fazer nada disso. Mas você estava tentando sair. Ação gera reação.

Tive a sensação de que não iria convencê-la do meu ponto de vista tão cedo.

— Está bem — eu disse. — Tudo bem. Mas isso ainda não responde à pergunta de por que eu estou aqui. — Ou por que ela nos trancou nessa prisão, para início de conversa, não que eu esperasse que ela me contasse o motivo.

Seu sorriso voltou.

— Minha esperança é que você enxergue a razão — disse ela. — Você deixou seus sentimentos muito claro nas celas que criei. E é verdade, não tenho nenhuma disputa real contigo. Você simplesmente estava em má companhia. Então quero te fazer uma proposta.

Meu corpo enrijeceu contra o estofamento macio da cadeira.

— Que tipo de proposta? — questionei incentivando que ela continuasse sua fala.

— Deixe-os — ela disse com os olhos fixos em mim. — Deixe-os lidar com suas memórias sozinhos. Eles não sofrem nada além do que eles causaram, de toda forma. O que estou fazendo não é fácil. Uma valquíria ao meu lado seria de grande ajuda. Eles não merecem sua lealdade.

Eu dei uma risadinha.

— E você merece?

— Estou disposta a conquistá-la. Uma mão lava a outra, diferente deles que esperam que você cumpra a missão em troca de nada. E você também teria sua liberdade. Não iria me servir; seríamos aliadas. Iguais.

— Você acha mesmo que, depois de todas as vezes que mentiu para nós e de todo o perigo que nos colocou, eu poderia confiar em você?

Ela piscou, mais lentamente dessa vez.

— Admito que você não deveria ter sofrido o castigo deles com eles. Você pode escapar agora. Mas se você decidir voltar para eles... farei o que for preciso para manter a cela estável. Não prometo nada sobre o que você pode ver em sua própria mente.

Meus pensamentos voltaram para Petey em sua nova casa. Um arrepio percorreu minha espinha.

— Se você usar meu irmão de novo...

Suas sobancelhas se ergueram.

— Qual deles? Há tantas coisas que vi em suas memórias que você deve querer evitar.

Engoli em seco. Isso havia sido uma proposta, com certeza. Também era uma ameaça. Só de pensar em todas as coisas do meu passado que ela poderia desenterrar caso eu me recusasse, me gelava até os ossos.

Eu não tinha que descobrir o que mais ela me faria passar. Poderia aceitar sua oferta. Deixar os deuses e a deusa para trás. Ver o que me esperava fora dessa sala, que posso deduzir não ser o local físico que a verdadeira Muninn se encontra. Talvez eu tivesse melhores oportunidades para libertar os outros.

Ou será que era apenas uma justificativa fraca para mim mesma?

Eu me mexi na cadeira, resistindo a vontade de puxar meus joelhos como uma criança.

— Como funcionaria? Essa aliança? Como eu posso confiar em você para manter a sua palavra? — *E como você planeja garantir que eu cumprirei a minha parte?*

Muninn estendeu as delicadas mãos.

— Um simples voto deve cobrir todas as preocupações. Para ambos os lados. Nós duas iremos querer alguma garantia nesse acordo, acredito — seus olhos brilharam como se ela tivesse lido meus pensamentos, bem como minhas memórias.

Se eu fizesse um voto de lealdade, estaria presa a ela. E isso provavelmente me impediria de fazer qualquer coisa para ajudar os deuses que ela era contra. Mordi o meu lábio inferior.

Cada parte de mim recusou a ideia de voltar para essas memórias, tanto as minhas quanto as dos deuses. Eu não sabia o que pensar de Loki ou de Hod depois da cena que testemunhei. Que outros segredos Thor e Freya e até mesmo Baldur tinham que eu não havia percebido? Todos haviam escondido muito de mim, não é?

Mas mesmo enquanto minha ansiedade me consumia, outros tipos de memórias vieram à tona. Hod sentado comigo no telhado em frente à casa da família adotiva de Petey enquanto eu me despedia, oferecendo palavras para me tranquilizar, me pegando em seus braços quando estendi a mão para ele. Baldur curando as muitas feridas que eu tinha, com seu sorriso normalmente inabalável. Freya falando sobre meu desconforto comigo, compartilhando sua própria frustração por não poder fazer mais nada pelo marido. Thor me emprestando seu martelo para que eu pudesse extravasar um pouco da minha tensão, me beijando com uma vulnerabilidade tão inesperada.

E Loki. Meu trapaceiro. Meu estômago deu um nó de novo ao lembrar de como ele havia falado com Hod, do jeito que ele se defendeu quando o guiou Baldur à morte. Como poderia ser o mesmo homem que deixará de lado a forma como os deuses o atormentavam, que me garantiu que *eu* não precisava ficar com raiva por ele?

Eu sabia que ele poderia ser perigoso. Essa era sua natureza, como o fogo que ele conseguia conjurar: fervendo quente abaixo da superfície até que uma rajada forte o dominava, queimando todos ao seu redor?

Eu ainda não tinha todas as respostas. Eu mal tivera a chance de fazer perguntas. Muninn sugeriu que os deuses esperavam muito

de mim sem me dar nada em troca, mas eles haviam me dado muito. Eu não estaria viva se não fosse por eles. Eu não teria esses poderes. Eles estiveram lá comigo, me apoiando a cada passo dessa jornada até agora.

Não. Eu não podia abandoná-los. Inferno, mesmo o pensamento do que eles poderiam estar passando agora fazia meu coração doer.

— Obrigada pela oferta — eu disse me levantando —, mas vou ter que recusar, obrigada. Então vá em frente e faça o que tiver que fazer. Estou com eles.

O olhar de Muninn me seguiu enquanto ela permanecia em sua cadeira. Sua mandíbula se apertou.

— Você realmente pensou nisso?

O que importava para ela, afinal de contas? Lá dentro, eu era apenas mais uma pessoa para ela atormentar, não é? Ela não parecia precisar tanto de uma ajudante assim, e se precisasse, ela poderia encontrar entre os elfos sombrios ou em qualquer outro lugar.

Fiz uma pausa. Não era sobre como eu poderia ajudá-la. Era sobre como eu poderia machucá-la.

— Você está certa — concordei. — Eu não pensei em tudo. Você não quer mesmo uma aliança comigo, não é? Você só está preocupada por eu estar em sua pequena “cela” porque eu não compartilho muitas memórias com os outros. É muito mais fácil para mim ver através de suas ilusões quanto estou com eles. É muito fácil para mim mexer em suas memórias com uma perspectiva externa.

— Você não sabe de nada — ela disse, seu tom ficando arrogante. Seu queixo se ergueu.

— Eu sei que vou quebrar essa prisão — retruquei. — E eu sei que você também sabe disso, do contrário não estaria com medo o suficiente para me convidar para comer e beber. Talvez eu seja eu quem devesse fazer a proposta: deixe-nos sair agora e não vamos...

Ela fez um som estrangulado e estendeu as mãos.

— Tenha o mundo que quer, então. Só vai piorar.

Eu caí para trás, e passei por uma porta aberta que não estava lá um instante antes.

## 14.

### *Baldur*

Eu tentei me manter firme. Com cada fragmento de força que eu tinha, eu tentei. Mas a escuridão cresceu dentro de mim, bloqueando o pátio e a parede contra a qual eu e meus companheiros deuses estávamos apoiados. *Eu* estava apagando. Eu não era nada além de um pensamento vazio infinito em uma extensão escura e fria que continuava e ainda se fechava ao meu redor com tanta força que eu lutava para respirar.

O silêncio ecoava em meus ouvidos. Não sentia nenhum gosto em minha língua, nenhum cheiro em meu nariz. Nenhuma sensação me tocava, exceto o nada gelado.

Minha mente estremeceu. Tive o impulso de fechar meus olhos já insensíveis, como se pudesse bloquear a escuridão com mais escuridão. Talvez já estivessem fechados. Tentei tatear e me debater mas não sabia se estava me movendo. Um arrepio percorreu meu pensamento.

Isso de novo não. Por tudo que era mais sagrado, *não*.

Mas iria acabar. Agarrei-me a esse fato no momento que surgiu em minha mente. Não seria para sempre. Era apenas um truque de Muninn. Ela estava imitando a escuridão fria da morte na qual eu me perdi por anos e anos, o que pareceu ser uma eternidade. Eu não fazia ideia, na primeira vez, que eu iria renascer. Até onde eu sabia, estava destinado a vagar naquele nada arrepiante até que meus pensamentos se desintegrassem por completo e...

Não. Não me fazia bem lembrar todo aquele medo. Eu tinha que lutar contra isso. Muninn queria nos destruir e eu não poderia deixar que ela fizesse isso.

Se ao menos ela não tivesse escolhido sua arma tão bem.

Concentre-se no que veio depois. Foque no calor e na luz. Luz para queimar a escuridão evocada por ela. Ocupei minha mente com esses pensamentos e obliterei todo o resto.

*Estivera* quente e claro, aquele momento em que abri meus olhos para um campo à beira de Asgard, com a grama alta ao meu redor em uma brisa da primavera, o sol brilhando no céu. Com todas aquelas sensações ao meu redor depois de tanto tempo no vazio, eu não sabia como processar. Eu apenas fiquei lá pelo que me pareceram horas, absorvendo, meus pensamentos se estabelecendo atrás de uma névoa de calma que havia convocado com a luz. Eu precisava daquele nevoeiro para abafar o frio, a escuridão e o nada.

Talvez não tivesse sido há tanto tempo assim. Quando me levantei, outros deuses e deusas ao meu redor também estavam se levantando. Viramos, olhando um para o outro e para os corredores de nossa grande cidade, altos e brilhantes, além da grama. Alguns dos outros começaram a rir de puro deleite. Lágrimas escorriam pelo rosto de uma deusa além de seu sorriso brilhante. Eu sorri de volta automaticamente. Eu não sabia o que eles tinham passado, mas podia entender a alegria deles.

Eu me virei novamente e me encontrei cara a cara com Hod.

A última vez que o havia enfrentado... não. Eu cortei aquele pensamento, aquela memória, e o clarão de escuridão que se agarrava a ele.

— Irmão — ele disse asperamente.

Eu não poderia dizer como ele me reconheceu. Nós estivemos um ao lado do outro tantas vezes desde que nascemos que ele provavelmente poderia ter sentido minha presença pelo ritmo de minha respiração ou na mudança do meu peso contra o chão. Uma vez ele havia me dito que podia sentir a luz em mim mesmo que não pudesse vê-la.

Abri meus braços e ele entrou. Nós nunca nos abraçamos tanto quando éramos pequenos mas aquele momento parecia perfeito para isso. Ele me apertou com força e deu um passo para trás, a tensão ainda atravessando seu corpo.

— Irmão, eu...

Eu o cortei instintivamente, minha mente afundando ainda mais naquela névoa de luz.

— É bom estar de volta, não é? — provoquei meus dedos sobre as folhas de grama. — É maravilhoso.

Ele engoliu em seco com um movimento de garganta.

— Sim, é sim. Tudo parece como antes, não é?

Observei a cidade mais uma vez. O brilho estava um pouco mais pálido? Eu não sabia se podia confiar em minhas memórias antes do apagão. Ela havia rastejado por cada pedaço de mim. Manchando cada imagem que eu tinha.

Um calafrio me percorreu. Eu afundei na neblina.

— Tão magnífico quanto sempre foi. — Acenei para ele com um roçar de dedos contra sua manga. — Vamos para casa.

Nós não tínhamos feito todo o caminho até a cidade naquela primeira vez. Tínhamos dado apenas alguns passos quando uma figura alta e imponente se moveu para juntar-se a nós.

Nosso pai, o Pai de Todos, renasceu com seu manto usado pela viagem sobre os ombros e seu chapéu de aba larga amassada ainda protegendo seu único olho brilhante e a cicatriz do outro. Ele parecia não ter voltado do reinos dos mortos mas sim de um passeio por Midgard.

— Meus filhos — ele disse em voz baixa. Ele deu um tapinha no ombro de Hod e me puxou para um abraço breve, mas apertado. — Faz bastante tempo.

Seu olhar viajou pelo campo e parou em Frigg, nossa mãe. Ela nos observava de onde estava, no meio da multidão de Aesir renascidos. Algo no rosto de Odin escureceu.

Na época eu não entendia, não me permiti focar o suficiente para perguntar, mas depois descobri que o casamento deles começara a desandar não muito depois de minha morte. Ele a culpou pelos votos, pelo jogo que se seguiu e pela consequência trágica. Mais do que isso, parecia que ele havia culpado Loki, o que antes nunca fizera muito sentido para mim nos breves momentos que me permiti considerar. Mas os pensamentos mais profundos de meu pai eram, muitas vezes, misteriosos.

Ele me cutucou com mais firmeza mas não forte o suficiente para me machucar.

— Os votos que foram feitos em nome da sua mãe não se aplicarão a você em seu renascimento — ele disse, seu tom ficando um pouco áspero. — Não tente o destino fingindo invulnerabilidade.

— Claro que não — respondi.

Eu tinha visto minha cativante esposa da época: a adorável Nanna. Ela disparou pela grama para se juntar a nós e passou o braço em volta do meu, inclinando a cabeça contra meu ombro com um suspiro que soava quase como um soluço. Mesmo quando levantei minha mão para puxá-la para mais perto de mim, a névoa que eu envolvi em torno de mim crepitou no espaço entre nós.

Não importava quanta luz eu convocasse para esconder o passado, eu sabia que não era o deus com o qual ela havia se casado. Eu deixei muito para trás, na escuridão do vazio. Não foram muitos os casamentos de Asgard que sobreviveram ao primeiro século depois do Ragnarok, mas o nosso desmoronou mais rápido do que a maioria.

No presente, no falso vazio de Muninn, estremei. Não havia muito calor na memória de nossa separação. Se eu ficasse ali, a Corvo ganharia. Em vez disso, lancei minha mente mais adiante.

A única figura de real importância que eu não tinha visto no campo naquele dia era o próprio Loki. Fora apenas depois de um tempo que ele veio até mim enquanto eu passeava pelo pomar. Outro dia brilhante de primavera mas eu não sabia dizer se tinha sido apenas algumas semanas após o nosso despertar ou no ano seguinte. Os dias haviam se confundido com a neblina em torno de meus pensamentos.

— Ó Iluminado — ele disse em tom alegre, andando ao meu lado. Mas manteve uma distância cautelosa entre nós, sua cabeça abaixando um pouco com consideração. — Espero que não haja ressentimentos; o que aconteceu no passado fica no passado. Nunca tive qualquer tipo de animosidade contra você. As circunstâncias sendo o que eram, tirando o melhor proveito de uma situação ruim...

— Não guardo rancor — respondi a ele. Eu não queria sentir nada, não queria pensar em nada do tempo antes do campo.

Ele me deu seu sorriso mais brilhante, brilhante o suficiente para rivalizar com um fogo ardente, e nós nunca mais falamos sobre isso. Você poderia dizer muitas coisas sobre esse trapaceiro mas uma coisa que ele sabia, sem falhas, era ser circunspecto se achava que estava em dívida contigo.

Essa memória me fez voltar para a escuridão do presente. As palavras afiadas jogadas entre meu irmão e Loki enquanto eu girava para esse lugar. Tentei reprimir essas imagens da minha mente.

O frio apertou ao meu redor ao mesmo tempo. A escuridão sufocou na garganta que eu não conseguia sentir. Um choque de pânico dispersou meus pensamentos.

Luz. Eu precisava de luz. Era a única forma que eu podia lutar contra isso.

Normalmente eu poderia obter um brilho quente em mim caso quisesse. A luz agarrava-se a mim e me atravessava do mesmo modo que as sombras chegavam à Hod. Desejei uma explosão de brilho no espaço ao meu redor, como se já não soubesse como isso terminaria.

A luz e o calor desapareceram no vazio, engolidos no segundo em que me deixaram como se nunca tivessem estado lá. O frio penetrou ainda mais fundo.

Empurrei mais luz para fora e senti-a se afastar de mim antes que eu conseguisse me controlar. Não havia sentido em alimentar a escuridão com o brilho. Eu tive de puxar de volta para dentro, segurar a luz da forma que eu conseguisse. Apenas manter a sanidade seria uma vitória. Muninn poderia me ferir, mas a intensidade da dor era eu quem definiria.

Houvera tanta luz na minha vida, mesmo nos anos que esperava o retorno de Odin à Midgard. Loki, os olhos sempre brilhando com travessuras, o cabelo reluzente como fogo, radiante enquanto fazia suas piadas maliciosas. A voz jovial de Thor enquanto ele gargalhava e devorava um prato de comida enquanto estávamos sentados ao lado da lareira crepitante. Os meus

passeios com Freya pelo campo, nós dois quietos em um entendimento mútuo de que queríamos companhia, não conversa.

E Hod, que vivia tanto em sua própria escuridão que até mesmo o vislumbre de luz vinda dele poderia encher uma sala. As vezes em que ele parou na sala de música e se recostou para me ouvir tocar, um sorriso raro cruzando seu rosto... eu valorizava cada uma dessas memórias.

Eu tinha visto mais de seu sorriso nas últimas semanas, enquanto ele observava Aria. Nossa valquíria acendeu algo em meu irmão sem nem perceber. Mas, então, ela tinha quase tanto fogo quanto Loki. Minhas lembranças dela brilharam em minha mente: sua voz cadenciada enquanto ela cantava junto com meu violão, seu sorriso quente ou feroz, dependendo da situação a nossa frente.

Talvez não fogo. Sua força e brilho eram como se ela fosse feita de aço forjado pela luz do sol.

Mesmo enquanto eu pensava nisso, a memória que eu escondia diminuiu. Uma onda de frio rastejou por ela, entorpecendo o brilho de Ari. Desviei meus pensamentos dela para Hod, para Loki, para nossos outros companheiros, mas a escuridão me perseguiu.

Isso também já havia acontecido. O vazio se arrastou dentro de mim até preencher todos os espaços em minha cabeça, manchando até mesmo minhas melhores lembranças.

Eu não podia deixar que isso acontecesse de novo. Eu não poderia cair naquele poço sem fim novamente. Eu tinha perdido muito de mim da primeira vez. O que sobraria se eu me perdesse uma segunda vez? Os outros, todos eles, precisavam de mim nesta batalha.

O pânico estremeceu dentro de mim. Tentei torcer e fixar meus pensamentos, mas eles voavam em todas as direções, fugindo das garras do frio. Eu não estava pronto para isso.

Eu não tinha deixado de ser; estava com medo até mesmo de considerar que isso poderia acontecer.

Uma memória diferente surgiu, uma não brilhante ou calorosa mas tingida de arrependimento. Hod veio até mim querendo falar sobre aquele momento no pátio, sobre o que eu poderia ter passado

depois, há apenas alguns dias. Eu o mandei embora. Disse a ele que não havia necessidade. Eu gritei para ele parar.

Eu estava errado. Como eu havia me convencido de que, de alguma forma, fiz as pazes com o passado? Eu simplesmente ignorei meus sentimentos e tranquei no fundo da minha mente, acreditando que essa paz era o suficiente. Mas agora que era forçado a reviver esse momento, eu não tinha a menor ideia de como superar. Eu não tinha nada além do pânico e pavor para oferecer.

Apenas respire. Agarrei-me a essa ideia o máximo que pude. Apenas respire com os pulmões que eu não conseguia sentir, o ar que eu não podia sentir. Para dentro e para fora. Pense em nada além disso. Eu *tenho* que aguentar o máximo que podia. Uma hora isso tudo acabaria. Uma hora, Muninn decidiria que seria o bastante para mim. Talvez não pudesse lutar, mas poderia suportar.

Faça com que eu não tenha perdido muito no momento que ela desistir. E se eu tivesse outra chance de falar, deixar de lado a neblina e enfrentar a verdade com alguém que se importava, pelos céus que eu não desperdiçasse.

## 15.

### *Aria*

Eu deveria saber que terminaria em algum lugar péssimo depois do aviso de Muninn, depois da raiva em seu rosto. Mas, de alguma forma, eu não estava preparada para me ver escorregando até parar na sala de estar da minha antiga casa, com o cheiro azedo vazando do carpete manchado e as almofadas do sofá caindo na luz fraca que passava pelas persianas. Cada músculo do meu corpo ficou tenso instintivamente, embora estivesse sozinha ali.

Fiquei sozinha por um breve momento. Eu me virei e mamãe apareceu na porta da cozinha, sua expressão tensa como uma toalha torcida.

Ela apontou um dedo para mim.

— Não me olhe dessa forma. Como se você merecesse metade do tempo e energia que já gastei contigo. Por que você não fica no seu quarto, onde eu não preciso ver a sua cara? Você não gosta de comer? Arrume um emprego e compre a comida.

Era uma colcha de retalhos dos discursos de toda a minha infância. Só Deus sabia de qual jantar eu tinha reclamado; muitas vezes ela só jogava alguns pedaços de pão e margarina na mesa e mandava Francis e eu comermos. Aos treze anos, um ano após a morte dele, comecei a pegar uns bicos para ficar o máximo de tempo possível fora de casa e colocar um pouco mais de comida na barriga. Ela vivia fazendo essa sugestão desde que eu tinha uns cinco anos, isso quando ela respondia alguma reclamação, a maioria das vezes ela só revirava os olhos e virava de costas.

— Por que você não arruma um emprego? — Rebati agora antes que tivesse a chance de pensar melhor e não me envolver. Meus nervos se agitaram. Quem mais iria aparecer. Aquele corte de cabelo: escorrido, na altura dos ombros e mais claro, em um loiro

amarelado, foi por volta dos anos do Trevor. Um calafrio mais gelado me percorreu.

— Não fale assim comigo, sua putinha! — Mamãe gritou. Eu já estava indo para o outro lado da sala. Eu corri pelo lamaçal que era mais uma lixeira, para o quintal onde o balanço enferrujado deixado pelos antigos donos da casa estava rangendo.

Se eu fosse ainda mais longe, Muninn iria simplesmente me jogar de volta? Poderia muito bem descobrir. Prefiro estar correndo do que esperando o verdadeiro show de horrores começar. O que eu realmente precisava era encontrar pelo menos um dos outros deuses. A mulher corvo tinha praticamente confirmado com suas reações, quando estávamos juntos, desafiando as memórias, sua prisão ficava mais instável.

Pulei a cerca de arame farpado e corri pela calçada do vizinho. O ronco de um motor familiar, aquele que me ensinou a me enfiar debaixo das cobertas se eu o ouvisse chegar tarde da noite — como se isso fosse me proteger — ecoou pela rua.

Meu coração pulou. Corri na direção oposta.

Eu era mais forte agora. Se ele viesse para cima de mim, se Muninn forçasse a questão, eu cortaria sua garganta. O pensamento era doentio e satisfatório ao mesmo tempo.

Dobrei a esquina, passando pela lavanderia e pela hamburgueria sem marca. Até onde ela me deixaria correr? Talvez eu fosse só até o parque. Fazer uma boa corrida para esticar as pernas enquanto penso em um meio de sair daqui.

Desviei para a próxima rua e Loki veio tropeçando de um beco à minha esquerda. Ele conseguiu se endireitar com uma graça tão segura que quem olhasse até acharia que ele se jogou assim de propósito.

Seu olhar brilhante cravou no meu.

— Aí está você. Você tem ideia de como é difícil de te achar através desse labirinto de memórias?

Eu desacelerei quando me virei para fitá-lo, mas inconscientemente dei um passo para trás. Um tipo diferente de tensão apertou meu intestino. Embora eu quisesse encontrar um dos deuses, não tinha certeza se estava pronta para enfrentar esse.

Loki parecia muito mais calmo do que da última vez que eu o vi, mas a imagem de sua expressão cruel e as palavras frias ainda estavam vívidas em meus pensamentos. Como poderíamos lutar juntos se eu não sentia que podia confiar que ele não me apunhalaria pelas costas?

— Pelo que me lembro, foi você quem fugiu de nós — comentei. Ele fez uma careta.

— De alguma forma, duvido que teria melhorado a situação se eu tivesse ficado. Pensei que já tínhamos superado mesmo que ela desenterrasse isso mas... Ari, não era o que parecia.

— Você não armou para Hod matar o próprio irmão?

— Eu... — ele se cortou com um suspiro áspero. — É complicado. Só estou pedindo que não julguem um momento quando a situação inteira é muito maior.

— É complicado — repeti. — Eu realmente não consigo pensar em alguma complicação que faria a sua atitude ok. Sabe, o Hod disse a mesma coisa, e eu estava começando a pensar que ele estava apenas se desculpando por odiar você sem uma boa razão. Mas depois do que vi, estou surpresa que ele consiga ficar perto de você.

Loki estremeceu. Ele estendeu a mão para mim.

— Fadinha...

O tom bajulador em sua voz me incomodou muito intensamente; eu não estava aqui para que ele me persuadisse com simpatia. Eu não confiava em mim mesma para não ser influenciada quando não deveria. Ele era muito escorregadio.

— Não. — cortei. — Não me chame por apelidos, não aja como se eu estivesse do seu lado nessa história. Se você quiser me ajudar a descobrir uma forma de quebrar essa prisão, perfeito. Vamos nos ater a isso. Eu quero sair daqui, não conversar sobre maneiras de justificar um assassinato.

Eu me virei. Loki correu até mim e a visão do meu bairro de infância se desfez com um estrondo.

Girei mais rápido, meus ouvidos zumbindo, enquanto a escuridão se fechava ao meu redor. Meu sangue disparou. Esperei

que a escuridão me derramasse em alguma nova memória... mas isso não aconteceu.

A sensação que eu sentia no meu corpo se acalmou e então começou a desaparecer. Eu estava flutuando no escuro e no frio. Que porra de tortura era essa?

Eu me virei, tanto quanto eu podia me mover e os músculos embaixo da minha pele ficaram dormentes. Um fio estranho correu em meu peito. Um dos deuses que me ajudou a me tornar valquíria estava por perto. Não era Loki dessa vez, acho.

Uma pontada de alívio reverberou através de mim. Eu me agarrei a essa impressão, me puxando e me arrastando em direção a ela com toda a força que eu tinha no meu corpo. O frio chegou até meus ossos, um suspiro me escapou. Me joguei mais rapidamente.

Minha mão se fechou em torno de um cotovelo, uma pele firme mas fria. Meus dedos deslizaram sobre um braço bem musculoso. Eu me puxei para mais perto e um cheiro de brisa fresca de primavera tomou conta de mim.

Baldur. Que diabos era esse local que ele havia se metido? Eu ainda não conseguia vê-lo, não conseguia ver nada além da terrível escuridão sem fim mas aguentei. Eu inclinei a cabeça no canto de seu ombro e ele se virou para mim como se tivesse acabado de perceber que eu estava ali. Seu braço deslizou ao redor de minha cintura. Frio. Muito frio.

Enganchei meu próprio braço ao redor dele, pressionando-me contra ele, por todo o seu corpo. Tentando compartilhar o calor que ainda tinha em meu corpo com o dele. Será que ele poderia congelar literalmente até a morte, se ficasse aqui? Tudo o que eu tinha visto sugeria que Muninn ficaria feliz se sua tortura estivesse nos matando. Seria menos problema para ela.

— Aria — Baldur murmurou, quebrando o silêncio maçante ao nosso redor. Seus lábios roçaram na minha testa enquanto ele falava. — Você não deveria estar aqui.

— E você deveria? — questionei. Eu podia sentir seu coração batendo em seu peito. O calor começou a fluir sob a pele que tocava a minha; tinha que ser sua lembrança. Como poderíamos sair disso?

Abracei-o mais perto.

— Eu *estou* aqui. Estou bem aqui com você. Não sei como você conseguiu essa memória mas agora ela é diferente. Você não está sozinho.

— Eu morri — Ele disse asperamente, como se as palavras tivessem rasgado algo ao serem ditas. — É para cá que você vem quando morre.

Um reino frio e escuro e nada além disso. Ó, Deus. Já era horrível o suficiente para mim e eu não gostava da luz como Baldur. Não é de se admirar que ele não quisesse falar sobre onde estive durante o Ragnarok.

O que você diz a alguém que morreu e ficou lá por tanto tempo e que agora estava tendo que reviver aquela tortura novamente? O que poderia convencê-lo de que isso não tinha sido o tormento que parecia? Qualquer coisa que eu poderia dizer ficou preso na garganta. Abri a boca. Fechei-a novamente, mas me forcei a continuar:

— Você sobreviveu uma vez. Vai sobreviver de novo, como eu. Merdas acontecem e nós apenas seguimos em frente. E dessa vez serei sua companhia. Já está melhor agora, né? Tudo o que você precisa fazer é trazer a luz.

Ele se mexeu contra mim, a flexão de seus músculos enviando um arrepio muito mais agradável através de mim.

— Eu tentei mas não consegui. Sempre me escapa.

— Tudo bem — inclinei a cabeça para trás, contra seu peito. — Então vou ficar aqui no escuro com você até passarmos por isso. — E espero que seja o suficiente.

Sua mão se fechou contra minhas costas. Sua cabeça mergulhou sobre a minha e dessa vez, quando seus lábios roçaram meu cabelo, o gesto me pareceu proposital. Parecia um beijo. Meu coração pulou.

— Baldur...

Ele respirou fundo. Abri meus olhos para um brilho fraco emanando de sua figura. Ele era visível agora contra a escuridão, turvando o preto como uma daquelas águas-vivas translúcidas

viajando pelas profundezas do oceano. Claro, eu não gostaria que uma água-viva me segurasse.

Algo que eu disse deve ter reverberado nele. Estávamos chegando a algum lugar. A escuridão fria ainda nos agarrava com força mas não era mais tão completa.

— Aqui está — eu disse, olhando para ele com um sorriso. — Você encontrou a luz.

— Você me encontrou. — Ele disse, sorrindo de volta, mas sua expressão era mais tensa, mais presente do que o habitual. O devaneio havia desaparecido. — Obrigado.

— Não tenho certeza se realmente fiz tudo isso. Não é exatamente uma provação dolorosa dar um abraço em você.

Ele riu. Seus dedos acariciaram meus cabelos e minhas costas, desenhando um rastro de calor através de mim.

— Isso não é... estou feliz que esteja conosco, sabe. Acho que nunca te disse mas sempre pensei nisso. Você tem uma luz que traz o que precisávamos para nossas vidas.

Eu não me senti tão brilhante mas se o deus da luz havia dito isso, imaginei que ele deveria saber o que estava falando. E...

— Hod disse algo desse tipo.

— Ele disse? — o sorriso suave voltou. Seus olhos, ainda mais brilhantes que o resto dele, procuraram os meus. — Você é próxima dele. E de Loki também.

— Bem, eu era, enfim — essa irreverência parecia fora de hora. Eu não sabia o que ele estava procurando em mim. Algo que ele precisava para quebrar o resto do caminho de sua ilusão? A honestidade parecia funcionar melhor antes. — Eu gosto de tudo em você. Quero todos vocês. — O rubor se espalhou pelo meu pescoço ao dizer isso abertamente mas era a verdade. — Isso é problema?

Por um segundo, ele pareceu não saber o que dizer. Ele segurou meu rosto, abaixando o seu para que meu nariz roçasse no dele.

— Aria... eu mantive distância do resto do mundo por muito tempo. Eu não sei como ser o que você precisa. Mas eu gostaria de poder ser. Tanto.

A saudade ecoou em suas palavras. Ele acendeu um desejo correspondente em mim. Que se foda Muninn, que se foda a sua prisão estúpida. Que ela veja o quão pouco eu me importava com ela e suas criações. Talvez eu possa ser a única a destruir isso aqui. Esse homem na minha frente, ele sim importava. E ela tentou destruí-lo novamente. Então eu disse levemente:

— Você só pensa nisso, né? Sobre o que as outras pessoas precisam. Como fazer as coisas serem mais fáceis para elas. Tentar deixar a todos em harmonia. Talvez você devesse pensar no que *you* precisa, no que *you* quer, para variar.

— O que eu quero — ele murmurou. Ele inclinou meu queixo e sua boca encontrou a minha.

Se Loki trazia fogo ao seu beijo, Baldur trazia o sol de verão. Calor suave irradiava através de mim, despertando um desejo mais quente em minha barriga. Eu o beijei de volta com todo o desejo que eu tinha em mim, derramando aquele calor de volta. Nenhum calafrio enviado por Muninn poderia acabar com isso.

A respiração de Baldur titubeou quando sua boca se moveu contra a minha, inclinando-se para encontrar um ângulo mais profundo. Minhas mãos deslizaram para baixo, explorando seu peito musculoso e definido através de sua camisa. Seus dedos brincaram no meu cabelo, seu toque enviando tremores de prazer para os meus nervos. Eu o beijei mais forte. Afogar-me em seu brilho foi a coisa mais incrível que eu poderia imaginar naquele momento.

— Aria — meu nome saiu como um suspiro. Sua boca desviou para longe da minha, traçando um curso aquecido ao longo da minha mandíbula e ao lado do meu pescoço. Uma mão caiu na minha cintura e começou a subir, cada vez mais perto da curva dos meus seios.

Eu arqueei para ele com um gemido. A escuridão estava desvaido ao nosso redor enquanto seu brilho se expandia. Mas mesmo quando o movimento de seus lábios me deixava queimando de desejo, um tipo diferente de calafrio percorreu meus nervos.

Estávamos indo muito rápido, estava ficando perigoso. Até onde eu queria que isso fosse? Eu queria — ah, que se foda, queria tudo

sim — mas as sombras das memórias que Muninn trouxera estavam muito próximas da superfície da minha mente.

Devo ter ficado um pouco tensa porque Baldur parou. Ele recuou apenas alguns centímetros, observando minha expressão. A fome ainda brilhava em seus olhos azuis ofuscantes mas ele disse:

— Você sabe que não precisa...

A escuridão se lançou sobre nós, golpeando nosso abraço. Em um piscar de olhos, arrancou Baldur dos meus braços.

## 16.

### *Aria*

Uma resolução feroz reverberou pelo meu corpo. Eu *não* deixaria Muninn ditar todas as regras aqui. Eu a tinha decifrado, ao menos em partes: nós tínhamos aquecido a escuridão. Eu podia revidar.

Concentrei toda a minha energia em Baldur, me jogando de volta para ele até que minha mão pegou tornozelo dele. Nós giramos pelo ar juntos e pousamos amontados lado a lado nos ladrilhos de mármore frios. O impacto enviou uma pontada de dor pelos meus joelhos já doloridos. O tecido da minha calça rasgou, expondo a pele arranhada.

Eu me sentei. Estávamos de volta à Asgard que eu conhecia, no corredor principal que levava aos salões, o pátio com a fonte brilhando ao fundo, sob o luar. Muninn trouxe a noite sobre nós, uma quietude escura que mal me enervou depois do breu do qual acabáramos de sair.

E ela não tinha exatamente conseguido o que queria. Baldur estava sentado ao meu lado, seu cabelo louro-branco balançando enquanto ele mexia a cabeça. Eu consegui nos manter juntos, não importa qual de nós que ela pretendia enviar para aqui. Ainda não percebi nada de ameaçador, mas, nesse momento, sabia que não devia confiar nessa impressão.

Baldur se virou para mim e seus olhos azuis vívidos se arregalaram. Foi a primeira vez que ele foi capaz de me ver direito desde que o encontrei naquele enorme nada.

— Você está ferida. — disse ele. — Me deixe...

Em vez de continuar falando ele simplesmente se aproximou, colocando a mão na lateral do meu joelho. Mesmo que a pele ralada

ainda estivesse ardendo, seu toque enviou uma chama de calor até a parte interna da minha coxa.

— Não posso fazer nada sobre o rasgo na tua calça — disse ele, a nota áspera em sua voz sugerindo que ele também não estava totalmente bem.

— Eu aceito o que você puder oferecer — respondi e quase mordi minha língua.

Baldur me deu um sorriso lento que pareceu inesperadamente malicioso por um momento, mas que desapareceu assim que ele voltou à tarefa em suas mãos. Com um roçar de dedos, os arranhões dos meus joelhos se fecharam. Ele pegou meu braço, fazendo uma careta ao ver os hematomas.

— Decidi colecionar.

Ele deu uma risada curta e suave.

— Com certeza parece uma coleção. Mas eu posso curá-los, pelo menos em partes.

Sua mão deslizou pelo meu braço, mais calor me inundando com ela e não apenas do tipo curativo. Eu resisti à vontade de morder o lábio; *aquela* que ele estava beijando há alguns minutos. Quando ele terminou em ambos os braços, seu olhar voltou para meu rosto.

— Algum outro lugar?

Fodeu, havia algum outro lugar onde eu queria que ele tocasse? Sim e não. Que tal em todos os lugares?

A ideia fez um arrepio percorrer meu corpo. Meus dedos se curvaram contra os ladrilhos de mármore. Antes que eu pudesse definir minha resposta, um gemido abafado chegou aos meus ouvidos. Virei a cabeça.

— Tem mais alguém aqui.

Levantamos atentos. A cidade ficou silenciosa novamente e eu parti na direção de onde o som tinha vindo. Quem Muninn estava atormentando aqui? Será que a pessoa já estava gravemente ferida? Baldur se apressou ao meu lado, seus passos só diminuindo quanto nos abaixamos por uma passagem mais estreitas entre dois salões próximos.

— Isso...

Nós dois paramos no final da passagem. Era o caminho para o pátio secundário onde nos encontramos pela última vez em Asgard. O pátio onde Loki guiou Hod para jogar a lança de visco e matar Baldur em suas memórias compartilhadas.

A lua estava baixa o suficiente para que apenas um pouco de luz tocasse o pátio. O suficiente para ver o cadáver de Baldur deitado ali, na mesma posição que esteve durante o dia. Hod estava agachado ao lado do corpo, a cabeça baixa. Lascas escuras espalhadas nos azulejos de mármore ao lado dele. Levei um segundo para perceber que eram os pedaços quebrados do galho de visco.

Baldur se enrijeceu. Ele endireitou os ombros quando olhei. Com passos cuidadosos, ele cruzou o pátio até seu gêmeo.

— Irmão — ele disse gentilmente. — O que você está fazendo aqui?

Hod levantou a cabeça alguns centímetros. Seu olhar passou de Baldur para mim, onde eu estava, atrás do deus. Achei que sua postura ficou ainda mais tensa do que antes. Ele olhou para seu gêmeo novamente.

— A Corvo me colocou aqui, claro. Onde mais eu sofreria assim?

Baldur sentou-se ao lado dele, perto o suficiente para que, caso estendesse a perna por completo, pudesse cutucar o próprio cadáver com o pé.

— Não vejo nada segurando você aqui.

— Ah, eu tentei sair, acredite. Não deu muito certo.

A tensão em sua voz fez meu coração doer. Eu hesitei, ficando a alguns metros de distância, sem ter certeza de que esse era o momento para eu me intrometer. No entanto, não era como se eu tivesse outro lugar para ir. Talvez eu veja uma chance de enfraquecer mais a prisão de Muninn.

— Você está bem? — Hod perguntou, o olhar ainda em seu gêmeo. — Eu não posso imaginar passar por tudo isso de novo... eu sei que você não gosta de falar sobre, mas também sei que te assombra.

A expressão de Baldur mudou.

— Tentei deixar isso para lá, não deixar que meus sentimentos afetassem mais ninguém. Me desculpe se eu...

— Ah, pelo Pai de Todos, não estou dizendo que você fez algo de errado. É que... estamos juntos desde o útero, Baldur. Eu sei quando algo está errado. E está errado desde quando encontramos o caminho para Asgard — sua boca se apertou. — Você vive como se houvesse dez camadas de gazes entre você e o resto do mundo, como se se você suavizar cada golpe possível com antecedência, nada precisaria doer. Ninguém que está realmente bem tem que se esforçar tanto para permanecer assim.

Baldur molhou os lábios e olhou para as mãos apoiadas nos joelhos.

— Encontrando a verdade nas memórias — eu disse calmamente. — Mudar a maneira como vocês se lembram do que aconteceu... está acabando na ilusão. Está nos ajudando a sair.

Eu sabia o que Hod queria dizer sobre as camadas de proteção que o deus da luz parecia ter envolto dele. Aquele devaneio que notei desde o primeiro momento em que o vi, que ele carregava quase como uma armadura. Mas, naquele momento, quando ele respirou fundo, trêmulo, algo na maneira como se portava mudou. Sua coluna se endireitou; sua mandíbula se firmou. Como se ele tivesse se livrado deliberadamente de algumas dessas camadas de armadura.

Ele me ouviu e estava vindo lutar a sua maneira.

— Você está certo — disse Baldur. — Foi... a morte que me quebrou. Isso me destruiu e depois destruiu os pedaços de mim que eu havia feito e, de alguma forma, eles se juntaram quando acordamos naquele campo como consequência, mas eu nunca senti que eles se encaixaram do jeito que eram. Acho que passei muito tempo tentando evitar reconhecer o quão quebrado retornei, esperando que talvez tudo voltasse aos eixos se eu fingisse que estava tudo bem por tempo suficiente.

— Sinto muito — lamentou Hod com a voz rouca. — Pelos nove reinos, me desculpe.

Baldur apertou seu ombro.

— Eu nunca...

O cadáver estremeceu. A fala de Baldur foi interrompida com um engasgo. A forma de seu eu anterior, túnica rígida com o sangue seco, se ergueu de joelhos. O sangue salpicava os lábios e dentes do deus morto. Os olhos do cadáver estavam nublados, um azul mais gelado que os olhos reais de Baldur jamais haviam sido, mas eles se concentraram em Hod. Palavras chacoalharam de sua garganta.

— Acha que só pedir desculpas é o suficiente, irmão?

Ó, Deus, que horror a Corvo havia inventado agora? Os irmãos reais se levantaram, tropeçando para trás de onde eu estava. Hod olhou cegamente para o cadáver, seus músculos rígidos da cabeça aos pés. A coisa se levantou e balançou. Um cheiro azedo pútrido como carne em decomposição saiu dele, me fazendo tossir.

— Draug — murmurou Baldur, com a expressão tensa.

— O que? — questionei dando mais um passo para trás, quando o cadáver cambaleou em nossa direção.

— Algo como a sua ideia de zumbis — Hod disse em voz áspera. — Os mortos voltam à vida, inchados e apodrecendo, querendo que mais pessoas sofram a morte.

Sua mão se fechou mas eu sabia apenas de olhar que ele nunca iria acertar aquela coisa, não importa que não fosse, obviamente, seu irmão. O verdadeiro Baldur nunca havia ressuscitado dos mortos desse jeito. Muninn estava misturando as memórias novamente, fundindo aquela morte com monstros com os quais os deuses haviam lutado.

A criatura levantou o braço. Ele segurava a lança de visco refeita, a ponta manchada de vermelho escuro e apontada para Hod.

— Você me derrubou, você roubou a minha vida e a minha luz e você diz que sente muito? — o Draug gorjeou.

Hod se encolheu. Baldur agarrou seu antebraço.

— Esse não sou eu — o deus da luz reiterou. — Esses não são meus pensamentos. Eu... — sua mandíbula se apertou. — Talvez eu esconda isso de mim também. Talvez eu tenha ficado com raiva de você. Talvez uma parte de mim não quisesse falar contigo porque aí você se livraria da dor também. Mas isso não foi justo comigo. Eu

sou o deus da justiça e *sei* que você não merecia isso. Eu sei que você nunca teve a intenção de me machucar.

— Mas a verdade é que eu fiz — Hod disse. — Eu *matei* você. Foi minha culpa, pelo menos tanto quanto é do Loki.

— Tudo culpa sua — o Draug gorgolejou. — Toda sua!

Ele se lançou inesperadamente, golpeando com a lança de visco. Eu estava certa sobre Hod. Seu braço reagiu, mas apenas para bloquear o golpe. A ponta da lança cortou seu punho, desenhando uma fina linha vermelha. O pânico atravessou o rosto de Baldur. Ele poderia ter sido capaz de detê-lo mas, pelos céus, como alguém poderia pedir para que ele *se matasse* depois de todo o terror que passou?

O desespero tomou conta de mim. O Draug mataria Hod, se pudesse. Era isso que Muninn queria fazer aqui.

Como um chicote, ele se lançou para frente, porém eu empurrei minhas mãos em direção a ele.

— Pare!

Relâmpagos estalaram em minhas veias e explodiram em minhas mãos. O cadáver sacudiu e tremeu. Ele tombou e, antes de atingir o chão, desapareceu em uma nuvem de poeira.

Baixei os braços, meu corpo tremia. Eu realmente gostaria de ter um pouco mais de controle sobre quando isso acontece, mesmo que eu estivesse muito feliz com esse resultado. Lancei um olhar para os gêmeos.

Baldur me deu um aceno conciso. Um suspiro irregular saiu de Hod. Ele esfregou o rosto.

— Aquela coisa e o que ela disse não pode ter sido real — ele disse. — Mas você tem que saber que foi culpa minha. A quem mais você poderia culpar?

O deus da luz olhou para mim e engoliu em seco audivelmente.

— Se precisamos encarar a verdade para vencer a prisão de Muninn: e quanto a mim?

A cabeça de Hod se ergueu.

— Em nome de Hela, do que você está falando?

— Eu estava lá, não estava? — Baldur acenou com a mão em direção ao meio do pátio. — Eu deixei mamãe recolher os votos. Eu

participei voluntariamente daquele jogo, que era estúpido. Loki estava certo quanto a isso. Eu ostentava o cuidado e a segurança que recebi. Se eu estivesse feliz simplesmente por tê-lo, se eu tivesse cortado a ideia do jogo antes de começar... eu nunca estaria na posição em que alguém pudesse me machucar. Eu devo assumir a responsabilidade por isso.

Hod encarou seu irmão, o tanto que ele podia encarar. Um pouco da tensão deixou seus ombros.

— E agora, então? — ele perguntou

Baldur respirou fundo.

— Bem, agora acho que precisamos sair dessa ilusão. Mas depois... eu gostaria de poder conversar mais com você sobre isso. A escuridão é o seu forte. Talvez você possa me ajudar a ficar em paz com o que passei. Se você não se importar de assumir um pouco desse fardo.

— Claro que não — Hod disse rapidamente. — Qualquer coisa que eu puder fazer. Não será um fardo se isso te ajudar a se curar.

Um pequeno mas brilhante sorriso se espalhou pelo rosto de Baldur.

— Então não há mais nada que eu possa pedir, irmão — ele disse.

Hod sorriu de volta; e com isso o pátio ao nosso redor tremeluziu. Estava funcionando. Eu congelei, meu coração pulando enquanto eu procurava pelas fendas na construção de Muninn. Nós desafiamos as memórias que ela estava usando novamente, abalamos suas fundações. Tinha de haver...

Ali. Eu peguei um vislumbre de rocha cinzenta através de uma ranhura nos ladrilhos. Eu pulei em direção a ela e o mundo se inclinou novamente.

*Não.* Meus braços dispararam. Eu treinei minha mente naquela imagem, naquela pedra, no brilho avermelhado e no cheiro de cinza que eu tinha sentido antes. Esse era o mundo real. Esse era o lugar que precisávamos chegar.

O pátio girou em uma rajada de neblina. Eu meio que corri, meio que derrapei por ela, meus pés batendo na rocha áspera. Uma cena se estendeu na minha frente, nebulosa em torno das bordas

como o momento que eu tinha visto Muninn e aquele homem no que parecia ser sua casa.

Mas essa não era só uma casa. Um penhasco escuro pairava sobre mim e uma figura alta caminhava vários metros na minha frente, ao lado de um rio que brilhava em um vermelho abrasador. A figura usava uma capa desbotada e um chapéu de abas largas. Um sopro familiar percorreu meu peito.

— Odin! — comecei a chamar mas o nome ficou preso na minha garganta. Quando eu abri minha boca, uma enxurrada de homens e monstros choveu sobre o deus do penhasco e das fendas no chão ao lado dele. Ele varreu sua lança, mas foi derrubada de seu alcance em um instante. Ele caiu sob a massa de atacantes.

— Pronto — a voz docemente rouca de Muninn disse, em algum lugar distante. — Eu o entreguei. Eu cumpri meu fim.

— Você o fez — Um homem respondeu em um tom abrasador. — Mas você *realmente* acabou com eles, Corvo?

Uma força me deu um soco no estômago, me mandando de volta voando para o nevoeiro e eu perdi a resposta.

## 17.

### *Hod*

O calor na voz de meu irmão derreteu um pouco da minha angústia. Eu sorri, sentindo exatamente onde ele estava por conta da energia gentil que ele carregava para todos os lugares. Parecia me envolver, quieto mas reconfortante. Estávamos bem mesmo? Melhor do que antes, pelo menos?

Ari respirou assustada. Seus passos tocaram os azulejos e minha cabeça virou para segui-los. O ar ondulou ao nosso redor. Dei um passo à frente instintivamente. Se ela tinha visto algum tipo de perigo, eu tinha que estar lá para ela também.

Por um momento, pensei ter ouvido o farfalhar de uma capa, uma tosse áspera que eu juraria ser do meu pai. Prendi minha respiração. Então algo me atingiu e me derrubou.

— Hod! — A voz de Ari chamou de algum lugar distante. O medo passou por mim. Eu me lancei em direção a ela mas eu estava deslizando, caindo, cada vez mais longe.

Lutei contra o vento mas nenhum movimento que fiz afetou minha direção. A velocidade era tanto que meus ouvidos zuniram. Eu cambaleei pelo espaço sem forma até que parei na beira de um tapete fino sobre um piso de pedra fria. Minha mão se apoiou na superfície polida.

A ilusão da Corvo começou a se desfazer. Só pode ser. Eu *tinha* tido um vislumbre de Odin, de algum outro lugar que não fazia parte de sua construção. Ari estava certa; à medida que mudamos a maneira como pensávamos sobre nossas memórias, o que sabíamos ser verdade sobre o passado, o domínio de Muninn sobre nós enfraquecia.

E porque estávamos à beira de romper a ilusão, ela nos separou novamente.

Pelo menos eu tinha ido embora daquele pátio horrível. O que havia de pior que ela poderia jogar em mim?

Não era comigo que eu devia me preocupar. O que ela fez Baldur passar... cada parte de mim doía só de lembrar do jeito que ele falou sobre isso. Como ele se sentia quebrado. Quão *errado*. Se ela o fizesse passar por isso novamente, por quanto tempo mais ele poderia aguentar?

Ou talvez ele fosse mais forte do que eu achava. Mesmo que uma dor percorra meu âmago, uma sensação de alívio fluía por baixo dela: eu finalmente fechara a distância que havia crescido entre nós. Ele estava se abrindo para mim. Ele estava disposto a pedir minha ajuda mesmo que essas conversas fossem ainda mais difíceis para ele do que para mim. Se eu pudesse tirá-lo um pouco da névoa em que ele estava se escondendo, toda a tortura que enfrentei teria valido a pena.

Para onde Muninn o enviara agora? O que ela tinha feito com Ari?

A Corvo já tinha espancado tanto a nossa valquíria. Eu nem tive a chance de ter certeza de que ela *estava* bem, de perguntar o que ela tinha passado, tão perdido eu estava em minha própria dor. Mas se Muninn tivesse desenterrado essas lembranças para mim e para meu gêmeo, retorcendo-as tão cruelmente... meu estômago revirou com o que ela poderia ter jogado em Ari.

Eu tinha que tentar encontrar meu caminho de volta para ela. Ela conseguiu me encontrar antes, usando a conexão entre nós. Sempre que a prisão vacilava, era porque estávamos trabalhando juntos, descobrindo juntos essas verdades.

Enchi meus pulmões, tentando ganhar uma noção do meu entorno. Uma ampla sala, com correntes de ar que passavam por mim. Um fio de calor caiu sobre um dos meus ombros, onde a luz do sol devia estar entrando por uma janela alta. Um murmuro abafado atravessou aquela janela, junto com o raspar de troncos arrastados.

Meu corpo ficou tenso novamente. Então Muninn não tinha me jogado longe o bastante no tempo da minha última localização. Eles estavam construindo a pira funerária de Baldur lá fora.

Um lamento se elevou, desvanecendo-se em soluços: Nanna, esposa de Baldur. Eu engoli em seco. Eu ouvi, depois que todos nós voltamos, que ela se jogou na pira para ser queimada com ele. Era quase possível dizer que eu assassinei dois deuses quando o matei.

Alguns *tinham* dito isso.

Se esse foi aquele dia, então eu estava em uma das câmaras inferiores do salão do meu pai, uma que eu nunca tinha tido motivos para estar. A porta atrás de mim estava trancada, até que...

O parafuso caiu. As dobradiças rangeram levemente quando o Pai de Todos entrou com passos lentos. Mais pesado que o normal. Eu poderia sentir a queda de seus ombros no som de sua expiração.

Outros passos deslizaram atrás dele, tão fracos que eu poderia não ter notado se eu tivesse todos os meus sentidos para me distrair. O segundo visitante parou na beira da sala e colocou o objeto que estava segurando contra a parede com um baque suave.

— Meu filho — disse Odin.

— Pai — respondi, a ansiedade me apertava o peito. Fiquei de costas para ele, voltado para a janela e para o sol. A primeira vez, quando isso realmente aconteceu, eu estava de pé e de frente para ele, não estava? Mas não havia necessidade de recriar essa memória perfeitamente. Ele diria exatamente as mesmas coisas, daria as mesmas desculpas?

Parte de mim se regozijou em uma satisfação sombria com a ideia de ele ter que entregar a mensagem para as minhas costas.

— Sabe, se fosse só escolha minha, não estaríamos aqui — disse Odin. Sua voz estava tensa mas resignada. Ele já tinha decidido que não tinha escolha. — Mas o equilíbrio é necessário, mais do que nunca agora, com o verão desaparecendo desse reino. Precisamos de escuridão tanto quanto de luz, mas a escuridão quando a luz se vai não é sustentável.

— Eu sei, pai — concordei.

Na verdade, eu não sabia. Ele estava com medo da aproximação do Ragnarok; isso havia ficado claro. Mas o equilíbrio não fez nenhuma diferença naquela guerra. De qualquer maneira,

havia caído em Asgard. Esse ato realmente influenciou alguma coisa que importasse?

Eu não tinha pensado nisso com muitos detalhes, na época. Eu tinha me afogado em minha própria culpa e tristeza. Seu pronunciamento doeu, mas de certa forma eu o acolhi bem. A morte era melhor do que viver com o conhecimento do que eu tinha feito. Eu estava acostumado com a escuridão. Dava para aceitar.

Agora eu poderia ter tentado abrir a porta, tentado passar por ele, mas descobri que não conseguia me mover. Quais eram as chances de eu chegar tão longe antes que ele e seu companheiro me parassem? Talvez suas palavras fizessem mais sentido dessa vez.

— Se não aplacarmos o senso de justiça de Asgard um pouco mais, podemos perder tudo — meu pai continuou como se eu não tivesse falado. — Esse é o fardo que carregamos.

Ele se adiantou para ficar do meu lado, onde eu estava ajoelhado. Sua mão descansou no meu ombro.

— Se eu soubesse que seria assim...

Então o que? Ele teria feito algo diferente? O *que* ele viu, em todas as viagens que tinha feito, em suas visitas às Nornas, em suas visões de busca? Todos nós sabíamos que o Pai de Todos via mais com um olho do que qualquer outra pessoa com dois. Ele sacrificou o outro para que pudesse vislumbrar o que estava além do mundo presente.

— Eu gostaria de pelo menos testemunhar o funeral. Prestar minhas condolências — Como se essa versão conjurada do meu pai me desse algum tipo de satisfação.

Então o estranho junto à parede falou, diferente do que aconteceu na realidade. Sua voz era um estrondo baixo:

— O deus cego dando testemunho? O assassino prestando condolência a vítima? Que piada.

— Silêncio — Odin explodiu, seu aperto em meu ombro aumentando. — Acho que é melhor para todos nós que a ação seja feita antes disso — ele disse.

Melhor para *todos* nós? Um choque de raiva passou por mim. Eu me levantei e me virei para encará-lo.

— Por que você simplesmente não fala logo, pai? — eu disse.  
— Em vez desse papinho sobre consequências e equilíbrio. Você vai me matar, como matei Baldur. Isso é fato. Toda essa dancinha não deveria estar abaixo de você?

Com cada frase que saía da minha boca, a raiva de mim queimava um pouco mais quente. Uma boa combustão, como uma queima de energia e convicção. Muito mais do que eu tinha engolido.

O Odin de minhas lembranças ficou em silêncio por um momento. Então ele disse:

— Talvez seja. Eu só achei que poderia ser mais gentil com você para evitar tanta franqueza.

— Mais gentil comigo? — uma risada aguda saiu. Uma queimadura mais forte pulsou dentro de mim, tão rápido que eu não tive tempo de examiná-la antes que as palavras saíssem da minha boca. — Fale a verdade, pai. Se eu tivesse morrido primeiro, se fosse eu caindo nas mãos de Baldur, você o teria sacrificado? Sua luz, sua alegria? Nossa mãe teria te deixado?

As perguntas deixaram um gosto ácido na minha língua. Odin ficou parado e em silêncio. Cada momento em que ele não falava transformava qualquer vergonha que eu pudesse ter sentido ao convidá-lo de volta à raiva.

— Você simplesmente não tem certeza? — exigi saber. — Ou você sabe que não vou gostar da sua resposta se me contar a verdade?

O estranho junto à parede começou a rir em uma gargalhada retumbante. Odin se mexeu.

— Que resposta você gostaria que eu te desse, meu filho? — ele disse em voz baixa. — O que eu poderia dizer para te deixar feliz?

Essas palavras perfuraram a onda viciosa dentro de mim. Foi a minha vez de hesitar. Um tremor percorreu meu intestino.

Há quanto tempo eu me perguntava essas coisas sem dizê-las, sem realmente pensar nelas? A emoção nelas parecia muito, muito antiga. Profundo até os ossos e tecido em minhas veias.

Quantas vezes eu tinha visto os outros deuses, incluindo nossos pais, gravitarem em direção a Baldur enquanto me deixavam sozinho? Quando nossa mãe foi em uma missão *para me proteger*, para garantir que eu nunca viesse a sofrer? Tudo tinha sido para Baldur. Baldur, o doce. Baldur, o brilhante.

Por que todos não prefeririam sua companhia ao deus das trevas que ficava mais à vontade à noite?

Os comentários cortantes de Loki no pátio voltaram para mim. *A amargura estava flutuando em você como o fedor de um gambá.* Talvez tivesse sido. Porque essa sensação dolorosa dentro de mim não era apenas culpa ou tristeza. Uma parte de mim estava desesperadamente com ciúmes do amor que tinha sido estendido ao meu irmão repetidamente e não a mim.

Cerrei os dentes mas não consegui impedir que a pergunta final surgisse na minha mente. Lá no fundo, será que eu queria machucar Baldur? Queria deixar que ele caísse, ao menos uma vez?

— Eu não sei — eu disse ao meu pai. — Eu só... não era isso que eu queria. Eu sei que isso não é o que eu sempre quis.

— É mais fácil fazer nossas escolhas novamente em retrospectiva — disse o Pai de Todos. — Isso não significa que você não foi fiel a si mesmo quando as fez.

— Ele é meu irmão — eu disse, mas o protesto saiu fraco até mesmo para meus próprios ouvidos. Os soluços de Nanna atravessavam a janela, junto com os sons mais fracos de choro de outros deuses. Eu trouxe toda aquela dor para aquele lugar. Por que me senti com quão feliz Baldur os fez?

Odin apertou meus ombros novamente. Ele inclinou a cabeça para perto, roçando um beijo seco na minha testa como uma bênção, do jeito que ele tinha feito todos aqueles séculos atrás.

— Está na hora. Juro que te verei depois.

— Pai... — eu não sabia mais o que dizer.

Odin deu um passo para trás, um sussurro de seus pés contra o tapete. O estranho ergueu o porrete do chão e se aproximou com passos mais pesados. Suas roupas farfalharam quando ele levantou os braços. Eu me preparei, minhas mãos apertadas ao meu lado.

Mesmo que eu fosse amargo, mesmo que eu estivesse com ciúmes, eu poderia aceitar minha morte com honra. Eu poderia aceitar o castigo que me era devido. Eu...

Eu realmente não deveria estar aqui. Eu já tinha recebido essa punição, eras atrás. Isso foi obra de Muninn. Se eu fosse arrastado pela memória, poderia morrer aqui de novo. Era isso que ela significava para mim. Ela queria que eu fosse varrido até que eu esquecesse de me defender.

O ar mudou quando meu carrasco balançou sua clava. Desviei para o lado, uma fração de segundo tarde demais. A pesada haste de madeira falhou em abrir minha cabeça mas me atingiu na têmpora.

A dor explodiu através do meu crânio. Cambaleei para trás e tropeçando na borda no chão e caindo em queda livre.

## 18.

### *Aria*

Dessa vez, a intenção de Muninn me jogou para cima, subindo, subindo, subindo por uma escuridão até que se abriu em um céu azul sem nuvens. Quando ela me cuspiu, eu abri minhas asas para planar na brisa.

Eu me virei, pairando sobre Asgard e os telhados brilhantes espalhados abaixo de mim, sozinha.

Não, não sozinha. Um corpo de penas marrons passou voando por mim. O falcão de Freya, batendo as asas com força como se sua vida dependesse de chegar aonde quer que fosse o mais rápido possível.

Eu mergulhei atrás dela, me esforçando para acompanhar seu ritmo.

— Freya! — chamei. — O que está acontecendo? O que houve? — Esta era uma de suas lembranças agora, uma perseguição de monstro, talvez? Não tinha nada voando atrás de nós.

O falcão não diminuiu.

— Freya! — chamei novamente. E se não fosse realmente ela mas sim uma ilusão? Quando aguicei meus sentidos, pude sentir um formigamento de sua energia vital divina mesmo a alguns metros dela.

Bati as asas com uma nova explosão de velocidade e passei por ela. Se estivesse presa em uma memória, talvez eu pudesse tirá-la, como Loki e eu fizéramos antes.

— Freya, você poderia pelo menos me dar um sinal...

O falcão inclinou-se ao me ver. Com um estremecimento, a deusa tirou o manto de falcão, colocando-o sobre os ombros para

manter o corpo no ar. Ela olhou para mim, seus olhos ligeiramente vidrados como se ela ainda não estivesse me vendo totalmente.

— Minha filha — ela murmurou —, eu tenho que encontrar minha filha.

Meu coração apertou.

— Freya — eu disse, segurando sua mão como fiz quando ela pensou que estava ficando velha de novo. — Não sei o que houve mas Muninn quer nos machucar, nos atingir. Se te assusta tanto não conseguir encontrar a sua filha, acho que ela nunca vai deixar você encontrá-la. Mas você acabou encontrando ela, não foi? — Eu não queria acreditar que Loki brincaria sobre trocá-la com gigantes se ela nunca tivesse sido encontrada, mas o que eu sei? Ainda não caiu a ficha que ele orquestrou um assassinato, então quem era eu para ter certeza de algo?

A respiração de Freya se acalmou. Ela passou a mão pelos olhos.

— E então você me traz de volta à realidade de novo, Ari — ela disse com um sorriso torto.

— Eu bem que precisava desses lembretes — eu disse, pensando no quarto do lar adotivo de Petey, na voz tensa de Hod.

— Eu só... eu a vi. Mas você está certa. É isso o que Muninn quer, nós frenéticos em vez de tentar encontrar uma saída — a deusa suspirou. — Vamos descer à terra. Consigo pensar melhor por lá.

Tínhamos sobrevoado a cidade principal e o pomar agora. Freya mergulhou em direção a uma clareira na floresta mais densa. Descemos na grama macia perto de um grande poço de pedra. Cordilheiras marrons se projetavam do solo na borda da clareira, mas sua forma e textura pareciam erradas para rochas. Depois de um tempo percebi que eram enormes raízes de árvores. Mas onde estava a árvore?

— Essas são as raízes da Yggdrasil — Freya disse com uma meneada de cabeça. — Suponho que a Corvo decidiu que nenhum mal poderia vir de termos acesso a elas. — Ela deixou sua mão trilhar ao longo da borda do poço. — É aqui que as Nornas

costumavam passar o tempo. Elas gostavam de regar a árvore, dentre outras coisas.

Outras coisas.

— Eu ouvi você e os outros mencionarem as Nornas antes — eu disse. — Eu não tenho ideia de quem elas sejam.

— Nenhum de nós tem — disse Freya. — Elas simplesmente apareceram em Asgard um dia e se estabeleceram aqui, as três. As profecias fervilhavam. Alguns diziam que determinavam o futuro. Para mim, elas apenas interpretavam muito bem os sinais — ela fez uma pausa. — Odin também. Não éramos casados na época mas notei que ele as visitava com frequência. Ele sempre quis saber tudo o que podia sobre o que quer que seria.

— Acho que esse hábito o colocou em muitos problemas dessa vez.

— É o que parece — ela balançou a cabeça com uma expressão irônica, seu cabelo dourado caindo sobre os ombros. — Eu não o teria impedido de sair em suas andanças, mesmo se pudesse. Eu sinto falta dele quando ele não está, mas essa sede de conhecimento é parte do que faz dele o homem que amo.

— Vocês estão juntos há muito tempo? — me aventurei.

— A relação dele com a mãe dos gêmeos se desfez não muito tempo depois daquela cena que você viu com o visco e tal — disse ela. — Eu não teria pensado em nada acontecendo entre nós mas depois do Ragnarok, quando todos tivemos nossas segundas chances... parecia tolice privar-nos do que poderia nos fazer felizes.

Ela olhou de lado para mim, com um levantar provocante de sobrancelhas.

— Já notei que você está cativando pelo menos um flerte divino.

Meu rosto corou. A pior parte é que eu nem sabia de qual deus ela estava falando. Provavelmente Loki. Ela definitivamente já tinha visto a gente se beijando.

— É que... — eu comecei mas não sabia como terminar a frase. Eu não tinha ideia do que estava fazendo com qualquer um deles. Só que me sentia bem quando estava com eles e, na época, parecia ser o suficiente. O pensamento de tentar definir qualquer coisa, colocar algum tipo de significado, fez meu estômago revirar.

— Está tudo bem — garantiu Freya. — Você não encontrará nenhum julgamento aqui. Tenho a impressão de que você é uma mulher que sabe proteger o próprio coração. Espero que você possa lidar com eles.

*Eles.* Ok, ela definitivamente notou que algo estava acontecendo com os outros também. Parecia um bom momento para mudar de assunto.

— Muninn ficou com Odin por um tempo depois do Ragnarok, não foi? — perguntei. — Você deve ter chegado a conhecê-la muito bem naquela época. Talvez algo que você viu naquela época nos dê mais uma resposta para escapar desse lugar.

— Não sei se diria que a conhecia bem — Freya recostou-se na parede do poço, sua expressão ficando pensativa. — Ela não podia mudar de forma naquela época, sabe. Ela sempre foi uma corvo. Uma corvo extraordinariamente inteligente e consciente mas ela só falava com Odin através de um vínculo mental que eles tinham. Eu nunca falei com ela diretamente. Pela maneira como falava sobre, pensava que era uma velha amiga. Nunca tive a impressão de que ele via motivos para duvidar da lealdade dela.

— Ele alguma vez disse se aconteceu algo logo antes de ela ir embora? Para onde ela foi? Se houve alguma coisa...

Antes que eu pudesse concluir o pensamento ou Freya pudesse responder, as paredes do poço explodiram. Uma delas me jogou de volta na escuridão que preenchia as lacunas entre as construções de Muninn. Eu suguei o ar em meus pulmões, tentando me endireitar, mas apenas caí para trás novamente. O vento me girou e depois me derrubou.

Muninn não queria que eu fizesse essas perguntas. Ok. Eu devia estar perto de destruir essa prisão.

Aterrissei em um piso de madeira arranhado, minha mão tateando tentando agarrar o corrimão instintivamente. Freya se foi, com certeza para algum novo pesadelo. O cheiro sombrio da casa da minha mãe se fechou ao meu redor. A tensão apertou em torno do meu peito.

O corredor do andar de cima. Eu estava no andar de cima, fora dos quartos. Percebi que, firmando meus pés no chão, o rangido

das escadas vinha de baixo. Um rangido mais forte do que os passos de minha mãe teriam feito. Cada músculo do meu corpo se contraiu.

— Não! — gritei para Muninn, onde quer que ela estivesse. — Não se atreva.

Outro rangido. Meu coração deu um solavanco. Eu me arremessei em direção à parede do final do corredor com toda a minha força de valquíria.

— Me. Deixe. Sair.

Bati com os punhos na parede primeiro e ela se partiu como uma chuva de poeira. Com um movimento de pés e um bater frenético de asas, eu me impulsionei para a escuridão do outro lado.

O vento de Muninn chicoteou ao meu redor, me puxando para o lado. Não para trás; eu não a deixaria me levar de volta. Bati minhas asas o mais forte que pude contra ela, procurando qualquer outra coisa que eu pudesse segurar. Eu tinha ganhado dela antes, poderia ser mais forte que ela se eu apenas empurrasse com força suficiente.

Uma floresta espiralava embaixo de mim. A força invisível me jogou para a direita. Enquanto minha cabeça girava, os corredores de Asgard passavam. Aquele ali era Thor? Estendi a mão mas o vento me puxou de volta muito rápido, muito forte.

Eu dei uma cambalhota no ar.

— Ari! — A voz de Loki chamou e então sugou o uivo de ar ao meu redor. Eu me levantei e despenquei, tropeçando em uma série de degraus; aqueles da minha escola primária? Me lancei para cima novamente e tive outra impressão de um outro deus. Ali. Eu queria ir ali. Nós lutaríamos juntos. Eu estava tão cansada de ser empurrada pelo capricho da mulher corvo.

Minhas asas doíam mas eu as bati ainda mais forte. A força os arrastou e então estalou. Mergulhei de cabeça e caí de bunda em um quarto escuro.

Um chão de pedra fria estava embaixo de mim. Uma lasca de lua brilhava além da janela e uma cama enorme estava bem na minha frente. Três figuras estava agrupadas na minha direita, amontoadas junto à parede dos fundos. E uma forma, pálida e

magra, com cabelos pretos e curtos despenteados como se o vento o tivesse jogado aqui há pouco tempo atrás, curvado sobre a cama.

Hod parecia não ter me notado. Sua mão deslizou sobre as cobertas, sobre o corpo deitado sob elas. Um ruído vacilante de uma respiração saiu do travesseiro, seguido por um gemido fraco. A boca de Hod se apertou. Ele levou os dedos à palma da mão e a sensação ecoou nas sombras que se escondiam dentro de mim enquanto ele puxava os últimos fragmentos de vida em sua própria escuridão.

A sala estava silenciosa antes mas agora o silêncio era total. Hod se endireitou, sua mão caindo ao seu lado. Sua cabeça se virou para o público e eles se afastaram ainda mais sem dizer nada. Seus lábios se curvaram em uma careta. Ele saiu pela porta e as figuras que observavam soltaram suas respirações em uma exalação combinada.

Eu me levantei e corri atrás dele. Quase colidi com ele no corredor do lado de fora, onde ele parou, deduzi que me reconheceu pelo som dos meus passos. Ele pegou meu cotovelo, me firmando.

— Ari?

Sua voz era concisa mas seu aperto em mim tremia. Eu conhecia o deus das trevas bem o suficiente para ter notado que ele sempre ficava mais espinhoso quando tentava disfarçar seu próprio desconforto.

— A primeira e única — eu disse com muito mais alegria que eu sentia. Qualquer coisa era melhor do que minhas memórias de infância e, pelo menos, eu não estava sozinha. Temos mais chance de escapar quando podemos trabalhar uns com os outros. Muninn estava nos empurrando cada vez mais. Devia estar ficando mais difícil para ela manter qualquer outra ilusão.

Meu olhar alcançou uma mancha vermelho-púrpura e meu corpo ficou tenso.

— O que aconteceu com você? Quem fez isso? — Por que eu gostaria de dar uma contusão igual como vingança.

A mão de Hod subiu para a têmpora como se ele tivesse esquecido do ferimento.

— Não é nada — disse ele ainda conciso. — Me descuidei. Meu crânio ainda está intacto, o que é o máximo que eu poderia ter pedido.

Eu não tinha tanta certeza sobre isso mas ele claramente não estava com vontade de discutir o problema que havia encontrado. Eu me forcei a desviar o olhar, considerando o corredor.

— No que acha que nos metemos dessa vez?

Ele encolheu os ombros.

— Se você me viu lá, já acabou.

Olhei de volta para o quarto.

— Você estava tirando a vida dessa pessoa — Pessoa? Essas paredes de pedra tinham uma vibração asgardiana. — Aquele *deus*?

— Nem todos em Asgard se cuidaram tão bem após o renascimento — justificou Hod. — Alguns chegaram ao ponto em que mal lhes restava a vida. Eles queriam que seu final fosse o mais pacífico e silencioso possível. Então eles me chamavam — ele virou o rosto. — Essa era a minha vida, enquanto Asgard ainda era ativa: chamado para deveres que ninguém queria nem mencionar à luz do dia.

Deveres que ninguém mais poderia ter feito da mesma forma, queria adicionar. Mas eu tinha visto a forma como o público se encolheu para longe dele. Eu não poderia fazê-lo mudar de ideia mentindo.

— E agora? — falei em vez disso.

— Não sei. Suponho que esperemos e vejamos o que Muninn provocará a seguir.

Ela estava nos observando agora? Será que ela sequer percebeu onde eu cheguei em sua prisão em constante expansão? Ela deve ter que focar sua atenção nos outros parte do tempo. Eu tinha quebrado a última memória que ela tentou me prender e consegui encontrar meu caminho até o Hod.

— Eu acho que ela está cansando — declarei. — Ela nos quer ansiosos ou chateados o tempo todo... é mais fácil nos controlar assim? Então talvez tenhamos uma chance melhor de sair

completamente se estivermos em algum lugar com memórias felizes. Ainda não vi seu salão. Por que você não me convida?

Algo que soou como uma gargalhada reverberou do deus das trevas.

— Eu não sei o quão feliz é aquele lugar mas tudo bem. Você vai me acompanhar até em casa, valquíria?

— Seria um prazer — eu disse em tom formal e os cantos de sua boca se curvaram para cima.

Deixamos aquela casa para trás e seguimos para um corredor menor de pedras que parecia um cinza um pouco mais escuro do que as que estavam ao redor. Um artesão com senso de humor ou a escolha de Hod? Ele empurrou a porta e atravessou a soleira, a confiança tornando sua postura ainda mais reta no espaço familiar.

— Aqui está — disse ele secamente. — Lar, doce lar.

## 19.

### *Aria*

Meu pulso latejava com curiosidade enquanto eu espiava pelas portas mais próximas da casa do deus das trevas, encontrando uma sala com uma única cadeira e prateleiras de livros. Muito a cara de Hod. Seus textos aqui foram escritos em uma versão asgardiana do braile ou ele teve que usar magia para ler, como fez com sua coleção de Midgard? Ele se arrastou atrás de mim mas não disse nada, me deixando absorver tudo sem interrupções.

A cadeira solitária me incomodava.

— Você morou aqui sozinho?

— Moro, no presente, quando estivermos de volta na verdadeira Asgard — Hod disse. — Isso te surpreende?

— Não sei. Talvez fosse bobagem mas de alguma forma eu percebi que você e Baldur eram bastante inseparáveis.

— Ah, ele tem seu próprio salão, mais perto do pátio principal. Disseram-me que tem uma bela vista.

Um tom estranho surgiu em sua voz. Aquela conversa com seu gêmeo parecia entorpecer um pouco da culpa que ele estava sentindo, mas pelo visto, não o suficiente. Seria esse um ponto que eu poderia pressionar para aumentar as brechas na prisão de Muninn?

— Nós vamos sair daqui, sabe — eu disse. — E então você terá todo o resto de suas vidas divinas para discutir qualquer coisa que precise ser discutida. Pelo menos...

Eu me segurei, percebendo bem na hora que meus próprios pensamentos começaram a se desviar em uma direção culpada. Hod não precisava da minha dor em camadas sobre a dele.

Mas claramente ele me conhecia muito bem nesse momento.

— Pelo menos eu posso falar com ele? — ele completou silenciosamente. — Pelo menos ele ainda está aqui. Pelo menos ele se lembra de quem eu sou.

— É burrice comparar. Vamos deixar pra lá, eu sei como é ruim quando as coisas não estão bem com alguém que você gosta tanto.

— Um dia, quando tudo isso acabar, você talvez possa falar com Petey novamente.

Eu o encarei.

— Você me deixaria ir, senhor Vamos Deixar Todas as Preocupações Terrenas Para Trás?

Hod esfregou a boca.

— Talvez eu tenha recebido uma aula muito completa de que simplesmente tentar esquecer as mágoas antigas nem sempre é o melhor curso de ação. E... *até eu sei* que não é certo que ele nem se lembre de você, de todas as coisas que você fez por ele, ainda mais quando você poderia ser uma parte real da vida dele. — Sua voz ficou mais baixa. — Me desculpe, tive que aumentar sua dor.

Minha garganta se apertou tão de repente que levou um momento antes que eu pudesse falar.

— Hod... eu teria sentido muito mais dor se tivesse que deixá-lo com a minha mãe. Ou em qualquer outro lugar onde os elfos sombrios pudessem encontrá-lo. Você estava me ajudando.

— De certa forma — ele se recostou no batente da porta. — É assim que contribuo, né? Através da escuridão, seguindo em frente, através da morte... *até Loki* traz brilho ao invés de anulá-lo às vezes.

— Tá, agora você está sendo ridículo — eu disse. Eu precisaria discutir com ele mesmo se eu não tivesse pensado que desafiar todas as nossas opiniões em qualquer situação era a chave para sair daqui. — Você contribui com muito mais que isso. Você tem todo esse conhecimento desses livros e você provavelmente é a coisa mais próxima que esse grupo tem de uma voz da razão, mesmo que isso seja um pouco pessimista às vezes e... e às vezes o que você tira é a dor. Você me deu espaço para falar sobre coisas que eu nunca quis falar com ninguém. Para liberar um pouco disso,

sabendo que você estava ouvindo, sabendo que isso importava para você. Isso significa muito.

— Você só viu uma pequena fração de quem eu sou, valquíria — ele disse mas sua voz suavizou um pouco.

Eu fiz um tom de escárnio.

— Já vi o suficiente. Então você não é tão brilhante como Baldur e você não tem a bravura de Thor ou qualquer coisa assim. E daí? Vocês são tão diferentes uns dos outros... é meio difícil imaginar vocês todos não estando juntos. Como se você desse o equilíbrio perfeito entre vocês.

Algo naquele comentário fez Hod estremecer.

— Não é muito perfeito — disse ele. — Havia todas aquelas falhas que estávamos tentando evitar. Mas com você aqui, de algum jeito as coisas se tornaram mais fáceis. Agitou as coisas apenas o suficiente para começar a limpar as tensões, acredito. É difícil imaginar  *você*  não estando mais conosco.

Um calor frenético passou por mim com esse comentário. Eu me aproximei dele, pegando sua mão.

— Sabe, eu vi o que aconteceu naquele pátio e não acho que você possa ser culpado pelo que aconteceu. Você não sabia. Você pensou que estava apenas se juntando ao resto deles. Loki...

Hod balançou a cabeça com um puxão.

— Eu não tenho tanta certeza sobre isso — ele disse asperamente. — Algumas das coisas que a Corvo me fez lembrar... Houveram momentos em que me senti tão  *zangado*  com a forma como os deuses favoreceram Baldur. Eu não tive que jogar o galho com tanta força. Eu poderia ter perguntado o que Loki estava fazendo.

Apertei sua mão com mais força.

— Você realmente acha que você queria que ele  *morresse* ?

O deus da escuridão fez uma pausa. Sua mandíbula se flexionou.

— Não. Nunca isso. Mas eu poderia querer que ele se machucasse um pouco, só uma vezinha. Que alguma coisa desse errado.

Oh, meu querido deus das trevas.

— Eu não sei — eu disse. — Isso soa muito normal para mim. Eu amava Francis com todo o meu coração. Mas havia momentos em que eu me ressentia de todas as coisas que ele fazia e eu não porque ele era mais velho. E depois quando as coisas realmente ruins começaram a acontecer... quando eu odiava ter que passar por isso e de alguma forma ele se libertou. As emoções não são justas. Elas apenas são o que são. Isso significa que a culpa da morte dele é mesmo minha?

Meu pulso disparou quando eu disse isso, como se eu tivesse medo de verdade de Hod confirmar que sim. Ele trouxe a mão para o meu rosto, acariciando o polegar na minha bochecha.

— Claro que não — ele disse com firmeza. — Mas não é a mesma coisa. E duvido que *Baldur* sinta ciúmes de alguém. A luz nele apenas lava toda e qualquer coisa que se assemelhe a ressentimentos.

— Você não o ouviu antes? Ele também está com raiva.

— É apenas momentâneo e por razões justificáveis.

— Hunf — inclinei minha cabeça contra o peito de Hod. Seus dedos se moveram para o meu cabelo, enviando arrepios agradáveis pelo meu couro cabeludo a cada carícia. — Aposto que ser bom o tempo todo é estressante de diferentes maneiras. Você não pode simplesmente acreditar que é bom suficiente?

— E você consegue? — disparou ele de volta.

— Estou trabalhando nisso — respondi. — Você me ajudou de muitas formas, sabe, apesar de toda severidade e ceticismo. Eu acho que diz muito se você consegue ser gentil com alguém que você não confia, só para início de conversa.

Hod ficou em silêncio por um momento. Sua mão parou contra o meu cabelo.

— Eu não acho que você possa chamar esses atos de bondade, Ari — disse ele. — Aquele era apenas um homem se apaixonando por você.

Minha respiração parou, minha coluna endureceu. Eu me afastei de Hod para olhar em seu rosto. Sua expressão já estava tensa.

— Está tudo bem — ele disse asperamente, recuando um passo. — Eu não esperava que o sentimento fosse retribuído. Se for mais fácil, você pode fingir que eu nunca...

Uma dor atravessou meu peito ainda mais forte do que o meu pânico. Eu me movi automaticamente, agarrando a frente de sua camisa e puxando-o de volta de mim. Subindo na ponta dos pés ao mesmo tempo para colar sua boca na minha.

Com uma respiração gaguejante, ele me beijou de volta. Seus lábios tinham o mesmo sabor salgado e levemente defumado que o perfume que se agarrava a ele, e eles se moveram contra os meus como se ele soubesse exatamente como encontrar o ângulo mais sensível. Como se ele tivesse mapeado cada centímetro de mim uma centena de vezes em vez de esse ser apenas o nosso segundo beijo.

A sensação enviou um tremor de alegria em mim mas que logo se transformou em algo negativo. Agarrei sua camisa, tentando me perder completamente no calor de sua boca, mas não consegui controlar meu corpo.

Hod recuou mas não para tão longe dessa vez. Sua testa roçou na minha.

— Ari? — ele disse com a voz rouca.

Eu enterrei meu rosto em meu peito.

— Me desculpe — murmurei.

Ele fez uma pausa.

— Você quer me contar?

Simple assim. Do mesmo jeito que ele perguntou quando eu simplesmente comecei a chorar sobre ele do lado de fora da casa da minha mãe, não muito tempo atrás. Simple e direto e abrindo a porta para qualquer coisa que eu pudesse ter que confessar. Sem insistir, sem pressionar.

Isso era bondade, não importasse o ângulo. Será que ele realmente achava que o porque dessa atitude importava?

— Eu não me permito sentir algo por ninguém além de Petey há muito tempo — eu disse, ainda falando com sua camisa. — Sempre foi mais seguro manter distância. Muito mais fácil não se machucar assim. Eu não... não sei mais o que fazer. Como me importar com

as pessoas. Como me apaixonar. Mas vocês todos são tão... não posso deixar de me importar. Não posso deixar de *querer*. E isso me apavora. Então não é você, não é mesmo. Sou eu, que sou uma bagunça.

— Você não é uma bagunça — Hod disse, totalmente feroz agora. Ele inclinou minha cabeça para pressionar um beijo na minha testa que, de alguma forma, parecia tão apaixonado quanto o encontro de nossos lábios há alguns momentos. — Não estou pedindo nada. Não espero nada de você. O que você quiser dar, o que puder...

Sua cabeça se ergueu. Antes que eu pudesse perguntar a ele o que estava errado, eu senti também. Uma mudança no ar ao nosso redor, como se uma brisa que não deveria existir tivesse passado direto por aquelas paredes de pedra. Uma brisa com cheiro de cinza química. Nossa conversa tinha abalado alguns alicerces.

A brisa vinha da porta. Nós dois corremos para o corredor ao mesmo tempo. As paredes ondularam diante dos meus olhos. Eu recuei e joguei meu ombro em um, pronto para agarrar Hod se a ilusão se quebrasse completamente.

Meu ombro bateu contra ele com um espasmo de dor. A parede nem rachou. Eu fiz uma careta.

— Talvez possamos fazer com que as memórias mudem enquanto o foco dela estiver instável — eu disse. — Pense em outro lugar, em algum lugar que você preferiria estar.

A mandíbula de Hod cerrou-se com a concentração e quase imediatamente o mundo girou ao nosso redor. A brisa que tomou conta de mim era doce com um cheiro de grama da primavera e, quando pisquei, descobri que estávamos em um quarto espartano que tinha uma cama de ébano e um guarda-roupa combinando, as paredes de gesso de um verde-menta claro. Eu poderia ter ficado confusa se não tivesse reconhecido a vista da janela.

— Esse é o seu quarto na casa em Midgard? — perguntei.

Um leve rubor coloriu as bochechas de Hod.

— Eu realmente não estava pensando. — disse ele rapidamente. — Aconteceu de aparecer na minha cabeça.

Eu me virei e me vi diante de uma parede em branco onde deveria estar a saída.

— Muninn conseguiu roubar a porta. — Mas eu poderia correr mais aqui. Me joguei para frente, punhos batendo para fora.

Minhas mãos bateram na parede. Um suspiro saiu da minha boca com o impacto mas ficou suspenso no ar. Eu girei, esfregando meus dedos.

Hod já estava se movendo para a janela. Ele empurrou a base e a levantou novamente mas ela não se moveu. O vidro apenas chacoalhou quando ele bateu com o cotovelo.

— Ela perdeu um pouco de controle sobre a construção mas tem o suficiente para nos manter presos — eu disse. — Merda.

— Estamos chegando mais perto. — disse Hod. — Eu realmente já estava sentindo o mundo lá fora naquela hora. Encontrou alguma coisa que afete o foco dela?

Quando a prisão mudou, ou contra a vontade de Muninn ou porque ela parecia frustrada comigo? Normalmente, quando estávamos conversando, quebrando as memórias nas quais a construção se baseava. Mas também nas vezes que cheguei muito perto de saber mais sobre ela. E às vezes...

Eu me aproximei de Hod.

— Vamos ver de quão perto ela está nos observando.

Tracei minha mão até seu peito para deslizar ao redor de seu pescoço. Os olhos distantes de Hod escureceram de desejo. Ele abaixou a cabeça, encontrando-me no meio do caminho.

Enquanto ele me beijava, era difícil lembrar que eu tinha começado isso para tentar sacudir nossa prisão. Eu não sabia o que fazer com tudo aquilo que Hod havia dito, todas as emoções se agitando dentro de mim mas cada centímetro da minha pele doía de desejo.

Uma de suas mãos descansou em minha cintura, a outra deslizando pelas minhas costas para me puxar para mais perto. Ele me beijou novamente, sombras sangrando de seu corpo para brilhar no meu. Elas lambeiram o canto da minha mandíbula, o topo de minha clavícula, através de minhas costelas, faíscas de felicidade em todos os lugares que tocavam.

Provoquei minha língua em seus lábios e eles se separaram. O calor de sua boca embebeu na minha. Uma pontada passou direto pelo meu centro. Oh, inferno. Eu não podia mais me afastar disso.

— Eu acho que a atenção dela deve estar em algum outro lugar.  
— Hod murmurou contra meus lábios com outra carícia de sombras.

— Bom — eu disse, meu coração batendo forte. — Então podemos fazer isso.

Eu o puxei comigo para a cama, reivindicando outro beijo enquanto íamos. Ele gemeu. Eu subi no colchão, de joelhos, e então estávamos quase da mesma altura, e ele deslizou as mãos por debaixo de minha regata. Seus polegares acariciaram a curva inferior dos meus seios e as sombras que ele trouxera acariciou o topo. Eu não tinha certeza se ele estava comandando ou elas tinham vontades próprias até que um sussurro nas minhas costas anunciou a abertura do meu sutiã.

— Hod — eu disse, momentaneamente assustada.

— Você se importa? — ele murmurou. — Eu posso prender de novo. Meus poderes... quando meus sentimentos estão tão intensos...

— Não — eu disse com um rápido aceno de cabeça. — Não pare. Isso foi *delicioso*.

Ele riu.

— Não é algo que eu normalmente seja acusado de ser.

— Não é uma acusação — eu murmurei de volta. — Veja como um elogio. — A última palavra foi cortada em um gemido quando ele segurou meus seios, acariciando meus mamilos que instantaneamente ficaram duros.

Enfiei minhas mãos sob sua camisa, ansiosa para explorá-lo pele a pele. Meu toque arrancou um som faminto de seus pulmões. Ele me derrubou na cama, deitando ao meu lado e descendo seus lábios pelo meu pescoço.

Hod beijou minha garganta, meu ombro, meu esterno, como se estivesse adorando cada parte de mim, não deixando nenhum centímetro de minha pele sem adoração. Então sua cabeça mergulhou mais baixo. Sua boca se fechou sobre a ponta do meu seio e eu gemi, agarrando seus cabelos. Suas sombras brincavam

sobre meus lábios, outras traçando minha espinha. Eu arqueei contra ele, querendo-o tanto que não conseguia encontrar palavras para dizer.

Ele levantou a cabeça por um segundo e meu pulso acelerou com o pensamento de que ele ia me empurrar de costas. Mas ele apenas se abaixou, deixando um rastro de beijos do centro do meu peito até minha barriga. Suas sombras correram ao longo da cintura da minha calça enquanto ele abria o botão. Ele o puxou para baixo, sua respiração roçando quente contra minha calcinha.

Seu próximo beijo, logo acima dela, foi tão terno que me engasguei. Agarrei seu ombro, puxando-o de volta, com medo do que poderia sair de mim se eu o deixasse continuar naquela direção.

Hod veio sem reclamar, colocando o braço em volta de mim e me beijando forte nos lábios. Minha perna nua enganchada sobre sua coxa. Outro gemido escapou dele, reverberando em torno do meu gemido. Sua ereção pressionou contra o meu centro enquanto ele me beijava ainda mais forte. Suas sombras lamberam contra mim como um eco de uma centena de beijos minúsculos e a forte emoção que eu estava tentando conter se esparramou de qualquer maneira.

Meu peito se iluminou. Hod recuou do beijo, passando a mão pelo lado do meu rosto e parou no canto do meu olho.

— Você está *chorando*? — ele disse, sua voz crua.

Eu respirei fundo e mal consegui não soluçar.

— É choro bom. Lágrimas de felicidade. É só que... é coisa nossa, não é? Você tem que me fazer chorar pelo menos uma vez ou não é uma conversa completa.

— Ari...

Coloquei minha cabeça contra sua mandíbula.

— Eu nunca estive com alguém e isso significava algo pra valer antes, ok? — Mesmo aquele rolê com o Loki, por mais que eu tenho gostado, por mais que muitas das minhas regras tenham sido quebradas, ainda foi sobre lidar com o tesão, perseguir um desejo, nada muito mais profundo.

Sem compromissos. Sem juras de amor eterno.

Mas Hod já tinha feito uma declaração.

Seu tom suavizou.

— Ari. Minha valquíria — seus dedos deslizaram para o meu queixo. Ele a inclinou para que estivéssemos cara a cara em um ponto cego. — Eu te amo — ele murmurou, soando meio engasgado.

Eu puxei sua boca de volta para a minha. Enquanto nossas línguas se entrelaçavam, eu torci sua calça. Ele os chutou e eu espalmei sua ereção através de sua boxer. Ele me segurou mais apertado, aprofundando o beijo. Uma onda de felicidade me percorreu.

Uma de suas sombras se contorceu sob minha calcinha para lambar meu clitóris. Eu engasguei, agarrada por uma necessidade mais profunda.

— Por favor.

Nós tateamos nosso caminho para fora de nossas roupas íntimas juntos. Então a pele lisa de seu pau rígido estava deslizando sobre meu clitóris, uma onda de prazer me percorrendo. Eu enganchei minha perna de volta para seu quadril e o puxei diretamente para mim.

Um grito me escapou quando ele me preencheu. A queimação latejante se expandiu do meu núcleo através de todos os outros nervos. Hod apertou minha coxa, empurrando-se mais fundo enquanto começávamos outro beijo. Nós nos movíamos um contra o outro. Suas sombras brincavam sobre meus seios, formigavam contra meu clitóris. Eu choraminguei, meus dentes raspando em seus lábios e ele intensificou a penetração.

Minha cabeça inclinou para trás, meus olhos revirando. Hod me levou ainda mais fundo, com uma ondulação de sombra em todos os pontos mais sensíveis em minha pele e gozei com um gemido e um estremecimento. Sua respiração ficou irregular. Ele se empurrou com mais alguns movimentos erráticos de seus quadris e me seguiu para aquela felicidade final.

## 20.

### *Aria*

Agarrei-me a Hod, deleitando-me com seu calor e sua pele úmida de suor pressionada contra a minha, até que o brilho pós-goço começou a desvanecer. Ele me beijou tão docemente que enviou uma nova onda de desejo através de mim, mas eu sabia que não tínhamos tempo para saborear esse momento. Meu olhar desviou até a janela.

— Gostaria que estivéssemos mesmo de volta nessa casa — desejei. — Queria...

— Muitas coisas? — Hod sugeriu. Seus braços se apertaram ao meu redor por um momento — Eu também. Mas vamos sair dessa. Não consigo imaginar ninguém mantendo você enjaulada por muito tempo, valquíria.

Eu tive que afagá-lo novamente, minha boca encontrando a dele para um último beijo.

— Da próxima vez não terá choro, prometo.

Um sorriso cruzou seu rosto com a menção de uma próxima vez. Hod sempre foi bonito, como todos os deuses eram, mas quando ele sorria... eu não conseguia parar de olhar.

Sentei-me e coloquei meu sutiã de volta no lugar. Minha calça e calcinhas estavam em um emaranhado perto do pé da cama. Eu me contorci para puxar para perto e então vestir.

— Não tenho certeza se transar vai nos ajudar a sair daqui, infelizmente.

Hod abafou uma risada com a mão.

— Talvez se tentássemos de novo agora — disse ele com um brilho brincalhão incomum em seus olhos.

Mostrei a língua para ele, mesmo que ele não pudesse ver.

— Não tenha uma única impressão sobre mim. Deixe-me ver...

Fui levantar da cama e acabei atravessando o chão.

Aparentemente, nossa pegação afetou a construção de Muninn. As tábuas de madeira cederam embaixo de mim com um suspiro. Eu despenquei na escuridão, mal tive tempo para soltar um guincho.

Minhas asas despontaram de minhas costas automaticamente. Eu me virei, tentando agarrar alguma coisa, voar de volta para Hod.

— Aí está você — a voz de Muninn murmurou como se estivesse dentro da minha cabeça. — Achou que podia se esconder? Aqui está algo que você deveria ver.

Uma força invisível me jogou contra uma parede de pedra. Deslizei para o chão em uma caverna de teto baixo. O cheiro de podridão encheu meu nariz. Eu vacilei, me apoiando contra a pedra áspera.

Eu conhecia esse lugar. Era Nidavillir, onde eu vim pela primeira vez procurando por Odin, o lar dos elfos sombrios.

O pensamento tinha acabado de passar pela minha cabeça quando uma mulher caiu na caverna por uma abertura que eu não conseguia distinguir. A mesma abertura pela qual devo ter passado. Ela caiu sobre suas mãos e joelhos, ondas castanhas caindo em seu rosto, asas como as minhas flexionadas acima de suas costas. Vários elfos sombrios saíram da escuridão para cair sobre ela.

Eu coloquei minha mão sobre minha boca para cobrir um grito quando uma de suas facas afundou direto no crânio da outra valquíria. Sangue jorrou ao redor dele, pintando seu cabelo ainda mais escuro. Ela caiu no chão. Um dos elfos escuros cuspiu nela antes de girar seu corpo curto e robusto para se afastar.

— Foi o que aconteceu com as outras que enviaram. — Munnin disse. Tive a impressão de que ela estava empoleirada logo acima de mim, embora não houvesse realmente nada ali para se empoleirar.

— É para isso que os deuses as *enviaram*. Para fazer o trabalho sujo por eles, para o abate.

— Só porque os deuses não conseguiram chegar a Asgard — justifiquei, fechando meus olhos contra a visão da valquíria assassinada. — Eles *teriam* vindo se pudessem. — A voz

angustiada de Freya surgiu na minha memória, falando sobre o quanto ela desejava poder ir até seu marido.

— E então eles chamaram você — a voz da mulher corvo era desdenhosa. — E você seguiu a trilha muito bem. Se você simplesmente deixasse isso para lá, não tentasse tanto, eu nunca teria precisado calar suas bocas.

— Ah, então agora a culpa é *minha*? — Eu me levantei e girei nos calcanhares mas ainda não conseguia vê-la. — Você quer falar sobre assumir responsabilidade por seus próprios problemas, que tal assumir a responsabilidade pelas merdas que tacou no ventilador?

— Minha oferta ainda está de pé — disse Muninn. — Mas não por muito tempo. Você realmente quer ver o quanto pode piorar?

— Só vai piorar para você, você...

Eu levantei meu punho e a força de sua ilusão me acertou na cabeça. Eu tropecei para trás através da parede da caverna onde fui chicoteada e jogada para o lado. Meu olhar saltou pela escuridão, procurando algum sinal de Muninn.

O lampejo de uma imagem passou pelos meus olhos. A mulher corvo curvada em uma saliência de pedra, a cabeça entre as mãos, o cabelo escorrido entre os dedos. Um murmúrio escapou de seus lábios.

— Tão incrivelmente cansada disso.

Minha mão se esticou e a imagem foi embora. Eu não saberia dizer se era um vislumbre do presente ou do passado. Sempre que isso acontecia, Muninn vacilava. Eu a senti naquele momento, suas emoções irradiando pelo espaço ao meu redor. Ela estava quase exausta.

Uma faísca de triunfo acendeu em meu peito por cerca de dois segundos. Então fui arremessada no chão no mesmo tapete manchado em que me vi escorregando no que parecia dias atrás. O odor azedo da casa da minha mãe me envolveu, mais forte dessa vez. Mais intenso do que eu pensei que já tinha sido na realidade.

Ah não. Nós não estávamos fazendo isso novamente. Levantei-me de um salto e me joguei contra a parede com a intenção de atravessá-la do jeito que fiz no corredor antes.

Meu ombro bateu contra o gesso sólido. Eu quase tropecei em meus pés pousando de volta no chão, segurando meu braço.

Muninn não estava me deixando ir tão facilmente dessa vez. Por mais exausta que estivesse, ela estava pronta para esse truque. Mas ela não podia estar pronta para tudo. Eu só tinha que continuar pressionando.

A porta. Foi assim que eu saí dessa casa pela primeira vez. Eu me virei em direção a ela... e minha mãe apareceu na porta do banheiro. Ela plantou as mãos em seus quadris salientes.

— Fugindo escondida de novo? Não pode mais se incomodar em dar a sua própria família a hora do dia, né? Não sei como criei uma pirralha tão egoísta.

Meu peito se apertou. Eu não queria ouvir isso. Eu *realmente* não queria descobrir para onde essa conversa poderia levar. Dando um pulo na direção oposta, corri para a outra porta.

Ela já estava na cozinha, debruçada sobre uma caneca de café lascada.

— Eu vou lavar roupa amanhã — ela murmurou. — Você pode usar essas calças de novo. Ninguém vai cheirar sua bunda.

Eu corri por ela para o hall da frente. Uma voz diferente, um tenor ligeiramente plano, veio atrás de mim.

— Ari? Minha mocinha favorita não vai parar algum tempo comigo?

Trevor. Eu me lembrava muito bem daqueles tempos. O tapinha de sua mão contra a almofada do sofá. O brilho muito ansioso em seus olhos. A maneira como ele se sentava um pouco perto demais, seu joelho pressionando ao lado do meu. Os filmes que ele escolhia... não exatamente pornô, mas com mais sexo e violência do que qualquer outra figura parental deixaria uma criança de nove anos assistir.

Eu sabia desde a primeira vez que ele me chamou que algo não estava certo. Eu só não sabia o quão errado poderia ser até um ano depois. Tudo o que eu sabia até então era que, quando eu recusava, ele desabafava com a mamãe e mamãe descontava a frustração em mim.

Meu pulso entrou em parafuso. Corri em direção à porta, mas não havia nenhuma porta. Apenas uma daquelas malditas paredes brancas.

Eu não desacelerei. Na verdade, eu acelerei. Eu me arremessei para frente e bati naquela parede com um golpe que continha toda a minha força de valquíria.

Meu corpo bateu contra ela e tombou para trás, a dor irradiando pelos meus ossos. Minha respiração saiu em um suspiro.

— Ariiiii.

As escadas. Talvez eu pudesse voar de uma janela. Dei a volta no corrimão e subi os degraus rangentes até o quarto de mamãe. Muninn não estaria pensando nisso. Eu quase nunca tinha estado lá.

Girei no topo da escada, pulei da porta dela e a força de direção de Muninn me atingiu na cabeça como se eu tivesse sido atingida por uma frigideira de ferro fundido.

Eu caí e caí, não nas tábuas gastas do piso do corredor mas em um colchão fino com uma mola protuberante na parte inferior das minhas costas. Um cobertor para lá de áspero foi puxado sobre meu corpo até meu queixo. O quarto estava escuro e silencioso ao meu redor. Um grilo cantou lá fora.

Um passo pesado soou na escada. Um rangido e depois outro e depois outro. Pânico soou na minha cabeça. Eu me movi para me empurrar para fora da cama e me encontrei paralisada.

Assim como eu sempre fui naquela época. Congelada com medo e pavor, suor escorrendo na minha testa enquanto meu coração estourava em minhas costelas, ouvindo-o subir as escadas. Só que dessa vez Muninn deve estar participado, me empurrando para baixo.

O cobertor me grudou no colchão como se fosse uma camada de cimento. Percebi uma onda de fadiga estremecendo a ilusão mas ela me segurou lá com todas as suas forças. Eu estaria disposta a apostar que ela não estava prestando atenção em ninguém além de mim agora. Ela queria sua vingança pelas maneiras que eu a desafiei.

*Você realmente quer ver o quanto pode piorar?*

Eu não conseguia nem abrir minha boca para xingá-la. Minha mandíbula se apertou. Do lado de fora da porta do meu quarto, as escadas pararam de ranger. Trevor caminhou pelo corredor.

Porra, caralho, não, não, não e *não*. Apertei meus músculos contra os ossos mas não consegui me mexer um centímetro. Mais suor escorria pelo lado do meu rosto, deixando um rastro frio em seu encaixo. Desejei que minhas asas surgissem, me impulsionassem para fora do colchão mas elas ficaram presas dentro de mim. Meu lábio apertou quando meus dentes o morderam. A dor também não me soltou.

A porta se abriu com um rangido suave. A forma larga e pesada de Trevor formava uma silhueta na soleira. Ele entrou e fechou a porta atrás de si. Em voz baixa, ele começou a cantarolar aquela maldita música, aquela porra de música estúpida sobre flores e açúcar que estava em todas as rádios há meses e ainda me causava ânsias de vômito quando a ouvia.

Naquela época, eu teria apertado meus olhos bem fechados. Fingi que estava dormindo, que não sabia o que ele estava fazendo, que não podia sentir nada, que não me importava. Talvez se eu não lhe desse nada, ele ficaria entediado com o apalpar o meu pijama.

Exceto que não tinha funcionado. Ele ficou mais criativo com o passar do tempo. Ah, por favor, não, que não seja uma dessas vezes. Que isso seja pelo menos no início, quando era mais fácil me desligar.

Ele caminhou pelo quarto e parou ao lado da cama, rindo para mim com aquele sorriso torto e doentio. Dessa vez, eu olhei para ele como se eu pudesse jogá-lo para fora da sala com o poder do meu horror. Meu corpo se encolheu sob o cobertor.

Ele se abaixou para agarrar o canto e outra figura emergiu da escuridão logo atrás dele. As mãos bateram palmas e o ex-namorado da minha mãe pegou fogo.

O brilho da luz do fogo refletiu no cabelo ruivo claro e no rosto pálido de Loki. Seus olhos cor de âmbar também pareciam brilhar enquanto observava Trevor desmoronar no chão em um monte de poeira. Ele chutou a pilha fumegante com um sorriso de escárnio. Então ele se virou para mim.

— Vim o mais rápido que pude. Lamento que ele tenha chegado tão longe.

Eu me levantei e, no processo, descobri que podia me mover novamente. Um som quase como um gemido emergiu da minha garganta enquanto eu me arrastava para fora da cama, esfregando meus braços como se a coceira do cobertor e as memórias que vieram com ele pudessem me seguir. Meus ombros estavam tremendo.

— Ari... — Loki estendeu a mão e então parou com ela no meio do caminho entre nós. Sem saber se eu iria querer o conforto que ele estava planejando oferecer, imaginei. Eu também não sabia. Outro estremecimento percorreu meu corpo.

Controle. Eu tinha que me controlar. Eu ainda tinha que *sair* daqui.

— Obrigada — consegui dizer, rigidamente mas com firmeza. — Eu... valeu.

Loki assentiu, seu olhar fixo no meu. Sua mão ainda pairava no ar entre nós. Ele mudou seu peso como se fosse se mover em minha direção e as escadas rangeram novamente.

Eu congelei, meu estômago revirando. Outro rangido e mais outro. Ele estava vindo *de novo*. Outro Trevor. Porra, não.

O pânico tomou conta de mim. Antes que a força invisível de Muninn pudesse me empurrar de volta para a cama, corri para a porta.

## 21.

### *Loki*

A angústia de Ari irradiava dela como se a mesma estivesse em plena fissão nuclear. Eu tinha sido capaz de senti-la vibrando através das paredes em constante mudança da prisão de Muninn, ficando mais nítida e mais frenética enquanto eu tentava seguir nosso fio de conexão com ela. Agora, vê-la saindo correndo do quarto para o corredor, me deixou com os nervos à flor da pele.

Era tanta dor em um corpo tão pequeno. Se ela ao menos falasse comigo, me deixasse ajudá-la a lutar contra isso...

Corri atrás dela. Não havia possibilidade de eu deixá-la sair do meu campo de visão. Muninn poderia erguer mil paredes e eu ultrapassaria todas para ficar com nossa valquíria. Ela precisava de mim há poucos minutos e precisará de mim novamente. Queira ela ou não.

Ari desviou no corredor em direção a uma das outras portas mas, enquanto ela corria, o chão desapareceu sob seus pés como um alçapão se abrindo. Ela passou por ele com um ganido. Xingando, eu mergulhei atrás.

Aterrissamos em sua cozinha, em um cantinho em volta da mesa de fórmica. Do outro lado da sala, um adolescente com uma cabeça de cabelos loiros bagunçados como o de Ari estava tentando encarar um cara de meia-idade que era alguns centímetros mais alto e bem mais largo, com uma careca na parte de trás da cabeça que ele havia tentado pentear inexperientemente.

Levei um segundo para reconhecê-lo no brilho das luzes da cozinha. O carecão era o homem que eu tinha acabado de fritar no antigo quarto de Ari.

— Saia dessa casa e nem pense em voltar aqui de novo — o jovem dizia, sua voz irregular e seu rosto vermelho. — Se você a

tocar novamente...

— Você não sabe do que está falando, garoto — disse o homem. — Aquela garota inventa todo tipo de história maluca. O que quer que ela tenha dito...

Ari fez um som ferido.

— Não. Francis. *Não*.

Ela empurrou-se ao redor da mesa para alcançar o menino — seu irmão mais velho — mas dessa vez Muninn não estava construindo com matéria sólida. Talvez ela precisasse preservar sua energia ou talvez ela visse isso como uma nova forma de tortura. A mão de Ari passou direto pelo braço de seu irmão. Ele continuou falando em um ritmo desesperado, como se não a tivesse notado.

— Ela não me contou. Encontrei provas. Eu sei o que você fez, seu filho da puta doente. Então, se você não sair daqui, eu vou... vou chamar a polícia.

O homem ficou tenso mas manteve a voz calma. Calma e sombria.

— Você não quer isso, Francis. Você tem alguma ideia de como eles vão tratar sua irmã quando você contar essa história para eles?

— Não pode ser pior do que o que você fez com ela — Francis retrucou.

Ari gritou e se lançou contra ele de novo, mas não conseguiu agarrar nada além de ar. Seu irmão se jogou no homem com o punho erguido. O homem se esquivou para o lado, estendendo o braço para desviar o golpe e empurrando de volta ao mesmo tempo.

Francis tombou para o lado, a cabeça batendo no canto pontiagudo do balcão com um estalo. Um soluço saiu da garganta de Ari. Ela caiu com o irmão quando este desmoronou, o sangue fluindo de sua ferida na cabeça.

— Ari — Inclinei-me sobre ela, tocando seus ombros mas ela bateu em minhas mãos.

— Me deixe em paz. Você não... Francis...

Ela apalpou a cabeça dele como se pudesse curar a ferida apenas com a força de vontade. Muninn o deixou sólido agora. O sangue escorria pelas palmas de Ari. Senti minhas entranhas se revirarem mas, pela primeira vez em minha longa existência, eu não

tinha a menor ideia do que dizer que pudesse ser bem-vindo, que poderia aliviar sua angústia, mesmo que só um pouquinho.

Ele estava deitado ali... deitado como Baldur. Pálido e sangrento e totalmente inocente. Fechei os olhos contra a imagem.

Pelo Pai de Todos, como ela poderia ter reagido de outra forma àquela no pátio? O crime que cometi ecoou um dos momentos mais terríveis de sua vida, só que desta vez, comigo no papel de vilão. Eu tenho sorte de ela estar tolerando a minha presença no mesmo local.

Talvez eu nunca consiga consertar isso. Ela pode nunca me perdoar por um ato cometido muito antes de ela nascer.

Esse conhecimento afundou pesado em meu peito. Tudo bem. Isso era um fato. Mas também era fato que eu não tinha o hábito de desistir só porque uma situação parecia terrível. Se houvesse *uma* maneira de consertar, de reparar as cagadas que eu fiz do nosso relacionamento, seja ele qual for, eu encontraria. Especialmente se ao fazê-lo eu também desferisse um golpe contra essa maldita prisão.

Depois de alguns minutos, Ari se sentou sobre os calcanhares com um suspiro gaguejante. Ela enxugou o rosto com as costas das mãos.

— Não é ele — ela disse para si mesma. — Não é ele. É a ideia de tortura de Muninn. Mas ela não pode realmente machucá-lo — Ela levantou a cabeça e gritou para o teto. — Eu não vou cair nessa!

O corpo murchou com essas palavras. Em questão de segundos, não sobrou nada do suposto Francis, exceto uma mancha de poeira. Até o sangue nas mãos de Ari virou pó. Ela limpou as mãos em suas calças e se levantou.

— Nós a cansamos — ela me disse. — Ela não aguentará mais nada por muito tempo, não sem toda a sua concentração. E não vale a pena se não estiver funcionando, se não estiver nos torturando. — Ela lançou um outro olhar para o teto com esse comentário, assim que uma mulher apareceu na porta.

A mãe de Ari. Elas não eram tão parecidas mas eu podia ver os traços de Ari nos estreitos olhos cinzentos e na inclinação do nariz

da mulher. Os cantos de sua boca eram fundos quando se curvaram em uma carranca.

— Você tinha que ir e estragar tudo — disse ela, apontando um dedo para Ari. — Nós estávamos bem. Bem.

Os dedos de Ari se apertaram contra o tampo da mesa. Ela deu um passo para trás.

— Não, não estávamos.

— Você nunca estava satisfeita com como as coisas eram. Sempre tinha que fazer tudo ser referente a você. Como se qualquer homem fosse capaz de olhar para um negócio magricela como você e realmente sentisse desejo.

— Cala a boca.

— Francis ainda estaria vivo. Eu ainda teria Trevor. Nossa vida estava entrando nos eixos, mas você destruiu tudo. Se você ao menos tivesse mantido essa sua boca estúpida fechada...

— Falei mesmo, sua vagabunda! — gritou Ari.

A mãe congelou, como se mesmo essa construção de memórias de Ari não tivesse uma resposta para isso. Eu estava disposto a apostar que Ari nunca tinha gritado assim com a verdadeira, por mais que sua mãe claramente merecesse. A hesitação daquele momento me deu uma abertura, no entanto.

Eu levantei minha mão, uma onda de calor correndo por mim.

— Posso incendiá-la?

A mandíbula de Ari se apertou, mas seus lábios se curvaram em um sorriso sombrio. Ela assentiu com um movimento curto de cabeça.

Estalei meus dedos e um jato de fogo disparou do chão para engolir essa ilusão de sua mãe.

Como o homem do andar de cima, a construção desmoronou antes mesmo de começar a queimar. Não é uma vingança das mais satisfatórias.

Ari caiu contra a mesa mas seus ombros permaneceram tensos. Seu olhar permaneceu na porta. Preparado para o surgimento de algum novo horror.

O momento se estendeu. Nada mais apareceu. Muninn deve ter resolvido ir torturar os outros deuses, deduzi. Ou então ela estava

ainda mais cansada do que Ari havia sugerido — cansada demais para fazer mais do que manter essas paredes no lugar.

— Você não deveria ter que vivenciar isso de novo — eu disse no silêncio. — Muninn merece ter a cabeça enfiada na bunda e puxada para fora pelo pescoço por ter feito você passar por isso.

Os lábios de Ari se contraíram com minha sugestão criativa. Ela se afastou da mesa.

— Por que você está aqui?

— Estou tentando cuidar de você, por mais que você queira dificultar essa tarefa para mim.

Seu olhar estalou para encontrar o meu.

— Quem foi que disse que preciso de ser cuidada?

— Acredito que todos nós precisamos de cuidado nesse lugar pervertido, não acha? — eu inclinei minha cabeça. — Não importa o que pensa de mim, fadinha. Você é *minha* valquíria. Fui eu quem arrastou você para essa bagunça, que acabou sendo uma bagunça bem maior do que eu esperava, infelizmente. Então, mesmo que você tenha decidido me odiar, eu ainda estarei aqui para queimar quaisquer idiotas que precisem ser queimados — balancei meus dedos no ar.

Ela soltou a respiração.

— Sim. Eles precisavam disso.

Sua cabeça abaixou novamente. Engoli em seco mas a curiosidade subiu pela minha garganta de todo jeito. Era um dos meus defeitos mais adoráveis.

— Ela realmente te culpou, não foi? Sua mãe? Muninn não inventou isso.

— A minha mãe... vive em uma realidade onde nada importa, exceto que nada é culpa dela — Ari levantou um ombro e o deixou cair em um encolher sem entusiasmo. — De certa forma, ela estava certa. Se eu não estivesse aqui, se tivesse sido melhor em esconder, Francis não teria morrido. Trevor não teria ido para a cadeia. Todo mundo teria sido mais feliz.

Meu maxilar se contraiu em outro surto de raiva.

— Todo mundo menos você.

— Bem, na cabeça dela, eu não conto. Eu realmente não conto, sabe? Dois anos e foi progressivamente piorando mas ele sempre dizia que, se eu dissesse alguma coisa, eu seria a única a ter problemas. Eu sabia em quem minha mãe iria acreditar. Eu sabia que Francis não poderia fazer qualquer coisa sem acabar na linha de fogo também... — sua voz vacilou.

— Não é sua culpa — eu disse bruscamente. — Não se atreva a assumir uma partícula da culpa que aquele pedaço de merda humano deveria carregar.

Sua cabeça se ergueu novamente, seus olhos assustados. Será que realmente a surpreendeu que eu estivesse com raiva? Eu não sabia cada detalhe do que aquele bastardo tinha feito mas eu já tinha visto o suficiente naquela cena e em cada reação que Ari tinha quando alguém se aproximava dela...

— Eu poderia queimá-lo de verdade, sabe — eu disse abruptamente. — Quando estivermos fora daqui. Um caso inexplicável de combustão espontânea. Realmente seria um final mais gentil do que ele merece. — Mas muito, muito gratificante.

O olhar de Ari permaneceu em meu rosto por vários segundos.

— Não — ela disse finalmente. — Eu não acho que isso realmente melhoraria as coisas. — Ela desviou o olhar, apoiada contra a borda da mesa. — Se eu tivesse lutado, gritado, feito um escândalo ou encontrado alguma outra maneira de mostrar a ele que ele não poderia se safar... mas a questão é que ele podia. Ele provavelmente me avaliou e sabia que eu seria muito fraca.

Ela parecia tão derrotada naquele momento que o ódio queimava em minha veia com o dobro da força.

— Você não era *fraca* — declarei. — Você era uma criança em uma situação horrível. Tentando proteger você e seu irmão, como sempre. Guardando tudo para você para que ninguém mais tivesse que se machucar. Você era tão forte que, mesmo quando a pior coisa possível aconteceu, você superou e seguiu em frente. Você não deixou aquela mulher desprezível te esmagar. Você não deixou o passado te quebrar.

— Mas talvez eu tenha — rebateu Ari. Seu aperto na mesa aumentou. — Você não sabe... faz dez anos desde a última vez que

vi aquele idiota e ainda não consegui tirá-lo da minha cabeça. Não consigo relaxar completamente com ninguém. Não posso confiar completamente em ninguém. Sem compromissos, sem risco de me prender ao cara errado porque parece que seria tão fácil cair em uma armadilha assim de novo.

— Dez anos não é muito tempo depois de um trauma como esse — eu disse. O peso amargo que eu carregava sob minha raiva torceu em concordância. Séculos e séculos e às vezes acho que não é o suficiente.

Ela balançou a cabeça.

— Você não tem a ideia... Você foi a primeira pessoa com quem eu fiquei de quem eu sabia que não poderia me afastar na manhã seguinte. A primeira pessoa em dez anos que eu não estava com um pé atrás. E eu lutei contra. Eu não queria correr esse risco, porque sabia que não iria querer ir embora.

Meu coração apertou. E então ela acabou presa aqui comigo, descobrindo o quão errado eu poderia ser. Ela confiou em mim...

— Então porque você resolveu me dar uma chance? — questionei com um fio de voz.

Seus ombros subiam e desciam. Ela olhou para mim de lado.

— Eu senti que você entendeu. Você entendeu e isso não o impediu de me querer.

— Ainda quero — confidenciei, mesmo que não fosse estar o topo da minha lista de tarefas no momento. Eu ficaria feliz simplesmente por ela receber meu abraço, por me deixar carregar um pouco do fardo que ela carregava há muito tempo. — Eu vi tudo isso, ouvi tudo o que você disse e ainda acho que você é um dos seres humanos mais fortes que já conheci, Ari. Eu nem poderia ficar surpresa se muitos deuses não aguentassem o que você passou.

As bordas da sala brilharam. Fiquei imóvel, observando com o canto de olho. As construções de Muninn estavam se tornando ainda mais frágeis. Talvez não demorasse muito para que pudéssemos destruí-las completamente.

— Eu não *entendo* — disse Ari, virando-se para mim. — Como você pôde ter feito isso com Baldur? Com *Hod*? Você fez os dois

passarem por tanta merda, você assassinou Baldur e fez Hod sentir que era o assassino...

Meu estômago se apertou em uma bola. Eu mantive minha voz calma.

— Eu nunca menti para você. Eu disse que era um vilão. Tenho certeza de que os outros já te contaram muitas outras histórias. Sou o que sou, Ari.

Seu olhar não vacilou.

— Se você é um vilão então por que está se esforçando tanto para me ajudar? Eu tenho dificuldade em acreditar que é apenas para entrar nas minhas calças novamente.

— Ninguém nunca é tão preto no branco. Tenho permissão para meus melhores momentos.

— Então por que você não fez desse um dos seus melhores momentos? — ela exigiu. — Você teve uma escolha, não teve? Você estava realmente tão chateado com o jogo estúpido que pensou que assassinato era a resposta?

Apesar das minhas intenções, eu me irritei.

— Foi muito mais complicado do que isso. Você viu um fragmento da história. Eu tinha meus motivos.

— Então diga a eles, em vez de todo esse lixo de “eu sou o que sou”!

Meu estômago apertou mais forte.

— Essa é a verdade — eu rebati.

— É mesmo? — ela disse. — Ou é só mais fácil evitar responder à pergunta e simplesmente afirmar que é um cara ruim e lavar as mãos de todo o resto?

A acusação atingiu mais fundo do que ela poderia ter percebido. Eu consegui conter minha reação. Se ela soubesse, se ela tivesse alguma ideia...

Mas não era assim que ela estava discutindo comigo sobre sua suposta fraqueza?

As paredes ao nosso redor vacilaram, mais obviamente dessa vez. Os olhos de Ari se arregalaram. Ela se empurrou para fora da mesa, dando um passo em direção aos armários. Então com um pulo, ela se jogou para frente dando um soco com o punho fechado.

Os armários, o balcão, a parede desabaram na escuridão. Ari soltou um grito de vitória. Ela estava apenas girando em minha direção quando uma rajada de vento explodiu entre nós e a jogou direto naquele vazio.

## 22.

### *Aria*

Senhor, me ajude, eu estou tão cansada de ser jogada de um lado para o outro. Enquanto girava na escuridão, concentrei toda aquela frustração em minhas memórias de uma voz doce mas rouca e um bater de asas escuras. Onde estava Muninn? Onde ela estava, para que eu pudesse socá-la em sua cara de corvo? Ela pensou que me mostrar toda essa história iria me cansar? Isso só me deixou ainda mais ansiosa para derrubá-la, uma pena de cada vez, se fosse preciso. Estávamos quase lá. Eu *sabia* que sua força estava diminuindo.

Minhas asas bateram e se inclinaram. A escuridão mudou ao meu redor e eu estava de volta à gaiola em que tinha visto Odin.

O Pai de Todos estava caindo contra as barras de ferro, a cabeça inclinada para o lado e o chapéu caído. Sua presença reverberou através de mim. O anel de fogo continuou lambendo a base da jaula. Um brilho suave avermelhado se infiltrou sobre a rocha ao redor — uma caverna. Era uma caverna em algum lugar.

Eu girei. Uma parede de líquido espesso fluiu pelo que eu imaginei ser a entrada da caverna, emanando uma luz incandescente como o riacho onde eu o vi ser emboscado.

Tipo... magma? Eles o estavam mantendo em um *vulcão*? Depois de tudo que eu tinha visto nas últimas semanas, não parecia ser impossível.

A voz de Muninn veio das profundezas da caverna.

— Você nunca pensou que eu fosse capaz de algo assim, né? Você nunca pensou muito em mim, exceto no que eu poderia trazer para você. Você ao menos se perguntou onde eu estava, todo esse tempo? Você assumiu que esse lugar tinha me matado, não que isso claramente importasse muito para você?

— Eu sabia onde você estava, Muninn — respondeu Odin, sua voz baixa e rouca. — Você não parecia querer ser perturbada então deixei como estava.

Isso soou como uma resposta gentil o suficiente, mas a inspiração afiada de Muninn, de alguma forma, a deixou mais irritada.

— Eu tinha uma vida — disse ela. — Uma vida que eu poderia ter tido por todo esse tempo antes. Eu costumava achar...

— O quê? — Odin disse depois de um momento, movendo-se contra as barras. — O que você achou, minha corvo?

— Eu não sou *sua* — ela cuspiu.

Eu me afastei deles, longe da gaiola, em direção à queda de magma. Havia uma pequena lacuna entre o jorro e a rocha. Se essa fosse a entrada, se eu pudesse ver mais daqui, talvez eu tivesse uma ideia melhor de onde poderíamos encontrar Odin... supondo que poderíamos voltar a procurá-lo em algum momento do futuro. E ele ainda estivesse aqui.

Meu pé raspou o chão de pedra áspero. Uma maldição ecoou na minha cabeça de algum outro lugar. Então uma força atingiu meu rosto com tanta violência que tive que fechar os olhos e levantar as mãos para me proteger.

Eu tropecei para trás mas girei o corpo, não querendo acidentalmente dar um mergulho naquela cachoeira de fogo. O chão irregular sumiu abaixo de mim.

Essa próxima viagem não foi nada mais do que uma breve guinada. Larguei minhas mãos e me encontrei de volta ao pátio da frente de Asgard, agachada nos ladrilhos de mármore onde chegamos. Pela inclinação da luz do sol e pelo azul profundo do céu claro acima, era noite. O mesmo tempo que teria sido se nunca tivéssemos saído desse lugar? Eu não tinha uma noção clara de quanto tempo havia passado na prisão de Muninn, viajando por todos aqueles anos de memórias.

Uma brisa passou por mim com apenas uma sugestão de calafrio. Eu me aprumei. O suave gorjeio da cascata de água da fonte central era o único som. Nada e ninguém mais se movia na vasta cidade dos deuses, em qualquer lugar que eu pudesse ver.

Eu me abracei, oscilando em meus pés. Muninn estava apenas esperando para lançar algum novo horror em mim? Claro, se ela quisesse *me horrorizar*, não teria me mandado para um lugar do qual eu não tinha lembranças. Sempre que eu voltei para alguma versão de Asgard antes, foi para me juntar a um dos deuses em uma repetição dolorosa do passado deles. Ela estava tão exausta que nem se deu ao trabalho de inventar uma nova tortura para mim?

Onde estavam os outros deuses então? Devo explorar as redondezas? Ou tentar forçar meu caminho até onde quer que eles estejam?

Eu tinha acabado de decidir explorar alguns dos prédios próximos quando o ar estremeceu. Com um grunhido, Thor veio rolando para o pátio além da fonte como se viesse do nada.

O ombro dele bateu no ladrilho, e ele mal conseguiu proteger a cabeça com a parte de trás do braço. Mjolnir bateu contra os azulejos ao lado dele. Um som doloroso escapou do deus do trovão quando ele rolou de costas. Corri para ele, meu coração batendo mais rápido quando vi como ele cambaleou um pouco se levantando.

Um lado de sua camisa estava manchado de sangue. *Seu* sangue, tinha que ser, porque todo o resto tinha se transformado naquelas manchas de poeira que marcavam minhas roupas também.

— Ari! — ele disse com aquele sorriso largo, mesmo quando ele apertou a própria mão contra a sua ferida.

Minha respiração sibilou através dos meus dentes.

— Sente-se novamente — eu disse, agarrando seu outro braço. — O que diabos aconteceu com você? Para onde ela te mandou?

Não é como se ele tivesse me ouvido, mas ele acabou se sentando na borda de pedra da fonte, a água ondulando com o impacto do seu corpo musculoso. Ele olhou para sua camisa ensanguentada e fez uma careta.

— Melhor — eu disse. — *Deite-se.*

— Eu estou bem — ele respondeu teimoso.

— Você está prestes a encher a fonte com o seu sangue — rebati. — De todo jeito, não há nada perigoso aqui, pelo menos não

ainda. E quando algo aparecer, tenho a sensação de que você conseguirá resolver o problema se não estiver ignorando uma ferida mortal.

Thor franziu a testa, flexionando os ombros. Minha garganta apertou.

— Por favor? — supliquei.

Essa única junção de palavras suavizou sua expressão. Ele suspirou mas se deitou na borda. Olhei por cima dele, e percebi que de jeito algum eu alcançaria a água me inclinando então pulei direto para dentro da água.

Thor estremeceu quando joguei um pouco de água em seu lado para lavar a ferida.

— Consegue tirar sua camisa sem piorar? — perguntei.

Ele ergueu uma sobrancelha para mim.

— Você me quer sem camisa.

— Para que eu possa tentar fazer um curativo em você! — eu disse, dando-lhe um olhar firme.

Ele riu e torceu a camiseta justa do outro lado. Com um puxão rápido de seu braço musculoso, o tecido se rasgou da bainha à manga

Eu o ajudei a tirar o que sobrou da camisa, tomando cuidado com a ferida que, eu podia ver agora, era um arranhão largo mas raso em suas costelas inferiores. O sangramento parecia estar diminuindo. Eu amarrei os trapos da camisa o melhor que pude e envolvi em torno do seu torso, deixando a parte mais grossa sobre o arranhão.

Thor se deitou quando terminei. Sentei-me na borda da fonte ao lado de sua cabeça e espremi o máximo de água que pude da minha calça.

— Foram batalhas — Thor disse, respondendo minha pergunta anterior sobre onde ele estivera. — Batalhas, batalhas e mais batalhas. Eu não sabia que tinha tão pouca variedade na minha vida, mas parecia que era tudo o que a Corvo conseguia inventar das minhas memórias.

— E uma dessas batalhas levou a melhor sobre você?

— Não exatamente. — Ele fez uma pausa. — Eu me cansei de todos os golpes e espancamentos. Pensei que talvez eu pudesse tentar uma estratégia diferente. Por que não? Ela estava mudando as memórias ao meu redor. Quem poderia dizer o que eu não poderia fazer? Então tentei interromper a batalha para ter uma discussão calma sobre por que, exatamente, estávamos lutando. Porque, vou te dizer uma coisa, nessa hora, eu já não fazia ideia.

Eu cutuquei seu martelo, que ele havia colocado no chão ao seu lado, com o meu dedo do pé.

— Thor, o Trovão, deu uma chance à diplomacia. Não era o que ela provavelmente estava esperando. E?

Ele fez uma careta.

— Eles nem pararam de correr até mim. Eu esperei para ver se talvez, se eu não lutasse de volta, isso poderia mudar alguma coisa, mas... — ele apontou para o seu lado. — foi pedir muito da diplomacia...

— Bem, não é realmente a sua área, né?

Ele ficou em silêncio por um longo momento dessa vez.

— Eu preferiria que fosse. Mas acho que é isso que eu sou.

O comentário ecoou a desculpa de Loki tão de perto que tive que conter um estremecimento. Mas Thor havia me dito antes o quão desconfortável ele se sentia ao perceber o quanto de sua vida tinha sido feita de violência. Ele parecia pensar que eu o veria como algum tipo de besta por causa disso.

Deixei meus dedos roçarem seu cabelo ruivo escuro, deslocando os fios que se soltaram de seu rabo de cavalo curto.

— Isso é exatamente o que ela quer que você pense — comentei. — Eu gostaria de *vê-la* dar uma chance à diplomacia.

Ele rugiu em concordância.

— Eu deveria estar pensando em minhas últimas palavras?

— Não, acho que você vai sobreviver. Só parecia pior do que a realidade.

— Ah. Bem, nesse caso...

Ele se endireitou, ignorando meu grito de protesto. Com um movimento de braço, ele me puxou para um abraço. E beijou minha têmpora.

— Estou feliz que você esteja bem, Ari. Fiquei pensando... você está *bem*, não está?

Pensei em todos os horrores pelos quais tinha passado nas últimas horas, tanto os meus quanto os dos outros, e meu estômago deu um nó. Mas Thor não tinha participado de nenhuma daquela agonia. Foi um alívio encostar minha cabeça em seu peito nu, absorver o calor de seu corpo e dizer:

— Sim. Sim, estou.

Eu não queria me mexer. Queria ficar ali com a mão dele acariciando minhas costas para cima e para baixo por um bom tempo. Eu também estava cansada. O cheiro dele, como hidromel quente e picante, brincou ao meu redor. Sem pensar, eu me vi pressionando um beijo na protuberância de seu peitoral logo abaixo de sua clavícula para que eu também pudesse sentir seu gosto.

Os dedos de Thor se moveram contra minhas costas.

— Ari — Ele disse em uma voz baixa e faminta. Até que um baque soou atrás de nós.

Eu pulei, Thor se levantando quase com a mesma rapidez. Freya estava apenas se endireitando de onde tinha caído perto da borda do pátio. Seus cabelos dourados estavam em desordem mas, de alguma forma, ela os alisou perfeitamente no lugar com um movimento rápido de mãos.

— Bem, — disse ela, com um leve estremeamento. — Isso foi... algo.

Baldur emergiu do ar a vários metros dela, conseguindo pousar de pé. Seu rosto jovem parecia cansado mas menos dolorido do que quando o encontrei na escuridão. Eu esperava que Muninn não tivesse encontrado nada pior para atormentá-lo.

Seu olhar arrebatador pegou meu curativo apressado ao redor do lado de Thor em um instante. Ele caminhou em direção ao irmão.

— Você está ferido.

O deus do trovão o dispensou.

— Ari já cuidou. Vou sobreviver.

— Eu poderia muito bem fazer o que puder enquanto temos um momento — os olhos azuis brilhantes de Baldur dispararam para mim por um momento, me olhando de cima a baixo como se

confirmasse que eu não tinha sofrido nenhuma nova surra desde a última vez que ele tinha me visto.

— Estou bem — eu disse rapidamente. — Cuide dele.

Quando Thor começou a resmungar algo sobre não precisar ser cuidado e Baldur se ajoelhou ao lado dele, o ar começou a vibrar novamente. Mais duas figuras surgiram em extremidades opostas do pátio quase simultaneamente: Hod e Loki.

Hod se segurou com um joelho e uma mão nos ladrilhos e levantou, convocando sua bengala sombria com um movimento de sua mão.

— Está tudo bem — eu disse a ele. — Até agora está tudo tranquilo por aqui.

Seus ombros relaxaram ao som da minha voz.

— Eu tentei te pegar quando você caiu — ele começou.

— Eu sei — eu disse antes que ele pudesse tentar se desculpar. — Ela tinha mais alguns truques na manga.

Loki caminhou em nossa direção, observando o pátio com seu olhar âmbar e uma curiosa inclinação de cabeça.

— Eu me pergunto que tipo de truques ela tem reservado para nós aqui. Todos nós seis, de volta onde começamos. Uma escolha interessante. Quem chegou aqui primeiro?

— Fui eu — respondi. — E então Thor. Mas não tem tanto tempo assim. Talvez meia hora? — Se eu pudesse confiar no meu censo de tempo — eu acho que ela ficou sem memórias horríveis para nos jogar. Esse negócio de ficar nos jogando de um lado para o outro realmente a cansou.

— Nós não desmoronamos tão facilmente quanto ela esperava — Hod disse severamente.

— E é mais fácil nos manter contidos se estivermos no mesmo lugar? — sugeriu Freya.

— Deve ser o que ela espera — Loki disse com um sorriso malicioso. — Eu sou a favor de despontá-la mais uma vez. Ari, você ainda parece ser a chave para quebrar essas construções dela.

Ele fez um gesto de aceno e eu enrijei automaticamente. Sua expressão escureceu, apenas por um segundo.

Hod deu um passo em minha direção.

— Você não pode dar ordens a ela. — disse ele. — E eu não tenho certeza se confiaria em qualquer plano que você tenha, de toda forma.

Loki soltou a respiração em um bufo.

— Ah, pera lá. Nós realmente precisamos agir como se o passado tivesse acabado de acontecer? Nós coexistimos pacificamente por eras antes disso. Preciso listar todas as situações impossíveis das quais lidamos antes?

— Não — Hod disse. — Eu deixei o que aconteceu para lá com o intuito de manter a paz por tempo demais. Estamos todos pensando nisso, então eu vou dizer. Assim que sairmos daqui, não importa como, você não será mais bem vindo para permanecer com o resto de nós.

A mandíbula de Loki tremeu mas ele manteve seu tom superficial.

— Dificilmente acho que você poderia tomar essa decisão por toda a festa. Declarou-se a voz do grupo, já que não pode ser os olhos, não é?

— Loki — disse Baldur, sua voz melódica mas firme. Ele deixou Thor, virando-se para encarar o trapaceiro. — Acho que você já fez o bastante.

Meu pulso disparou. Isso estava começando a parecer mais do que apenas as pecuinhas de antes.

— Espere — eu disse. — Nada disso importa a menos que saíamos desse lugar. Nós saímos e aí... e aí qualquer coisa que vocês precisem decidir, será decidido — brigar uns com os outros só serviria como mais munição para Muninn.

Hod deu de ombros.

— Eu já falei por mim.

— Então tá então — Loki disse com um gesto de desdém de sua mão. — Como se vocês dois não tivessem sobrado pra gente para início de conversa, porque ninguém mais poderia suportar estar em torno de uma constante severidade e de perpétuo torpor. Thor e eu teremos que nos aventurar novamente.

Ele lançou um olhar esperançoso para o deus do trovão. Thor mudou o pé de apoio.

— Quando chegarmos em casa, acho que ficarei feliz em continuar festejando e bebendo por um bom tempo.

— Acho que você terá que aproveitar essas aventuras por conta própria. — Hod disse. — Só não os traga de volta aqui.

— *Aqui?* — Loki respondeu em tom afiado. — Você quer dizer que essa prisão na qual estamos presos, que aparentemente todos vocês esqueceram, exceto Ari, é claro?

— Qualquer lugar — Hod rebateu.

— Tá bom, *tempo* — pedi, entrando no meio deles com meus braços estendidos. — É isso que Muninn quer. Temos que trabalhar juntos, tentar nos entender; é olhando o passado de diferentes maneiras que começamos a derrubar a prisão dela. Podemos chegar a um consenso.

Uma chama havia acendido nos olhos de Loki. Isso queimou através de sua voz.

— Não acho que possamos. Então vocês vão me expulsar finalmente, depois de todas as eras, por conta de algo que aconteceu há mais de um milênio? Suponho que essa seja a justiça asgardiana.

— Um ato que deixou os dois mortos — Freya pontuou timidamente.

— Você acha que *gostei* desse fato? Você acha que fiquei feliz com o resultado?

— Aparentemente sim — Hod respondeu.

— Aparentemente... você não pode nem *ver*. Você nem estava aqui para saber — Loki jogou as mãos para cima.

— Talvez seja melhor você ir agora — Baldur disse suavemente. — Quando quebrarmos a prisão, todos vamos sair, de qualquer jeito.

Um tremor percorreu o corpo do trapaceiro, tão forte que quase esperei que ele explodisse em chamas. Seus olhos se estreitaram.

— *Não* — ele se virou, apontando o dedo para um e depois para o outro. — Não. Cansei. Vamos dar uma olhada real no passado e ver o quão diferente é da imagem pintada para você. Eu guardei os segredos daquele bastardo para benefício dele e *seu* por tempo demais. Ragnarok deveria ser o fim. Eu não aguento mais

esse maldito papel. Mas vocês não conseguem evitar me colocar de volta nessa caixa. Então beleza. Vou o ser o vilão mais uma vez.

— Loki — Thor disse cautelosamente — sobre o que está falando agora?

— Você vai ver. Ou ouvir, como quiser. — Loki lançou um olhar ardente na direção de Hod. Ele apontou para o céu. — Brinque comigo, Corvinha. Você queria que Odin caísse? Deixe-o cair ainda mais longe. Vamos até a torre. Vamos fazer isso essa noite. Você pode ver a memória. Não é suculenta o bastante pare você?

Por alguns segundos, nada aconteceu. Meu coração batia forte no meu peito. Eu estava abrindo minha boca para tentar contornar a bagunça que fizemos nessa reunião quando os corredores viraram ao nosso redor. As telhas se ergueram, nos jogando para o céu.

## 23.

### *Aria*

Minhas asas saíram de minhas costas. Segurei a mão de Thor, o mais próximo dos deuses. Então paredes de pedra se ergueram ao redor de nós seis.

Paramos com um solavanco sobre um tapete de tecido em uma sala cilíndrica. O teto erguia-se até um pico acima, entrecruzado de vigas e sombras. As janelas corriam em círculos ao redor da sala. Uma poltrona de madeira alta que parecia ter brotado do chão estava no centro. Não havia outros móveis, exceto algumas mesinhas e estantes sob as janelas redondas. Uma brisa fria da noite passou por nós, carregando um cheiro como o de uma tempestade que se aproximava.

Relâmpagos estalaram no céu lá fora, seguidos por um estrondo distante de trovão. Os cabelos de minha nuca se arrepiaram. Não gostei nada dessa sensação.

Thor apertou minha mão. Baldur deu um passo em direção à cadeira. Ele a observou de cima, os olhos arregalados.

— Essa é a torre do meu pai — elucidou ele. — A cadeira alta do Pai de Todos. Eu nunca tinha visto.

— Porque ele nunca convida ninguém para subir — declarou Hod, do meu outro lado. — Ninguém entra na torre, exceto Odin.

Thor se inclinou para perto de mim.

— Dessa cadeira, através daquelas janelas, dizem que ele pode ver qualquer lugar nos nove reinos — ele murmurou.

— Ele nunca convidou você — Loki disse a Hod, aquele calor ardente ainda queimando em seus olhos, crepitando em sua voz como o relâmpago lá fora. — Ninguém põe os pés nessa sala, exceto o Pai de Todos... e seu colaborador mais próximo.

— E é você? — Freya cruzou os braços sobre o peito, parecendo cética.

— Você realmente acha que Odin trouxe um dos Jotuns traiçoeiros para Asgard, jurou um vínculo de sangue comigo, apenas por diversão? Certamente você o conhece bem mais que isso.

— Por que estamos aqui? — disse Thor. — O que é tão importante que precisamos ver?

Loki se virou.

— Vocês querem manter o Pai de Todos em um pedestal? Você quer ficar horrorizado com as coisas que fiz? Tudo, tudo era para ele — Loki cuspiu a última palavra.

As sobrancelhas de Freya se juntaram.

— O que, em nome de Hela, você está falando?

— Deixe que ele te diga!

Loki jogou o braço em direção a uma figura que tinha acabado de sair das sombras. Odin tirou o chapéu de abas largas da cabeça e o colocou em cima de uma das estantes baixas. Ele passou a mão pelos cabelos castanhos grisalhos.

Não era o verdadeiro Pai de Todos. Mesmo que eu não soubesse que ele não poderia estar aqui, que Muninn nunca o deixaria sair de sua jaula só para isso, minha natureza valquíria não respondeu à presença dessa forma com o mesmo puxão de reconhecimento.

Não, este deve ser o Odin das memórias de Loki.

E ninguém além de Loki esteve aqui nessas memórias. Odin acenou para o trapaceiro como se esperasse encontrá-lo na sala, seu olhar deslizando sobre o resto de nós.

— Irmão de juramento — ele disse em sua voz baixa e rouca. — É bom te ver.

A atenção de Loki mudou completamente para o Pai de Todos. Ele se apoiou em um braço da grande cadeira.

— É isso? — ele disse. — Você não parecia tão satisfeito comigo quando nos encontramos pela última vez lá embaixo — ele gesticulou em direção à cidade além das janelas da torre.

— Você sabe como é — disse Odin. — Precisamos de um senso de ordem.

— Enquanto você está incentivando o caos na surdina.

— Espere um instantinho... — Thor rosnou dando um passo à frente e Loki ergueu a mão para detê-lo. Ele estava encenando a conversa do passado, deduzi, mas este ainda era o seu eu presente, totalmente consciente de nós quanto de Odin.

— Você queria respostas — ele retrucou para o deus do trovão.  
— Assista e veja por si mesmo.

Eu puxei o braço de Thor, embora uma dor nervosa estivesse se formando ao redor do meu estômago.

— Acho que precisamos ver isso — murmurei.

Thor recuou ao meu lado, sua boca apertada. Do meu outro lado, Hod estava rígido. Seu olhar cego mirava o chão mas eu podia dizer que cada partícula de sua atenção estava focada na cena à nossa frente. Perto do outro lado da cadeira, Baldur e Freya estavam em silêncio e tensos.

A construção do Pai de Todos estava sacudindo a poeira de sua capa.

— Não é o caos que pedi a você — disse ele. — Mexa com emoções. Desperte paixão. Faça as chamas crepitarem.

Loki revirou os olhos para Odin.

— Você e sua maldita poesia. Um desejo apaixonado de cortarem minha cabeça é o que está sendo despertado.

Odin fez uma pausa e virou-se totalmente para o trapaceiro.

— Você está descontente com sua situação? — ele perguntou.  
— Quando nos conhecemos, quando te ofereci um lugar aqui em Asgard, você lembra do juramento que fez.

— Eu jurei minha lealdade a você com o meu sangue — disse Loki. Ele passou o polegar pela palma delgada. — Você não me disse o quanto essa lealdade exigiria.

— Eu não solicitei nada de você até agora, não é mesmo? — O Pai de Todos arqueou uma sobrancelha grossa. — Você teve passe livre pelo reino dos deuses. Você começou a fazer seus jogos e a trabalhar seus truques.

— Enquanto quase todos os deuses e deusas ainda me tratam como se eu fosse um clandestino malvado no meio deles.

— E é exatamente por isso que você é a pessoa certa para esse papel.

As mãos de Loki se apertaram ao lado do corpo, os nós dos dedos ficando ainda mais pálidos do que o resto de sua pele.

— Eles já me odeiam então por que não os deixar me odiar mais? Que lógica brilhante, ó, rei dos deuses.

— Você até pode zombar da lógica, mas ela faz sentido — Odin o olhou de cima a baixo. — Você não parece se importar de extravasar essa hostilidade quando a situação exige. Percebo ela agora em você.

Uma rouquidão surgiu na voz de Loki.

— Mas eu me importo. Eu me importo porque preciso estar com raiva. Se eu encontrar maneiras de me divertir um pouco no monte de esterco que você me deu...

— Loki — Pela primeira vez, todo o poder de Odin ecoou por suas palavras. Mesmo agora, mesmo diante de apenas uma lembrança, o trapaceiro se encolheu. A dor no meu intestino cavou mais fundo.

O Pai de Todos endireitou-se ainda mais alto, aparecendo ao lado de sua cadeira.

— Eu pedi isso de você, como o juramento de um irmão para o outro. Você acha que isso também não me dói? Mas o que deve ser feito... deve ser feito. Eu *preciso* de você. Achei que podia contar com você. Estava errado?

Loki molhou os lábios.

— Não — ele disse, mais quieto agora. — Você não estava. Eu simplesmente não entendo. Por que tudo isso tem que acontecer?

— Eu li os sinais. Senti os presságios. Desvendi as profecias emaranhadas nas Nornas. Esta era vai se esgotar, gostemos ou não. Tudo o que podemos fazer é terminar bem. Uma pausa limpa. O reino purificado no fogo. Eu sei que você tem o espírito para liderar esse ataque, não é, trapaceiro? — Um brilho nefasto perpassou o olho do Pai de Todos. — Eles precisam de um vilão. Quem melhor eu poderia pedir para sê-lo?

Um calafrio percorreu minhas costas. Freya cobriu a boca com um ruído de choque. A mão de Thor se fechou em torno da minha

com tanta força que quase doeu.

— E se eu não quiser fazer esse papel? — disse Loki.

— Então nossa queda será um tanto mais dolorosa. É isso que você prefere? — O olhar de Odin não vacilou.

— Eu nunca quis nada disso! — Loki gritou, empurrando-se para fora da cadeira. — Não há realmente uma escolha, há? Ou eu sou o vilão por meus atos ou sou o vilão por trair meu juramento a você. De qualquer forma, o mundo desmorona e é tudo culpa minha. Enquanto você fica aí com esse seu maldito sorriso presunçoso...

Odin nem se mexeu com o discurso. Eu suspeitava que o Loki naquela época não tinha sido tão contundente. Diante daquela alma inabalável, a raiva do trapaceiro se esvaiu. Ele parecia subitamente derrotado de uma forma que eu nunca tinha visto antes. A visão rasgou meu coração.

— Você vai seguir com o plano? — questionou Odin.

Loki passou a mão pelo rosto.

— Você vê tudo, né? — ele disse. — Passado, presente e futuro da boca das Nornas, de seus fragmentos de profecias... de alguma forma, acho que você já sabia que eu seguiria.

— Bom — Odin colocou a mão no ombro de Loki. — Todos em Asgard vão te agradecer no final.

Ele pegou o chapéu e desapareceu de volta nas sombras. Loki levantou a cabeça para ver o Pai de Todos ir embora.

— Engraçado — disse ele. — Esse fim em particular está demorando muito para chegar.

Eu não aguentava mais ficar parada observando. Puxei minha mão da de Thor e corri pela sala até Loki. Ele se virou ao som dos meus pés, esperança e apreensão ambos alternando em sua expressão, como se ele pensasse que eu poderia fugir dele novamente no último segundo. Meus pulmões se contraíram. Eu deslizei meus braços ao redor dele, inclinando minha cabeça contra seu peito magro.

— Desculpe.

— Pelo que, fadinha? — Loki disse em seu tom leve costumeiro. — Por acreditar em mim quando te pedi? Para tirar as conclusões pretendidas a partir das informações que você tinha?

Não vejo nenhum crime nisso — mas sua mão tremia um pouco enquanto acariciava meu cabelo. Tive a sensação de que o confronto havia tirado mais dele do que ele estava disposto a mostrar.

— Loki — Hod disse, sua voz áspera e então não parecia saber como continuar.

— Eu realmente não me permiti me perguntar por que ele ficou tão perto de você, depois de tudo — disse Baldur. — Eu nunca... nunca teria pensado que ele iria querer...

— Eu não acho que ele queria nada disso — declarou Loki. — Ele apenas viu isso como o menor de dois males. Felizmente para ele, ele tinha alguém para libertar esses males e desviar a culpa.

— Quando eu puder falar com meu pai de verdade... — Thor disse rispidamente e Loki assentiu.

Freya fez um som assustado.

— As paredes — ela murmurou.

Eu olhei para cima. Ao fazer isso, à janela na minha frente estremeceu. Uma lufada daquele cheiro cinza entrou junto com a escuridão tingida de vermelho. O mundo real além da construção.

Todos os deuses podiam ver. Eles se viraram para ele quando eu saí de perto de Loki. Mas antes que eu chegássemos na brecha, ela desvaneceu.

Thor bateu seu martelo contra a parede. As pedras aguentaram. Ele franziu a testa.

— Ainda estamos presos, como sempre.

Outro ponto na parede se abriu brevemente diante dos meus olhos.

— Não — eu disse. — Não estamos. Ela pode nos trancar em um só lugar mas sua prisão ainda está desmoronando. Ela está exausta e continuamos mudando nossas memórias e... se pudéssemos desgastá-las um pouco mais... estamos quase no limite. Aposto que agora ela não consegue fazer nada além de manter esse quarto no lugar, do contrário já teria nos separado.

— No que está pensando, Ari? — perguntou Hod.

— Não sei. Estamos cada vez mais perto de mexermos em nossos passados. Mas eu não...

Hesitei. Havia outro elemento nisso. Eu tinha visto. Muninn não tinha desaparecido com o chão do quarto de Hod depois que ficamos juntos. A onda de emoção deve abalar suas construções também. Assim como a ilusão fragmentou quando beijei Thor, também quando as coisas começaram a esquentar com o Baldur. Por que nos concentrou nas sensações do aqui e agora completamente? Porque esses sentimentos atormentavam a mente de Muninn de alguma forma? Pensei na cena que presenciei, ela enroscada contra o moribundo.

Houve pessoas com quem ela se importara. Um homem que ela amava.

Mas no final não importava muito os motivos. Só importava que funcionasse. Meu coração acelerou.

Nós passamos por tanta coisa juntos. Eu não devia ter medo disso. Eu conhecia todos os homens, todos os *deuses*, dessa sala. Eu sabia que eles nunca tomariam nada, apenas o que eu lhes desse livremente. Então, por que o passado pairava sobre mim como uma maldita bigorna?

Eu arrastei uma respiração. Todos nós tínhamos essas ideias estúpidas sobre quem éramos, o que podíamos ou não fazer, pensando sobre nós, não é? Eu tinha ouvido de todos ao meu redor nessa sala. Lembrando disso, uma ideia acendeu como uma chama dentro de mim. Uma chama que enviou uma onda de calor sobre a minha pele e uma pulsação de desejo pela minha barriga.

— Eu preciso de vocês — informei, olhando para cada um dos deuses por sua vez. — Eu preciso de todos vocês.

O calor dentro de mim carregava minhas palavras. Freya deu uma tossida leve.

— Eu vou sair do seu caminho então.

Loki sorriu enquanto ela deslizava para o lado mais escuro da sala, atrás da cadeira. Ele se aproximou de mim. Baldur e Thor se juntaram a ele em um semicírculo ao meu redor, me observando com curiosa antecipação. Apenas Hod ficou para trás, mas só um pouco, sua cabeça inclinada como se estivesse esperando para ver onde eu queria chegar com isso.

Mesmo que eu já estivesse comprometida com esse plano em minha mente, eu tive que engolir em seco antes de falar para ter certeza de que minha voz não tremia.

— Nós não somos o que todos pensávamos que éramos, certo? E podemos mostrar o quanto isso é verdade.

— O que você tem em mente, fadinha? — Loki perguntou em um murmuro fluido.

Eu hesitei mas apenas por um segundo. O segundo necessário para eu perceber que sabia exatamente por onde começar. Agarrei a mão de Baldur e dei-lhe um pequeno puxão para se aproximar ainda mais, segurando seu brilhante olhar azul para que ele visse o quanto eu quis dizer isso.

— Baldur pode ser malicioso.

O desejo brilhou nos olhos do deus da luz. Ele se inclinou para reivindicar minha boca tão rapidamente que mal tive tempo de respirar. Sua língua separou meus lábios em um instante, sua mão chegando ao meu peito para beliscar meu mamilo através de minhas roupas. Eu engasguei contra sua boca enquanto me arqueava para ele. Querendo, implorando a cada movimento por mais.

Ele roçou os dentes na lateral do meu pescoço, oferecendo arrepios de prazer a cada beliscada e eu travei os olhos com o meu trapaceiro.

— Loki pode ser generoso — murmurei.

Um sorriso esticou em seu rosto.

— Quando você quiser, minha querida Ari.

Enquanto Baldur puxava minha camisa para um melhor acesso aos meus seios, Loki se ajoelhou diante de mim. O deus da luz avançou para o meu outro mamilo e Loki beijou a pele sensível logo abaixo do meu umbigo. Ele permaneceu lá, abrindo o botão da minha calça. Um súbito lampejo de pânico passou por mim mas eu o afastei. Fechei os olhos quando ele deslizou meu jeans e calcinha para baixo.

Seus lábios traçaram um caminho abrasador pela minha coxa e depois subindo novamente. No momento em que ele alcançou o ápice das minhas pernas, eu não tinha nada além de desejo em

mim. Ele trouxe sua boca direto para meu centro, deslizando sua língua sobre meu clitóris e eu gemi.

Ainda não era o suficiente. Olhei para Thor através da minha névoa de desejo. Seus olhos castanhos normalmente quentes estavam em chamas enquanto ele olhava para mim. Uma das minhas mãos estava enroscada na camisa de Baldur. A outra, eu estendi para o deus do trovão.

— Thor pode ser gentil.

Ele deixou cair o martelo no chão e me alcançou em um passo rápido. Mas quando ele descansou a mão na minha cintura e trouxe seus lábios aos meus, havia apenas ternura em seu toque. Eu me perdi em seu toque, nas carícias de Baldur em meus seios, na boca quente de Loki contra meu centro. Êxtase ondulou de mim de todas as direções.

Quando Thor levantou a cabeça para beijar minha bochecha, minha têmpora, meu olhar encontrou Hod. E de repente eu não tinha certeza do que dizer.

Como se tivesse percebido meu dilema, Hod sorriu um pouco ironicamente.

— Hod pode testemunhar — disse ele. — Sem amargura.

Uma sensação de injustiça se instalou em meu peito. Então Baldur chupou o bico do meu seio, dando leves mordidas, e Loki mergulhou um dedo sob o deslizar de sua língua, de forma a entrar em mim, enquanto as mãos grandes mas cuidadosas de Thor acariciavam meu corpo com um pequeno lampejo de eletricidade. Naquele instante, eu tremi com nada além de alegria.

— E eu não sou uma vítima — eu disse, agarrando o cabelo sedoso de Loki, me apoiando no corpo sólido de Thor. — Não mais. Eu pego quem eu quiser.

E eu queria todos eles. Ah, porra, queria sim. Pela primeira vez, o pensamento encheu minha mente sem um pinga de vergonha ou medo. Eu me entreguei a isso, ao que viria a seguir.

## 24.

### *Thor*

Ari gemeu enquanto se balançava em nosso abraço. Eu peguei sua boca, mantendo meu beijo suave mas seguro. Seu gosto doce e ardente encheu meus sentidos. A sensação de sua pele nua contra meu peito nu embaçou minha mente com uma névoa de luxúria, quase tão potente quanto minha raiva nas batalhas. Relâmpagos fizeram cócegas em minhas veias, ansiosos para soltar faíscas em meus dedos.

Mas eu poderia controlar meus impulsos mais grosseiros. Eu *poderia* ser o amante gentil que ela havia pedido a mim. Baldur provocou um grito de satisfação dela com um aperto em seu seio e eu extraí um gemido logo depois, enquanto roçava meu polegar sobre o outro. Quando minha boca explorou logo abaixo de sua orelha, ela inclinou a cabeça para o lado, oferecendo melhor acesso à toda a extensão de seu pescoço. Confiando em mim implicitamente. Meu coração aqueceu com aquele presente.

Eu pude ouvir as lambidas de Loki abrindo mais as coxas dela. Ari engasgou enquanto ele a tratava com as mãos e a boca. Seu corpo começou a tremer contra o meu. Eu a segurei, apoiando-a, bebendo os arrepios ansiosos com a pressão dos meus lábios contra a curva de seu ombro. Ela arqueou para trás com um aperto de músculos por todo o corpo. Uma mão agarrou meu braço. Eu senti a onda de prazer que percorreu todo o corpo dela.

O trapaceiro beijou o lado de sua perna e se endireitou com um sorriso malicioso.

— E eu não peço nada em troca. — disse ele.

Ele parecia pronto para se afastar, mas Ari fez um som descontente e agarrou a frente de sua camisa. Ela o puxou para ela, em um beijo.

Já compartilhei mulheres com o Loki no passado, durante nossas viagens, mas nunca por nada mais do que uma rapidinha. Ari era mais do que isso — para todos nós. Mas nem mesmo um lampejo de ciúme subiu no meu peito. Todos nós nos unimos para trazê-la para nossas vidas e agora ela era parte de nós, assim como nós éramos parte dela. Estávamos unidos de alguma maneira estranha, tanto na batalha quanto no desejo. Observar Loki segurar seu rosto e beijá-la de volta só me fez desejar ter contribuído mais para o prazer dela dessa vez.

Talvez eu pudesse. Quando Ari soltou o trapaceiro, ela se virou para mim e me puxou para um beijo também. Sua mão percorria meu peito, queimando em todos os lugares que tocava. Minha ereção pulsava ainda mais forte em minhas calças. Droga, essa mulher era mais intoxicante do que qualquer hidromel.

A mão da valquíria deslizou até a cintura da minha calça. Prendi a respiração quando ela passou os dedos sobre minha virilha.

— Acho que ainda não terminamos — ela murmurou e me beijou novamente.

Quando minha boca derreteu contra a dela, ela desabotoou meu cinto. Não consegui me impedir de gemer. Com um puxão, ela baixou minha calça até meus joelhos. Gentil. Ela queria gentil. Deveria ter sido um desafio mas, em vez disso, o pensamento enviou um arrepio de euforia através de mim. Eu poderia ser o homem que ela precisava, mesmo nisso.

Baldur passou os braços pela cintura de Ari, por trás.

— Aqui — ele disse, com um sorriso que parecia malicioso e a colocou no braço da cadeira alta de Odin. A altura perfeita para o corpo dela se alinhar ao meu.

Ari sorriu e envolveu os dedos ao redor do meu pau duro. A fome inundou meu corpo. Beijei-a com ternura, mas com toda o desejo que habitava em mim, acariciando seus seios, aproximando seus quadris um pouco mais dos meus. Suavemente. Suavemente. Cada movimento suave, cada segundo estendido enquanto eu cuidava dela, só fazia o calor do desejo dentro de mim queimar mais forte. Nossas línguas emaranhadas, a mais fraca faísca de eletricidade saltando entre nós, e ela choramingou.

Ela estava certa. Isso era uma parte de mim também: esse homem apaixonado mas firme, que a fazia tremer de tesão com apenas um toque de dedos. Agora, era o único homem que eu queria ser.

Baldur ajoelhou-se no banco atrás dela. Ele mordiscou seu ombro enquanto segurava sua bunda e Ari engasgou em minha boca. Seu corpo se inclinou para frente. Ela me puxou para si, sua mão ainda apertada em volta do meu comprimento, acariciando a cabeça do meu pau.

Seu corpo era tão pequeno que tive um momento de preocupação sobre se eu poderia dar a ela o que ela estava pedindo sem qualquer dor, mas sua umidade escorregava sobre mim, suas dobras quentes e prontas, e céus, não havia melhor felicidade do que isso.

Eu coloquei uma mão em seus quadris e deixei a outra cair na protuberância sensível em seu centro. Meu polegar brincou sobre ele com outra faísca suave, ganhando dela um gemido.

Ela arqueou para mim e eu afundei nela apenas a cabeça. Seu calor escorregadio se fechou ao meu redor. Eu gemi em seu cabelo.

— Mais — ela disse, segurando meus ombros. Deixei escapar uma risada áspera e desloquei meus quadris. Centímetro por centímetro em uma tortura prazerosa, eu deslizei mais fundo dentro dela. Então eu tirei meu pau só para mergulhar nela novamente. Ari engasgou, me agarrando com mais força.

Eu encontrei um ritmo, lentamente aumentando a velocidade, penetrando-a um pouco mais fundo com cada impulso. Ari se abriu para mim. Suas pernas envolveram minhas coxas e sua boca encontrou a minha novamente, nossos beijos irregulares, quebrados por sons de prazer que não conseguíamos conter.

Eu estava dando a ela esse prazer. Eu a estava deixando ainda mais em êxtase com cada movimento mensurado dos meus quadris. Afundei nela até o fim e ela deu um grito que era puro prazer.

— Da próxima vez vou ficar com a ferocidade — ela murmurou contra meu ombro. — Eu quero cada pedacinho de você.

As palavras enviaram um tremor vertiginoso através de mim. Eu empurrei mais rápido, bebendo seu cheiro, me perdendo na

sensação dela e Ari veio ao meu redor com um grito mais agudo. O aperto de seu corpo em volta do meu pau roubou o último do meu controle. Minhas bolas apertaram e eu liberei meu próprio êxtase em um jorro de calor crepitante.

Quando o orgasmo me atingiu como uma onda, as paredes ao nosso redor caíram. A construção da cadeira se desintegrou no ar. Eu segurei Ari contra meu corpo enquanto caíamos, batendo um braço para desviar o impacto. Nós nos separamos com um suspiro compartilhado.

— Ora, ora ora — disse Loki, agitado. — O que temos aqui?

As paredes escuras e irregulares de uma imensa caverna se erguiam ao nosso redor. Apenas uma tênue luz pulsante brilhava sobre nós em manchas vermelhas brilhantes no teto bem acima. Tudo parecia ser uma estrutura sólida natural, exceto pela parede à minha direita, onde pedras se amontoavam umas contra as outras como se um deslizamento de terra tivesse coberto a entrada.

Ari procurou suas roupas. Seu rosto ainda estava ruborizado mas agora seu olhos brilhavam com determinação ao invés de desejo.

— Nós fizemos isso — declarou ela. — Nós rompemos a ilusão.

Eu levantei minhas calças e apertei meu cinto com um puxão. Mjolnir estava perto dos meus pés como se eu o tivesse colocado ali e não na sala que apareceu como torre de Odin. Agarrei-o com um balanço preparatório.

— O que é esse lugar?

— Sinto cheiro de cinzas — Hod disse, sua cabeça inclinada. — E enxofre.

— A partir disso e da aparência do lugar, eu diria que nos encontramos em Muspelheim — Loki acenou para Ari. — O reino do fogo. Não existem muitos seres que conseguem viver por aqui, e certamente não gostaríamos de encontrar os que conseguem.

— Esse é o lugar que eu vi quando me deparei com fragmentos de algumas das memórias de Muninn — disse a valquíria. Ela estendeu as asas das costas com uma rajada de vento. As penas branco-prateadas brilhavam nitidamente na luz avermelhada. Sua mandíbula se apertou. — Odin estava aqui então e ele ainda está

por aqui. Eu posso senti-lo. Por ali. — Ela apontou para a parede do deslizamento de rochas.

Freya brandiu sua espada.

— Vamos antes que Muninn e quem mais esteja ao seu lado perceba que escapamos.

O pensamento do meu pai trouxe de volta a conversa que Loki nos mostrara na torre de Odin. A maneira como o Pai de Todos falou com o trapaceiro... será que ele realmente *queria* que Loki fizesse todas as coisas que fizera? Para derrubar toda Asgard? E não apenas queria como forçou Loki a manter o papel, apesar de seus protestos.

A cena parecia verdadeira e sua veracidade deixou uma sensação nauseante em meu estômago. Mas não iríamos encontrar respostas até que tivéssemos o verdadeiro Odin conosco novamente. Não importa o que ele fizera no passado, Muninn e os elfos sombrios precisavam cair agora por seus muitos crimes.

Agarrei o cabo do meu martelo com força.

— Eu posso limpar o caminho.

Investi contra a parede, o chão estremecendo sob meus pés, e lancei o Mjolnir com toda a minha força. O martelo bateu na massa rochosa e a atravessou. Pedacos de pedra choveram no chão da caverna e mais daquela luz avermelhada fluiu pelo buraco, chamando-nos.

Mjolnir voou de volta para minha mão. Eu o peguei novamente, quebrando mais escombros em pedrinhas — as mais altas caíram e se espatifaram no chão. Com um último arremesso, abri um caminho claro através da avalanche.

Corremos para frente, Ari e Freya com suas lâminas prontas, as sombras de Hod serpenteando ao seu redor. Nós seis irrompemos em uma planície rochosa com vista para um rio espesso de magma. Uma montanha se erguia do outro lado, bloqueando a maior parte de nossa visão. O calor subiu, criando uma camada de suor em minha pele, dessa vez por razões muito menos prazerosas. Meus músculos ficaram tensos enquanto eu examinava a paisagem.

— Você ainda consegue sentir Odin? — Baldur perguntou a Ari.

Ela se virou lentamente, suas asas batendo como se estivesse testando o ar. Sua testa se franziu.

— Em algum lugar por aqui. — disse ela, apontando para a montanha com uma carranca. — Eu vi... ele estava em uma caverna, atrás de uma cachoeira de magma. Se conseguirmos encontrar...

Loki já estava saltando no ar. Ele caminhou em direção ao céu com passos rápido que cobriram uma vasta extensão em um instante. Eu estava envergonhado ao descobrir que mesmo agora, depois de tudo que ele nos mostrou, a suspeita espetou meu intestino — que ele poderia estar fugindo para salvar sua própria pele, nos abandonando.

Se aquela cena fosse verdade, então ele nunca esteve realmente contra nós. Ele nos deixou odiá-lo para nos poupar da dor. E eu nem tinha pensado nessa possibilidade. Teria que ser um amigo melhor agora.

Bem acima de nós, os olhos do trapaceiro se estreitaram com um flash. Ele deslizou de volta para baixo, a toda velocidade.

— Eu vejo o lugar — ele chamou. — Logo depois daquele cume. Estamos prontos para lutar?

Freya brandiu sua espada.

— Mais do que nunca.

Hod já estava reunindo suas sombras em um plano sob seus pés. Ao lado dele, Baldur reluzia com sua magia brilhante. Ari esticou as asas em antecipação.

— O que quer que eles tenham preparado para nós, não pode ser pior do que o que já vencemos — disse ela. — Nós vamos chegar até ele dessa vez.

Todas as batalhas que eu tinha travado na prisão de Muninn me deixaram quebrado mas uma onda de euforia me percorreu. Meus dedos se apertaram ao redor do punho do Mjolnir. Eu tinha inimigos reais para lutar aqui. Inimigos reais para *destruir* em nosso caminho até o Pai de Todos. Nós o levaríamos para a casa dessa vez.

Por apenas um segundo, enquanto a fúria da batalha escorria pelos meus pensamentos, uma parte de mim hesitou. Um lampejo

daquela vergonha mais distante me tocou. Meu olhar deslizou para Ari.

Ela sorriu para mim, seus olhos tão ferozes e brilhantes quando a resolução dentro de mim. Nem um pingo de medo ou julgamento neles.

— Acho que está na hora de extravasar essa raiva — disse ela.

Um tipo diferente de prazer percorreu meus nervos. Sim. Eu podia ser gentil mas também era um guerreiro. E eu nunca estivera mais feliz com esse fato. Muninn e os outros iriam se arrepender da dor que causaram em mim e aos meus.

Com um grito de guerra, saltei para frente, deixando o poder da minha fúria me conduzir no ar atrás de Loki.

## 25.

### *Aria*

O vento quente bateu em minhas asas enquanto eu me impulsionava pelo ar. Quem sabia quanto tempo tínhamos, que outros truques Muninn e seus aliados poderiam ter planejado? O fedor de enxofre encheu meu nariz mas mantive minhas asas fortes e uniformes. O chão rochoso passou por baixo de mim, mas a montanha escura e pontiaguda à nossa frente ainda parecia muito distante.

— Há alguma coisa que eu precise saber sobre Muspelheim? — chamei os deuses ao meu redor. Apesar de todos os meus poderes de valquíria, eu seria o elo mais fraco nessa luta e estava chegando despreparada demais. Eu não queria cometer um erro que nos ferrasse.

— Não há muito além do que você consegue ver — disse Loki, diminuindo o ritmo para ficar do meu lado. O vento ondulava em seu cabelo. Ele poderia ter corrido todo o caminho até a gaiola de Odin em poucos minutos em seus sapatos aprimorados magicamente, eu suspeitava, mas tentar fazer o resgate sozinho provavelmente não era o mais sábio. — Terreno acidentado, não produz muito para o sustento. Lar de dragões rochosos e de aranhas de pedra e é isso. Não é um lugar que pensaríamos em vir procurar.

— Por que os elfos sombrios trouxeram Odin para cá?

— Para não o encontrarmos — sugeriu Freya. — Você já o rastreou até o reino deles. Eles sabiam que iríamos lá procurá-lo de novo.

— Todos os reinos estão conectados por portões aqui e ali — Hod disse atrás de mim. Ele estaria navegando pelos sons do resto de nossos corpos em voo. — Se eles tivessem um portão

conveniente, não teria sido necessário muito esforço para enviar uma força com ele.

— Eu odeio pensar no que eles devem ter feito com ele para que não pudesse escapar, mesmo quando tiveram que transferi-lo para uma nova prisão — disse Baldur.

Minhas lembranças de Odin, através das memórias de Muninn, passaram pela minha mente.

— Acho que estão com ele há muito tempo — eu disse. — Você disse que ele se foi outras duas vezes, né? Isso é, tipo, décadas? Quando o vi pelos olhos de Muninn... ele parecia bem abatido.

— O Pai de Todos pode suportar mais do que qualquer elfo poderia lidar — declarou Thor rispidamente, mas sua expressão se fechou com preocupação.

Muninn sabia como o Pai de Todos usou Loki, a destruição que ele encorajava pelas costas dos outros deuses? Ela deve saber, com todo o tempo que costumava passar ao lado de Odin. Mais uma razão para ela se ressentir dele. Não tinha certeza do quanto eu estava ansiosa para conhecer o cara pessoalmente, depois de tudo que eu tinha visto.

Mas precisávamos de Odin para nos tirar daqui e ir para a verdadeira Asgard. Isso era tudo que importava por agora.

— Por aqui — Loki chamou, desviando para a direita. Nós desviamos atrás dele, segundos antes de um jorro de fogo surgir do chão, perto o suficiente para que minha pele pinicasse com o calor.

Apertei meus dedos ao redor do cabo do meu canivete. Não era bem uma arma se comparada a espadas ou martelos encantados ou rajadas de magia, mas era minha. Continha todo o amor que Francis colocara naquele presente. Mesmo que eu não tivesse certeza de que poderia enfrentar um dragão rochoso, seja lá o que isso fosse, com ele, às vezes era útil para direcionar meus raios esporádicos.

Outro rio de magma corria pela encosta da montanha pela mesma passagem que eu imaginei que passaríamos voando. O formigamento de calor penetrou até os meus ossos. Aquele era o mesmo lugar onde eu tinha visto Odin sendo emboscado.

Definitivamente tinha sido em algum lugar aqui, no brilho vermelho de Muspelheim, não nas cavernas mais apertadas e sombrias de Nidavellir. Muninn o trouxe *aqui* para que seus inimigos caíssem sobre ele. Então transportá-lo para cá não tinha sido apenas uma última tentativa de escondê-lo. Eles tinham algum tipo de ligação com esse lugar também.

— Devemos voar bem acima desse abismo — eu gritei para o vento, apontando. — Não acho que queiramos nos encontrar encurralados.

Loki assentiu sem hesitar. À medida que todos saímos do chão, Baldur parou ao meu lado. Ele parecia estar voando em um feixe de luz. O que possivelmente ele estava. Ele estendeu a mão para mim e a peguei, entrelaçando meus dedos com os dele por alguns momentos antes que eu tivesse que soltá-la para manter meu voo firme.

— Percebi que deveria dizer obrigado — disse ele, apenas alto o suficiente para que eu, e não os outros, ouvisse. — Antes de enfrentarmos o que está nos esperando lá.

Olhei para ele, assustada.

— Agradecer por que?

Ele sorriu de volta para mim — o sorriso brilhante e suave que eu estava acostumada, não o ligeiramente malicioso que eu aprendi a provocar. Não parecia tão sonhador quanto antes, notei com um pouco de alívio. Muninn poderia tê-lo torturado com as lembranças de sua morte, mas ele parecia ter saído mais forte. Mais capaz de enfrentar a realidade à sua frente sem fugir das sombras.

— Você me ajudou a encontrar pedaços de mim que eu nem sabia que estavam lá — disse ele. — Talvez eu tenha um pouco de escuridão em mim também. Isso é interessante de saber.

— Mais útil para mim do que você até agora — eu não pude deixar de responder. A memória do nosso encontro na torre de Odin me inundou de calor. Eu me entreguei ao prazer como nunca ousara antes... e agora me sentia ainda mais eu mesma. Havia pedaços de mim que mereciam mais tempo ao ar livre também, pedaços que eu *evitara* por muito tempo.

Um indício dessa malícia perpassou na expressão de Baldur.

— Espero que tenhamos muito tempo para explorar mais esse lado — desejou ele com um sorriso mais amplo.

Eu também. Ah, eu também.

— Ari, o que mais você viu nos fragmentos de memória que captou de Muninn? — Thor chamou. — O que nos aguarda?

— Eu não sei exatamente. Havia pedaços diferentes que eu acredito serem de épocas diferentes. — Eu não poderia nem afirmar que eles eram todos de uma ou duas semanas desde que os elfos sombrios e quem mais está envolvido moveram Odin para cá das cavernas élficas, ou se ele estava preso aqui quando eles o capturaram também. — Ele estava preso em uma gaiola de aparência pesada naquela caverna atrás do fluxo de magma. Quando eu o vi lá, ele estava sozinho ou era apenas Muninn lá com ele. É possível que eles pensem que ele está escondido bem o suficiente para não se incomodarem em protegê-lo.

Naquele momento, Loki subiu um pouco mais de onde estava nos liderando. Seus olhos mais potentes do que de qualquer humano se estreitaram.

— Não mais — disse ele. — Aí está o seu fluxo de magma, e há um exército esperando por nós ao redor dele.

Eu tomei um impulso para alcançá-lo, para poder enxergar o que ele estava enxergando. Além da passagem mais estreita ao lado da montanha, a paisagem se abria em uma extensão de planícies e riachos vermelho-sangue. Um penhasco estava mais para trás à nossa direita, magma derramando em uma enxurrada agitada por sua superfície. Desaguava no rio que estávamos seguindo na base do penhasco.

A princípio, o chão ao redor daquele rio parecia como se uma sombra espessa estivesse espalhada por ele. Então a sombra se contraiu. Concentrei minha própria visão aprimorada o mais intensamente que pude e captei a agitação de formas humanas.

— Nós podemos voar sobre eles — sugeriu Thor.

— Mas não sobre aquele dragão — Freya apontou com sua espada.

Uma enorme fera estava desenrolando seu corpo na beira do penhasco. Até que se movesse, eu teria pensado que era apenas

parte da rocha. Suas escamas de pedra se moviam sobre seu corpo musculoso, um brilho avermelhado aparecendo ao longo das costuras. Outro voou à vista, vindo em nossa direção com bater de asas tão poderosos que fizeram o ar gorjear. Mais dois se juntaram a ele quando o que estava no penhasco se ergueu no ar também. O mais próximo abriu sua boca com um esgar de chamas que pude sentir mesmo à distância.

Um arrepio percorreu minhas costas. Eu não podia lutar contra essas coisas.

Thor já estava correndo para desafiá-los. Ele balançou seu braço musculoso, enviando seu martelo pelo ar que acertou o dragão mais próximo no crânio. A criatura se encolheu, mas se impulsionou para frente, mais rápido, com um rugido — direto para uma densa sombra que Hod havia convocado. Da escuridão saíram tentáculos que se contorceram ao redor do dragão, prendendo suas asas em seu corpo, apertando suas mandíbulas. Ele despencou do céu direto para o rio derretido abaixo.

Os outros três mergulharam em nossa direção. Freya e sua espada cortaram o ar com uma linha mágica murmurada. Baldur lançou um raio de luz em unísono. Sua força conjurada e sua magia brilhante atingiram o segundo dragão ao mesmo tempo, abrindo sua barriga. Thor terminou o trabalho com um golpe de seu martelo bem entre os olhos.

Loki deu um grito, disparando sob um golpe das garras de outro dragão.

— O fogo não prejudica essas criaturas — disse ele. — Se alguém pudesse me dar uma mãozinha...

Hod lançou uma bola de sombra em sua direção. Thor girou com seu martelo. E o quarto dragão veio de baixo, direto para Freya.

Ela se virou mas eu acho que não foi rápido o suficiente. Sem pensar, me joguei para frente, atacando com meu canivete.

A lâmina resvalou na lateral do monstro mas a pata afiada do dragão bateu em mim, me fazendo girar no ar. A dor atingiu meu lado mas eu distraí o monstro o suficiente para que Freya se

esquivasse. Thor enfiou seu martelo no peito do dragão e Baldur lançou mais um raio de luz no outro.

As duas bestas chicotearam entre nós, o rabo de um cortando o peito de Loki, as mandíbulas do outro raspando no ombro de Hod enquanto ele saía do caminho. *Não*. Eu me virei e os deuses se lançaram em posição de luta.

Por um instante, todos nós nos movemos ao mesmo tempo em direção ao mesmo objetivo, uma estranha sensação de poder zumbiu através de mim, como se eu pudesse sentir as sombras de Hod, a luz de Baldur, o fogo de Loki e a força brutal de Thor atravessando meu corpo e de volta para eles.

Eu esfreguei meu braço na esperança de que o relampado inconstante pudesse provir da minha mão. Não aconteceu mas quando os deuses atacaram também, a magia explodiu no ar ao nosso redor. A luz combinada com o fogo chicoteou o rosto de um dragão. Mjolnir perfurou a barriga do outro dragão com a ajuda de fluxo de sombras capaz de atravessar as escamas da criatura. Um raio de escuridão flamejante queimou a boca da criatura, sufocando no mesmo instante que começou a cair. Uma bola de luz atingiu a mandíbula do primeiro dragão com a força de um martelo, partindo sua cabeça ao meio.

Todos nós paramos um pouco atordoados, enquanto os dragões despencavam para a morte.

— O quê, em nome de Hela, acabou de acontecer lá? — Thor exigiu saber.

Loki recuperou a compostura com uma risada sem fôlego.

— Eu não tenho ideia, mas estou pensando que a hora de resolver isso é *depois* de finalizar a batalha, não antes.

O exército ao redor do penhasco parecia um enxame saindo direto na rocha. Sacudi o zumbido ainda formigando em meus membros com uma urgência renovada.

— Deve haver cavernas lá embaixo levando até o local onde Odin está preso — eu disse. — Eles vão pegá-lo — e fazer sabe-se o que mais com ele. Matá-lo, se puderem, antes de chegarmos lá? Arrastá-lo para outro lugar para que tivéssemos que passar por tudo isso de novo tentando localizá-lo?

Thor se lançou para frente com um rugido que poderia rivalizar com o dos dragões. Ele reverberou pelo ar enquanto corríamos atrás dele. Descemos sobre a paisagem em direção à lacuna entre o magma em queda e a fenda que agora eu podia ver atrás dele. A vibração da minha conexão com Odin ondulava através de mim. Ele ainda estava lá — por enquanto.

Formas alongadas negras serpenteavam pela face do penhasco. Quando chegamos mais perto, percebi criaturas como aranhas enormes que saltaram da rocha em nossa direção enquanto voávamos em direção à caverna.

Um ganido escapou de mim quando uma me pegou, suas pernas articuladas apertando minhas asas como uma prensa. Dei uma cotovelada e enfiei meu canivete no enorme olho facetado que olhava fixamente para mim. Líquido preto assobiou para fora da ferida, mas suas pernas não se moveram. Eu estava caindo, rápido demais em direção ao chão de pedra rachado.

Um raio de chamas explodiu a criatura de cima de mim. Loki pegou minha mão, me puxando para cima quando voltei a sentir minhas asas.

— Não se esquive desse, fadinha — disse ele, em sua cadência provocante. — Vamos.

Corremos atrás dos outros pela abertura, para dentro da caverna. A batalha já estava sendo travada. O Mjolnir cintilou na nebulosa luz vermelha e os raios da luz invocada por Baldur resvalaram nas paredes irregulares. Eu peguei um brilho nas barras manchadas de uma gaiola — a gaiola de Odin — nas profundezas da caverna. Uma horda de elfos sombrios e outras figuras em armaduras fuliginosas obstruíram o espaço entre nós e o Pai de Todos.

Mas era ele, o verdadeiro. Sua presença ecoou através de mim, me impulsionando para frente com ainda mais força.

Bati no chão com os dois pés e golpeei com minha faca. As sombras dentro de mim, aquelas que poderiam tirar vidas com o poder que Hod me dera, agitaram-se avidamente cercadas por tantos inimigos vivos, respirando com vislumbres reais de vida, não

as construções vazias que eu tive que enfrentar na prisão de Muninn.

Eu torci minha mão na cabeça de um guerreiro e bati no peito de outro, arrebatando a energia que os sustentava como a valquíria que eu era. Em outra época, teria sido meu dever decidir quem vivia e quem caía e qual dos caídos ascenderia ao grande salão de Valhalla.

Todos esses idiotas poderiam simplesmente esquecer ascender.

Enquanto eu abria caminho pela multidão, aquele zumbido estranho ressoou através de mim novamente. As ondas de magia ao meu redor oscilaram e colidiram. Luz, sombra e fogo ricochetearam um no outro com o dobro de sua força original, atravessando a horda.

Eu avistei o rosto intrigado de Thor na briga, contorcendo-se de fúria um segundo depois. O Mjólnir atravessou a multidão, fervendo com uma luz ardente enquanto derrubava todas as figuras em seu caminho.

Um grito rouco soou em algum lugar nas profundezas da caverna.

— Recuar! A ordem é recuar! Deixe-o! Vamos resolver isso outro dia.

A horda se afastou de nós. Uma vibração de movimento chamou minha atenção. Uma forma negra passou voando pelo teto da caverna. Por um breve momento, o olhar da Corvo encontrou o meu. Então Muninn estava fugindo com o resto do exército.

Eu voei atrás deles mas no momento em que cheguei à gaiola, minhas asas vacilaram. Algo em meu peito estremeceu e então parou ao ver a forma curvada de Odin.

Sua mão disparou para agarrar uma das barras. Ele levantou a cabeça, apenas o suficiente para o brilho de seu único olho aparecer através da sombra da gaiola.

— Valquíria — ele murmurou, a voz penetrante.

— É ele — engasguei, incapaz de desviar meu olhar dele. — É realmente Odin. — Eu sabia disso até o último fio do meu cabelo.

— Pai — Thor disse com uma voz rouca de horror. Ele bateu Mjólnir nas barras da jaula. Eles balançaram e racharam. Com outro

puxão, ele abriu a gaiola.

— Bem — Loki disse cansado, mas aliviado, enquanto Freya se abaixava para jogar os braços ao redor do marido — devo dizer que já tive o bastante de tudo isso. O que acha de nós realmente irmos para casa dessa vez?

## 26.

### *Aria*

Acordei sentindo como se estivesse dormindo há dias. Nos primeiros minutos, não consegui me obrigar a me mexer. O colchão macio em que eu estava deitada, o cobertor fofo sob o qual eu estava deitada, eram muito confortáveis. Meus músculos doíam, mas era aquela dor gostosa depois de um exercício intenso, não a dor aguda de novos machucados. Eu meio que gostei da sensação.

Minhas lembranças da curta última viagem de Muspelheim eram nebulosas. Nós ajudamos Odin a sair daquela jaula, voamos com ele até o topo do penhasco, e de lá ele conseguiu invocar uma ponte instável através das nuvens que se acumulavam no céu escuro. Quando eu percebi que realmente tínhamos terminado, que toda a luta havia acabado, mal conseguia manter meus olhos abertos. Eu tinha uma vaga lembrança de um braço em volta das minhas costas para suportar um pouco do meu peso, salões de pedra estranhamente familiares surgindo em torno de um pátio de mármore... e depois disso, branco.

Então onde diabos eu estava? Meu coração deu uma guinada. Afastei o cobertor e me sentei.

A cama ficava em um quarto simples, pequeno, mas com o teto alto. As paredes de blocos de pedra me disseram que provavelmente era um dos salões asgardianos. Um dos verdadeiros, que não sumiria sem aviso. O que parecia ser a luz do sol da manhã se derramava sobre o piso de pedra liso através de uma janela estreita. Uma cadeira acolchoada estava em um canto, e uma cômoda baixa de teca estava encostada na parede oposta. Nenhum som veio de fora da sala.

Respirei fundo e meus sentidos de valquíria aguçados captaram um leve cheiro de fumaça picante. Ah. Eu tinha certeza de qual

quarto de hóspedes estava.

Cautelosamente, deslizei para fora da cama e caminhei para o corredor. Um olhar para baixo ressoou com minhas memórias. Sim, esta era a casa de Hod.

Passsei por algumas portas até uma que estava apenas ligeiramente entreaberta. Abrindo-a, encontrei o que tinha que ser o quarto principal, duas vezes maior do que o que eu tinha deixado, com uma cama duas vezes maior também. Hod estava esparramado nela, o cobertor enrolado em sua cintura, seu peito magro e ombros nus. No sono, seu rosto estava suavizado. Era mais fácil ver a semelhança com seu gêmeo agora.

Eu hesitei mas a chama dentro de mim me empurrou para frente. Depois de tudo que acabei de passar, não queria ficar sentada sozinha em um de seus quartos pouco familiares esperando que ele acordasse.

Depois de tudo que passamos juntos, não achei que ele se importaria muito com a intrusão.

A porta rangeu levemente quando entrei, mas o deus das trevas não se mexeu. Subi na cama e me aconcheguei ao seu lado, inalando seu cheiro salgado de fumaça mais de perto agora.

O colchão se mexeu com o meu movimento e Hod acordou com um sobressalto, seu corpo tenso.

Merda.

— Ei, só sou eu — eu disse, meu rosto queimando. Esta não era as boas vindas matinais que eu estava imaginando.

Os ombros de Hod relaxaram.

— Minha cama extra não foi boa o suficiente para você, valquíria? — ele murmurou, ao mesmo tempo que se aproximava, passando o braço em volta da minha cintura para me puxar para ele, de conchinha. Eu sorri, me aninhando em seu calor. Assim era bem melhor.

— Desculpe — eu disse. — Não queria te assustar

— Não estou acostumado a ter outra pessoa em minha cama — Hod disse. Ele colocou o queixo sobre meu ombro, sua respiração fazendo cócegas no meu cabelo.

— Isso é algo que você gostaria de mudar? — murmurei sugestivamente e o senti sorrir.

Ele beijou o canto da minha mandíbula, aquele pequeno gesto enviando uma chama de calor através de mim.

— Acho que posso me acostumar com isso.

— Poderíamos tentar algumas vezes, só para testar.

— *Você gostaria?*

Fiz uma pausa, me divertindo com o quão confortável deitar aqui com ele era, como se eu me sentisse protegida contra ele.

— Sim. Acho que gostaria.

— Suponho que seus outros pretendentes possam não gostar de você ter favoritos — disse Hod.

Revirei os olhos.

— Eu não fiz nenhuma promessa sobre essa ser a única cama que eu compartilharia.

— Hum. Pelo que te conheço, você vai querer convidar eles para se juntarem a nós.

— É uma ideia brilhante! — declarei alegremente. — Há espaço para mais. Vou lá buscá-los.

— Não se atreva.

— Você vai me impedir?

Eu fiz como se me contorcesse para fora da cama, prendendo uma leve risadinha. Hod deu um rosnado baixo e me agarrou. Ele rolou em cima de mim, sua cabeça abaixando como se quisesse reivindicar um beijo, que era exatamente o que eu esperava, mas no segundo em que senti seu peso me pressionando, meu corpo ficou rígido.

Ele se afastou por um instante.

— Ari?

Senti meu coração acelerar, mas rapidamente voltou ao seu ritmo constante habitual. Eu respirei fundo.

— Eu estou bem. É só que... fiquei um pouco confiante demais. Acho que seria um pouco demais esperar que todas as reações ruins desaparecessem de uma hora para a outra — dei uma risadinha. — Parece que nós dois ainda temos bastante merda para superar.

— Hum — ele afundou de volta ao meu lado e acariciou as costas de seus dedos na lateral do meu rosto. Minha garganta apertou. Eu me aproximei dele novamente, me virando em sua direção dessa vez, e inclinei minha cabeça contra seu peito.

— Nós percorremos um longo caminho — disse ele depois de um momento. — Não foi?

— Sim, eu diria que sim.

— Então vamos continuar nos curando. Juntos. — Ele passou o polegar pela minha bochecha. — Sem lágrimas dessa vez. Esse é um passo definitivo na direção certa.

— Continue falando assim e elas serão inevitáveis — resmunguei.

Ele riu e inclinou meu queixo para cima. Dessa vez, quando ele se moveu para me beijar, nenhum impulso passou por mim, exceto o desejo de beijá-lo de volta.

O calor de sua boca irradiava por todo o meu corpo. Deixei-me demorar, trocando respirações e a carícia de nossos lábios, até que um calor mais agudo começou a se acumular na minha barriga. Deslizei minha mão pelo peito de Hod — e a sensação de uma convocação reverberou pela minha cabeça como se alguém tivesse gritado meu nome.

Sentei-me, tocando minha testa. A sensação voltou como um puxão insistente. Ela ecoou pelo meu peito até o lugar onde eu sentira a presença de Odin antes.

— Acho que Odin está me chamando — eu disse. Eu não tinha certeza se gostava dessa nova característica de ser uma valquíria: o Pai de Todos tendo uma linha direta com o meu cérebro.

Hod se endireitou ao meu lado com um suspiro.

— Então é melhor eu ir também. Ontem à noite ele não estava com disposição para repassar tudo o que aconteceu com ele. Talvez agora ele já esteja em condições de nos contar mais sobre quem o capturou e a motivação.

Eu apreciei a vista enquanto ele vestia as roupas, fazendo uma careta quando a chamada veio novamente.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse para Odin, que provavelmente não conseguiu ouvir minha resposta, de toda forma.

Hod liderou o caminho em Asgard, seus passos suaves e desprotegidos agora que ele podia confiar em sua casa para ficar como deveria. Quando nos aproximamos do enorme salão no outro extremo da cidade, aquele com uma torre mais alta se erguendo do telhado, a inquietação percorreu minhas entranhas. Eu poderia não ter conhecido o Pai de Todos decentemente ainda, mas eu tinha visto muito de Odin no último dia. E muito do que eu tinha visto não era legal.

— Tem que ser verdade, certo? — eu disse. — O que Loki nos mostrou. Odin *disse* a Loki para criar problemas, para lutar contra os deuses...

Hod ficou em silêncio por um momento.

— Meu pai sempre manteve os próprios conselheiros — disse ele. — E nunca compartilhou com os seus filhos. Mas eu sei que havia muita coisa que ele sabia que o atormentava; sempre me perguntei quanto tempo ele antecipou a chegada de Ragnarok. O que que ele tenha feito, o que quer que tenha pedido a Loki fazer, é porque ele achou que era o melhor para todos nós. Tenho certeza disso. Se eu concordo com ele que era o melhor...

Ele não conseguia terminar essa frase. Não me admiraria. Eu não podia imaginar o quanto ele estava lutando agora. Era sobre o *pai* dele que ele acabara de ter todas essas revelações.

Eu me peguei prendendo a respiração quando abrimos a porta da frente do corredor.

— Aqui — chamou a voz baixa e seca que era, de alguma forma, familiar, embora eu só a tivesse ouvido uma vez na realidade antes desse momento. Afinal, era a mesma voz baixa e seca que ordenara que Loki fosse seu vilão.

Odin estava sentado em uma cadeira alta e esculpida em uma sala que parecia uma versão em miniatura de Valhalla. Lanças e espadas decoravam as paredes. O quase trono era o único assento além de algumas almofadas nos cantos. Baldur e Freya estavam posicionados ao lado do Pai de Todos, Freya segurando a mão do marido e Baldur descansando os dedos no antebraço do pai.

Eles devem ter passado grande parte da noite cuidando do rei dos deuses, porque anos de fadiga e mágoa haviam se dissipado da

postura de Odin, de seu rosto. Ele sentou-se ereto, seus ombros largos quadrados e seu único olho brilhou com mais energia do que eu pensei que ele poderia ser capaz depois de vê-lo naquela jaula. A autoridade de sua presença encheu a sala. Um tremor que era mais apreensão do que antecipação fez cócegas nas minhas costas.

Loki e Thor estavam próximos. O deus do trovão me deu um sorriso e o trapaceiro me deu um aceno de cabeça e uma piscadela. Estávamos todos reunidos agora diante do Pai de Todos.

— Meu filho e minha inesperada valquíria — disse Odin em saudação. Ele se recostou na cadeira. — Eu queria todos vocês aqui enquanto falamos da batalha que está por vir.

Meu coração afundou, minhas preocupações com o deus na minha frente momentaneamente sumindo.

— Nós não vencemos a batalha? — questionei.

Mas enquanto as palavras saíam, eu me lembrava dos corpos humanos caídos nas cavernas dos elfos sombrios, os sinais de pessoas desaparecidas, a voz pedindo que o exército de ontem recuasse, prometendo lutar até o fim em outro dia. Os elfos sombrios estavam fazendo muito mais do que manter Odin em cativeiro. Eles sequestraram humanos e os mataram e quem sabe o que mais ou por quê.

Claro que não acabou. Havia tanto mal que ainda não havíamos enfrentado.

A boca de Odin se contraiu ligeiramente para cima.

— Ganhamos alguma coisa — declarou ele. — Sou grato pela minha liberdade. Eu gostaria de poder dizer que veio com paz. Mas Surt tem planos maiores que isso.

O nome não significava nada para mim mas os deuses ao meu redor endureceram, até mesmo Loki, que perguntou:

— O que aquele bastardo tem a ver com isso?

— Foi ele quem ordenou minha captura — disse Odin. — Com a ajuda da minha antiga corvo da memória, parece — ele esfregou a boca.

— Hmm... quem é Surt? — me aventurei.

— Um gigante que liderou um exército em Asgard e incendiou a cidade — Freya disse, sua voz tensa. — Ele matou meu irmão. Ele destruiu tudo.

— Mas não a cidade e nós voltamos — disse Odin, apertando a mão dela. — E Surt também. Eu o tranquei em Muspelheim por seu papel naquela revolta anos atrás. Parece que o ressentimento dele por mim e pelo resto de Asgard só cresceu desde então.

— Nós o paramos — Thor disse. — Nós te recuperamos. O que mais ele poderia fazer?

— Ah, há bastante coisa — O Pai de Todos exalou com um suspiro. — Surt vêm construindo seu novo exército há muito tempo. Ele se aliou aos elfos sombrios e reuniu os retardatários que chegaram à Muspelheim. Mas ele sabia que isso não era o suficiente para seu objetivo final. Então ele começou a convocar Draugs para seguir suas ordens.

Hod colocou a mão no meu ombro, segurando firme.

— Os mortos ressuscitaram — disse ele em tom assombrado.

Como aquela construção de Baldur se erguendo, cambaleando e apodrecendo. Um zumbi. *Draug*, eles se chamavam. Meu estômago revirou.

Os corpos que eu tinha visto nas cavernas — as pessoas que eles roubaram — tudo fez um sentido repentino e doentio. Eles estavam construindo um exército de mortos. De *humanos* mortos.

— E o que ele pretende fazer com essa horda de mortos-vivos? — Loki acenou em direção à porta. — Não há muito em Asgard para reivindicar, hoje em dia.

— Ele ficaria feliz em ver nossa casa arrancada de nós — respondeu Odin. — Mas esse não é seu único objetivo. Parece que o equilíbrio dos nove reinos mudou. Muitos deles tornaram-se instáveis. Todos, exceto Asgard, por conta de nosso poder... e Midgard, no centro de tudo. Ele planeja conquistar o reino da humanidade para os seus próprios propósitos também.

Essas palavras foram como uma lança de gelo me atravessando. Esse poderoso gigante queria conquistar Midgard. E o quê, incendiar minha antiga casa? Transformá-la em um terreno baldio como o reino que ele governava agora?

Petey estava lá, sem ninguém que soubesse de nada para protegê-lo...

Minhas mãos se apertaram. Cada um dos deuses ao meu redor olhou para mim como se pensassem a mesma coisa.

Eu não podia esperar que eles se preocupassem com aquelas terras tanto quanto eu, mas eu sabia, com um leve resquício de esperança sob as minhas entranhas, que eles lutariam com força total de qualquer maneira. Eles ficariam ao meu lado, os quatro amantes que estavam ligados a mim nesse estranho equilíbrio nosso.

Eu dei um passo à frente.

— Temos que detê-lo.

Odin baixou a cabeça.

— Sim. Concordo. É por isso que todos vocês estão aqui. Precisamos deixar nossa marca nessa guerra *agora*.

Ele realmente sorriu então: um sorriso lento e sombrio que curvou seus lábios em um ângulo torto e disparou um calafrio sobre minha pele.

Nós viemos juntos. Nós salvamos Odin. Mas quem era realmente mais perigoso: o gigante tramando no reino do fogo ou o deus que acabamos de resgatar dele?

**APAIXONADA PELOS DEUSES**, livro 3 da série **O  
Despertar da Valquíria**, chega no começo de 2023

[Clique aqui para se inscrever na nossa newsletter e não perder  
nenhum lançamento da Galuba Editorial](#)

## SOBRE A AUTORA

Eva Chase é uma escritora apaixonada por histórias sobrenaturais de tirar o fôlego, com mulheres fortes e homens que as valorizem. Ela vive no Canadá com a família e dedica seu tempo a escrever romances sobrenaturais e de fantasia urbana com muita ação, cenas calientes e personagens inesquecíveis.

Fatos curiosos sobre a autora:

Cor favorita: roxo violeta

Comidas favoritas: curry verde de frango, califórnia roll (sushi) e pizza

Local favorito para férias: Cancún

Animal favorito: golfinhos

Você pode conhecer seus outros projetos em [evachase.com](http://evachase.com) ou acessar as redes sociais da autora:



/ [AuthorEvaChase](https://twitter.com/AuthorEvaChase)



/ [EvaChaseBooks](https://www.facebook.com/EvaChaseBooks)

Caso queira fazer parte do grupo de leitores e fãs da autora, acesse o seguinte grupo e considere-se um “servo da magia” (minion of magic):



/ [groups/minionsofmagic](https://www.facebook.com/groups/minionsofmagic)

# CONHEÇA A GALUBA EDITORIAL

Das profundezas da literatura, surge a Galuba: uma editora focada em publicar mulheres do mundo inteiro. Fundada em 2020, nosso propósito é encorajar as mulheres no mercado editorial e promover a biodiversidade.

Mergulhe nessa história conosco!

Conheça outros títulos publicados em:



[www.galubaeditorial.com](http://www.galubaeditorial.com)



<https://www.instagram.com/galubaeditorial/>



<https://web.facebook.com/GalubaEditorial>



<https://br.pinterest.com/galubaeditorial/>

# CRÉDITOS E COPYRIGHT

TÍTULO ORIGINAL

Bound to Gods

EDITORA DE AQUISIÇÃO E REVISÃO

Carina Derschum

TRADUÇÃO:

Deborah Mathias

CAPA:

Marcela Nogueira

PRODUÇÃO DO EBOOK:

Laura Machado

IMAGENS DE CAPA:

Alexander Krivitskiy, Andy Art, Jeremy Thomas, Katie Harp, Raphael Schaller / Unsplash

© Eva Chase, 2018

© Galuba Editorial, 2022

Todos os direitos desta edição reservados à Galuba Editorial



